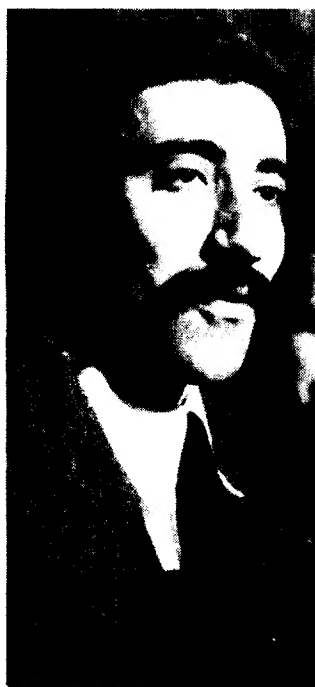




Acácio Barreiros demite-se da Comissão Permanente da UDP

Acácio Barreiros, deputado da UDP, apresentou a sua demissão de membro da Comissão Permanente daquele partido. O pedido de demissão prende-se com discordâncias face à linha política da UDP, nomeadamente em relação à campanha eleitoral que se avizinha, bem como em relação ao Governo Pintasilgo. Como se sabe, a UDP manifestou uma hostilidade clara perante o V Governo. Acácio Barreiros que já havia saído do PCP (R) estará presente no fim-de-semana à reunião da Comissão Nacional da UDP. Pensa-se que a verificarem-se alterações na linha da UDP Acácio Barreiros poderia considerar a sua decisão. Observadores têm como pouco provável que a reunião de sábado abandone a «linha dura» imposta pelo PCP (R) e que tem motivado nos últimos meses uma saída significativa de militantes que pertenciam simultaneamente à UDP. Esta dupla filiação é permitida legalmente, já que o PCP (R), enquanto organização «clandestina» não tem existência legal nem constitui um partido reconhecido nos termos da lei. Não será abusivo dizer-se que a tentativa de militantes do

Continua na pág. 24

MÉDICOS NÃO ADERIRAM AO CHAMAMENTO DA ORDEM

Hospitais funcionam normalmente

Face à situação registada esta manhã nos estabelecimentos hospitalares de Lisboa (designadamente no Hospital de Santa Maria, S. José, Estefânia e nas Maternidades Alfredo da Costa e Magalhães Coutinho), onde as consultas externas funcionaram normalmente, parece ter redundado num fracasso quase total a paralisação decretada pela Secção Regional da Ordem dos Médicos, à revelia do Sindicato da classe, no sentido de pressionar o Presidente da República a promulgar o «Estatuto do Médico» ferido de inconstitucionalidade, aprovado pelo Governo Mota Pinto e enviado a Belém, para publicação nos finais de Julho.

A paralisação (das oito horas de hoje até à meia-noite de sábado) decretada pela Or-

dem, que, segundo afirmou ao «DL» um seu porta-voz só a meio da tarde terá elementos sobre a forma como a classe acatou a sua deliberação, deverá incidir sobre os consultórios privados e policlínicas, Serviços Médico-Sociais, postos médicos de empresas, companhias de seguros e consultas hospitalares. Mantendo em funcionamento os Bancos dos hospitais distritais e concelhios, bem como os serviços de urgência dos hospitais estatais e privados de Lisboa. «Aqui tudo decorre normalmente, com as consultas externas a funcionarem praticamente a cem por cento», informaram-nos ao fim da manhã, do Hospital de Santa Maria.

Como se sabe, o Sindicato dos Médicos da Zona Sul con-

sidera esta greve ilegal, alegando não ter a Ordem capacidade jurídica para tomar tal decisão e de tentar com a sua atitude inviabilizar a aplicação da Lei de Bases do Serviço Nacional de Saúde. Referindo, por outro lado, que a Ordem esquece regalias vitais para os médicos, nomeadamente a segurança de emprego, definição das carreiras médicas, horário de trabalho e reforma.

Entretanto, num comunicado ontem divulgado, o Executivo do Sector de Saúde da Organização Regional de Lisboa do Partido Comunista Português, depois de manifestar a sua «preocupação com as manobras da direcção da Ordem no sentido de envolver os médicos numa «greve» que

Continua na pág. 24

Alguns apontamentos sobre a legalidade da greve dos médicos

Pág. 3

JOÃO FIGUEIREDO FORMA EQUIPA

Demissões no MCS?

O Ministério da Comunicação Social poderá conhecer em breve uma reestruturação dos serviços. Esta informação confirmada junto do Gabinete do Ministro poderia vir a afectar as duas direcções-gerais, a da Divulgação e a da Informação, ocupadas respectivamente por Mário Braga e Amâncio Fonseca. O lugar de secretário-geral do Palácio Foz poderá igualmente mudar de titular. Nesse sentido, Faria Bravo seria substituído. De notar, que se trata de três elementos socialistas. O major Tadeu, chefe de gabinete de João Figueiredo no III Governo poderia vir a ocupar o cargo de director-geral da Informação ou de secretário-geral do Ministério. Amâncio Fonseca o director-geral da Informação não deverá continuar no seu posto, por motivos que se prendem à notória inactividade dos seus serviços. De qualquer forma, apesar do «Portugal Socialista» indicar hoje na primeira página que o teste fundamental do V Governo será a Comunicação Social, não se pensa que estas eventuais alterações possam vir a provocar grandes reacções por parte do Partido Socialista, tendo em conta que assiste ao ministro a faculdade de formar a sua equipa de trabalho. O PS poderia querer indicar com o artigo referido, alterações de fundo na política do sector e não mudanças de pessoas, em lugares do Palácio Foz.

O «DL» NO DISTRITO DE VISEU — I

Onde se perde a força do cacique e mestre Aquilino continua vivo



Págs. 12 e 13

SEGUNDO CGTP-IN

Acalmia social pode existir

● Pedida anulação das ilegalidades cometidas pelo IV Governo

«A acalmia social existirá se forem resolvidos os problemas dos trabalhadores», afirmou esta manhã, em conferência de Imprensa, o Secretariado Nacional da CGTP-IN.

A resolução desses problemas, segundo aquela central sindical, passa pela anulação de «todas as ilegalidades, arbitrariedades e prepotências cometidas pelo ex-Governo Mota Pinto» e pela suspensão do chamado «pacote laboral» aprovado no último Conselho de Ministros, efectuado na véspera da tomada de posse do Executivo Pintasilgo.

Foi acentuado que a oposição

do Movimento Sindical e dos trabalhadores ao «pacote laboral» Mota Pinto/CIP «resultou do facto de quase todos os projectos serem organicamente inconstitucionais, por versarem matéria de exclusiva competência da Assembleia da República, ou materialmente inconstitucionais por consagrarem princípios e soluções que colidiam com os que a Constituição prevê e impõe».

Caso fosse aplicada a legislação aprovada no Conselho de Ministros reunido à revelia, verificar-se-iam, segundo a

Continua na pág. 24



FAGOR

FRIGORÍFICOS • MÁQUINAS DE LAVAR

VIVA MELHOR COM FAGOR

Enviado
especial
Neves
de Sousa
viaja com

AVIS

Rent a Car

PACOTE DE INFORMAÇÃO — 2

Jornalista: cidadão com estatuto próprio Televisão: todos pretendem controlar

Em breve, quando o Presidente da República promulgar a lei que consagra o Estatuto do Jornalista, ficará satisfeita uma velha aspiração da classe. Será, no entanto, restritivo limitar o alcance desta lei a uma classe, a um grupo. Os jornalistas, «os mediadores de comunicação», são considerados hoje como integradores da sociedade, como um elemento da sua inter-relação e homogeneização. A comunicação que através deles se estabelece permite, entre outros fenómenos, uma participação do indivíduo no processo de tomada de decisões. Por outras palavras, o jornalismo é, modernamente, um instrumento de concretização da Democracia. Neste sentido, o Estatuto do Jornalista não é uma conquista de uma classe, mas de todos. Pelo simples facto de que o jornalismo não existe porque há jornalistas, nem para os jornalistas. O jornalismo existe pela necessidade de comunicação entre os homens, pela garantia de que os factos não serão ocultados de quem exerce a soberania dos Estados: o Povo.

Gostariamos de dizer que o Estatuto do Jornalista que juntamente com a Lei da Televisão ocupa hoje as linhas deste artigo, não é uma lei perfeita. Se bem que os princípios consignados sejam louváveis e traduzam o mesmo sentido de progresso que encontramos na legislação radiofónica, a verdade é que a pobreza conceptual deste diploma é flagrante. Reservemos este aspecto para o terceiro e último artigo que sobre o «pacote da informação» concebemos.

Vejam os então o que a todos reserva o Estatuto do Jornalista.

A profissão de jornalista é objecto de definição mais ou menos exaustiva nos primeiros artigos da lei. Em resumo, um jornalista é quem, com mais de 18 anos e munido do respectivo título profissional, exerce funções de redacção ou reportagem fotográfica, em regime de contrato de trabalho, numa empresa jornalística ou noticiosa e ainda quem desempenha funções jornalísticas numa empresa de comunicação social ou produza documentários cinematográficos de natureza informativa. Esta descrição, sem dúvida incipiente e rudimentar, servirá para o efeito, sendo alargada ainda a quem desempenha função de direcção de publicação periódica editada por uma empresa jornalística, de serviço de informação de agência noticiosa, de emissora de rádio ou televisão.

Após definir quem não pode ser jornalista, por incompatibilidade de funções exercidas em campos específicos, como a publicidade ou as Forças Armadas, a lei determina, e bem, que o jornalista tem de estar habilitado pelo respectivo título. Esta é outra das velhas reivindicações da classe: a carteira profissional. Neste aspecto, a lei estabelece que o Governo publicará 30 dias

após a publicação da lei o regulamento respectivo, depois de ouvido o sindicato. Após um debate árido como longo, fica atribuído ao Sindicato dos Jornalistas o exclusivo da passagem da carteira.

Apesar de não serem jornalistas, a lei prevê uma equiparação para efeitos de sujeição ao Código Deontológico e acesso às fontes de informação oficiais a um conjunto de trabalhadores dos «media» bastante amplo, o que é positivo.

Mas, para além de dizer quem é o jornalista, a lei prevê igualmente como se deve comportar o jornalista, os seus deveres e direitos.

Entre os seus direitos destacam-se as liberdades de criação, expressão e divulgação bem como de acesso às fontes de informação oficiais. A participação no seu órgão de comunicação é outro dos seus direitos, embora limitado no caso dos meios de comunicação pertencentes ao Estado. Estes direitos são exercidos, naturalmente, ao abrigo de impedimentos ou discriminações, sem censura, autorização ou caução, tendo embora em conta as competências da direcção ou Conselho de Redacção. Exemplares, no capítulo das liberdades e garantias democráticas, são os artigos referentes ao acesso às fontes de informação e ao sigilo profissional. Começando por este último, o jornalista tem o direito de recusar a revelação das suas fontes. Neste capítulo, algo de novo se passa nos Estados Unidos, onde o Supremo Tribunal de Justiça tem cerceado, com muita polémica, este direito que agora fica estabelecido entre nós.

Quanto ao acesso às fontes, e à boa maneira americana, o jornalista tem o direito de aceder à informação que deseja em todos os departamentos da Adminis-

tração Pública, bem como em todas as empresas públicas ou sob o foro do direito público ou ainda, explorando uma concessão de serviços públicos, naquilo a que a concessão respeitar. Este direito fundamental não reverte em exclusivo para o jornalista, mas para o cidadão em geral, co-proprietário das empresas referidas.

Este direito engloba outros: o de não ser detido, afastado ou impedido de desempenhar a sua missão onde a sua presença seja exigida pelo cumprimento das suas funções profissionais; o de não ser desapossado em qualquer local e a qualquer momento do material utilizado ou mesmo não poder ser obrigado a exhibir os elementos recolhidos.

Finalmente, e para não prolongar a enumeração dos princípios legislativos, refira-se ainda o facto do jornalista não poder ser obrigado a exprimir opinião ou cometer actos profissionais contrários à sua consciência. Igualmente o jornalista pode rescindir unilateralmente o seu vínculo contratual com a empresa onde trabalha, tendo direito a indemnização, quando se confirme através do Conselho de Imprensa uma alteração profunda na linha de orientação do órgão onde trabalhe.

Independentemente dos comentários que no próximo artigo faremos, o jornalista passa, com o estatuto, a ter uma lei que o protege devidamente, embora se possa dizer que com ela adquiriu igualmente deveres a que não deve isentar-se, já que a sua profissão existe para todos, para a comunidade.

TELEVISÃO, UM «MONOPÓLIO» JUSTO

Outro dos presentes do «Pacote da Informação» diz respeito à Lei da Televisão, lei baseada fundamentalmente em projectos do PS e do PSD. Semelhante na sua estrutura e conteúdo à da Rádio, diferencia-se, designadamente, no carácter de exclusividade que atribui à exploração deste meio pelo Estado.

Tal como a Rádio, a Televisão tem por finalidade contribuir para a formação e informação dos portugueses, defendendo os valores intelectuais do País e a língua portuguesa, designadamente. Igualmente, deve promover o progresso social no respeito das liberdades e direitos fundamentais com vista à edificação de uma sociedade livre,

democrática e pluralista.

Fruto apetecido e invejado, a Televisão, já que não é permitido explicitar-se uma dependência de qualquer Poder, económico ou político, vê que todos a querem proteger e fiscalizar. Para além dos órgãos de gestão que devem controlar o equilíbrio da sua programação, para além da existência do respectivo Conselho de Informação, lei diz expressamente que «o Estado, através da Assembleia da República, do Governo e dos Tribunais, fiscaliza, nos termos da lei, o exercício da actividade de radiotelevisão». Claro que se pode dizer que o Governo fiscaliza através dos representantes que tem nos órgãos de gestão, que a Assembleia idem e através do CI e que os Tribunais, bem os Tribunais não sabemos como fiscalizam... Mas, todos fiscalizam. A verdade é que este artigo 5.º é freudiano. Revela o subconsciente do legislador. Os Tribunais não devem passar da apreciação das queixas apresentadas segundo a presente lei e os códigos vigentes. Nessa medida, é pleonástico dizer-se que os Tribunais fiscalizam a RTP.

Formalmente fica assegurada à Televisão Pública a independência da sua programação.

Tal como na Rádio Pública, passa a existir na RTP um Conselho de Redacção que se deverá pronunciar de forma consultiva sobre a admissão e despedimento de jornalistas, como já acontece na Imprensa. O Conselho de Redacção da Televisão não se pronuncia sobre a orientação imprimeira do conteúdo da programação, informação, propriamente dita, incluída. Panaceia, que decorre dos termos constitucionais, irrelevante em termos gerais, mas que oculta outra realidade.

Como acontece na Rádio, fica definido o direito de antena a utilizar pelas forças sociais e políticas como o direito de resposta. Da mesma forma, a lei estabelece um conjunto de normas que regulam o procedimento em matéria de responsabilização criminal e civil por desrespeito ao seu conteúdo.

Estes tópicos que aqui deixamos permitirão um curto comentário ao sentido da lei, às suas falhas, às suas imprecisões. No conjunto, o Estatuto do Jornalista como a Lei da Rádio são documentos positivos, indispensáveis e suficientes ao exercício de uma Comunicação participada e emancipadora. Tanto desejem os mediadores, permitam os órgãos de gestão, incitem os cidadãos e não inviabilizem os políticos.

LISBOA, VERBO AMAR



Feliciano

4 de Dezembro — Esta manhã estava eu, da janela, a conversar com a minha colega do 96, que vinha do supermercado, quando um senhor de certa idade, mas muito bem parecido, disse «com licença!» para passar no passeio entre nós as duas. Achei muito simpático da parte dele. A minha colega disse que ele mora na Pílhora Chagas, se chama senhor Sequeira e é reformado da CP.

10 de Dezembro — o sr. Sequeira passou por debaixo da janela e deu-me as boas tardes. Olhou-me de uma certa maneira.

12 de Dezembro — Estava eu a limpar os vidros da janela, em cima do escadote, quando vejo o sr. Sequeira lá ao fundo. Só tirei o lenço amarrado na cabeça e o mais continuei com o meu trabalho. É um homem sério. Disse assim: «O trabalho não envergonha ninguém». Vai, sai-se com esta: que ia ver uma territa que tinha lá pró Norte e se eu não me importava que me mandasse de lá uma encomenda. Ri, ora essa importa-me de quê. Podia mandar em nome de Feliciano de Jesus.

20 de Dezembro — Até hoje, de encomendas, nada. Nem ele nunca mais se lembrou. O certo é que já nem me dá gosto ir prá janela. Aos 37 anos de idade, o sr. Sequeira é a primeira pessoa que repara em mim.

23 de Dezembro — Recebi hoje notícias: dois queijos da serra e uma garrafa com aguardente de zimbro. Dentro vinha uma carta em que o sr. Sequeira me trata por menina Feliciano e escreve que tem uma coisa muito importante para me dizer, mas só quando regressar a Lisboa.

Regressar, não sei porquê, é uma palavra muito bonita.

28 de Dezembro — Quando tocaram a campainha passou-me tudo pela cabeça menos que fosse o sr. Sequeira, mas era. Eu fiquei toda a tremer. Convidou-me para ir ao cinema, eu disse-lhe que não podia porque os meus patrões costumam telefonar à noite. Ficou resolvido irmos à sessão das seis e meia e depois irmos jantar.

Fomos aqui ao City Cine e depois jantámos na «Colina». Eu comi pato estufado, uma delícia, ele comeu ensopado de vitela. Contou-me a sua vida toda, até ficar viúvo, e quanto ganha, e as regalias que tem, e quanto paga de renda. Perguntou se duas pessoas podiam viver assim. Respondi-lhe que sim, sem larguezas e bem governadinho. Perguntou se eu queria casar com ele. Respondi-lhe que era de pensar.

29 de Dezembro — Perguntei-lhe se aquilo de casar era com papéis e tudo. Vai ele que sim, que nem pensava doutro modo. E mais: que já não estava em idade de perder tempo, logo queria que eu fosse já prá companhia dele.

Aqui, eu disse que não, porque não tinha avisado os senhores e só iria prá companhia dele quando tivesse começado a meter os papéis.

19 de Janeiro — Recebi hoje a certidão de idade. Telefonei ao sr. Sequeira para me vir buscar. Tenho as malas prontas.

20 de Janeiro — Estou moedinha mas consoladinha. Os 60 anos do sr. Sequeira enganaram muito. Depois de casar, vamos ao Norte. Ele tem desconto nos bilhetes.

MÁRIO CASTIMIR

Emigrantes lêem "O Futuro" na RFA

Intitula-se «O Futuro» o jornal feito por emigrantes e para emigrantes portugueses na cidade de Hamburgo, na RFA.

Já com vinte números saídos, a última edição apresenta-se com novo formato e nova paginação.

Ao longo de oito páginas, desdobra-se toda uma informação variada sobre a vida e a luta dos trabalhadores emigrantes, bem como notícias sobre a situação política e económica em Portugal.

Publicações do grupo "Times" talvez na rua em Setembro

Os jornais do grupo «Times» poderão reaparecer durante o mês de Setembro se o acordo de princípio concluído entre os Sindicatos e Direcção for aprovado esta semana pelos empregados do grupo.

A Direcção do grupo «Times Newspaper» e os sindicatos que representam o pessoal chegaram na passada sexta-feira a um acordo que prevê a reaparição do jornal «Times» quatro semanas depois da aprovação pela base das últimas propostas da direcção, soube-se de fonte sindical.

As outras publicações do grupo, incluindo o «Sunday Times», reapareceriam num prazo de seis semanas.

Argentina: posições pró-Nicarágua levam jornalistas à prisão

O chefe de Redacção do diário «La Opinion», de Santa Fé, cidade argentina situada a 300 quilómetros de Buenos Aires, foi ontem preso por ter publicado uma notícia, distribuída por uma agência internacional, sobre a presença de extremistas argentinos na Nicarágua.

O jornalista, Emilio José Grande, de 50 anos, foi detido, acusado de violar a Lei de Segurança Nacional e considerado «responsável» pela notícia inserida no seu jornal.

Entretanto, o director do diário «El Litoral», de Santa Fé, Riobo Caputo, está a cumprir uma pena de prisão domiciliária, e o director do «La Opinion», de Rafaela, Renaldo Actis, foi já libertado, depois de cumprir uma pena pelo mesmo motivo.

A Associação Argentina de Publicações Jornalísticas

(ADEPÁ) emitiu entretanto outro comunicado criticando a detenção dos jornalistas e a aplicação da chamada Lei da Segurança, que afecta a liberdade de imprensa.



CONCURSO

NÃO DEIXE PARA O FIM

Envie hoje mesmo a sua colecção

Terminada que foi a repetição dos cupões da 1.ª série, feita com o objectivo de habilitar ao sorteio os nossos leitores, a quem faltava algum cupão, basta agora enviar as colecções de cupões e o boletim de identificação para o «Diário de Lisboa». Leia, por favor, as indicações seguintes, e envie hoje mesmo a sua colecção!

- **PARA SE HABILITAR AO SORTEIO** o leitor deverá juntar 30 cupões numerados de 1 a 30 (de qualquer das 2 séries) recortados pelo tracejado e tendo anexo um boletim de identificação;
- **O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquiriu o seu jornal;
- **O TALÃO RECIBO** deverá ser igualmente preenchido no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado, para o que terá de juntar um selo de correio de 5\$00. Se não o fizer, o leitor não deixa por isso de se habilitar ao sorteio; acontece apenas que não terá em seu poder a informação do número que lhe coube para o sorteio;
- **QUANTO AO ENVIO** o leitor pode enviar quantas colecções quiser, mas sempre só uma em cada envelope.

e cada uma acompanhada de um boletim de identificação devidamente preenchido e de um selo de 5\$00 no caso de desejar a devolução do talão recibo.

• **O PRAZO DE ENVIO** termina em 14 de Agosto de 1979 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviadas para

DIÁRIO DE LISBOA — CONCURSO
RUA LUZ SORIANO 44
1200 LISBOA

• **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções;

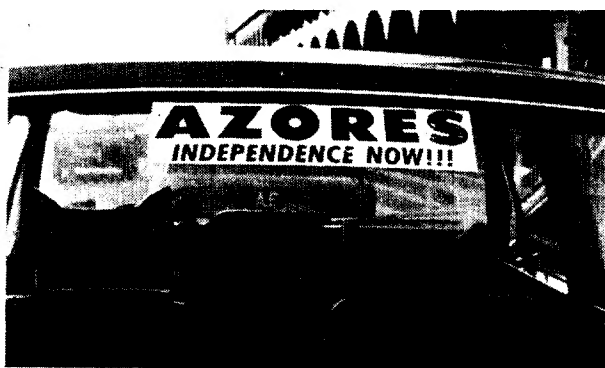
• **O APURAMENTO DAS COLECÇÕES** será feito entre 14 e 31 de Agosto de 1979, sendo esta última a data prevista para o sorteio.

O concorrente deverá indicar o nome completo tal como figura no seu bilhete de identidade

Não se esqueça de indicar o nome e endereço do vendedor ou do estabelecimento onde adquiriu o «Diário de Lisboa»

ponto a ponto

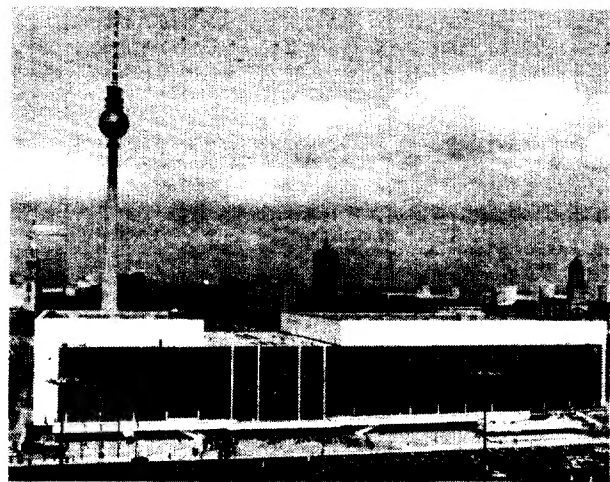
«Foi um momento de grande emoção que tive a felicidade de viver na casa do Parlamento a que me honro a que me honro de pertencer» — afirmou António Macedo em entrevista ao órgão oficial do PS, ao referir-se à recente votação na AR do inquérito parlamentar que o ilibou de todas as calúnias e difamações de que fora alvo em jornais reaccionários e de extrema-direita. O presidente do PS refere entretanto que apenas se sentirá completamente satisfeito «quando se castigarem exemplarmente os responsáveis pela citada campanha. Registe-se que a AR votou unanimemente os resultados do inquérito com as bancadas do PS e do PCP a aplaudir demoradamente, e de pé, desagravo público prestado ao prestigioso resistente antifascista.



Um congressista dos EUA, Edward Beart, visita os Açores de 7 a 12 deste mês, a convite da organização separatista FLA. Aquele membro do Congresso norte-americano, eleito por Rhode Island, visitará as ilhas Terceira e S. Miguel. Segundo informação da agência oficial, Beart encontrará-se à com comerciantes, industriais e banqueiros, devendo ainda participar num espectáculo em Ponta Delgada, promovido pela organização comandada por José de Almeida. Não é conhecida, entretanto, qualquer posição ou reacção do Governo Regional de Mota Amaral ao insólito convite.



O presidente do Brasil, general João Figuerdo enviou um telegrama a Mário Soares, agradecendo o apoio do dirigente do PS ao projecto governamental brasileiro de amnistia, que visa — diz o general — que os brasileiros «se dêem as mãos», proibindo no entanto expressamente a existência legal do Partido Comunista (PCB). O PR do Brasil informa ter assim procedido por «um imperativo da hora presente» atendendo ao «estádio de desenvolvimento que já atingimos, decorridos 15 anos...» e concluiu para Soares: «rejuveno-me ao receber os cumprimentos insuspeitos de Vossa Excelência».



Uma delegação do PCP, constituída por presidentes ou vereadores camarários (de Mértola, Alandroal, Borba, Alpalhão, Mora, Odemira, Crato, Montemor-o-Novo e Portalegre) visitou na última semana de Julho a República Democrática Alemã, onde tratou de questões municipais e do poder local. A delegação comunista foi ainda recebida na Província de Neubrandeburgo, onde visitou creches, escolas, parques desportivos, hospitais, centros de repouso e cultura e cooperativas, tendo ainda, tomado conhecimento directo do funcionamento de serviços de transportes, limpeza e obras públicas e em Sorow, visitou a escola Catarina Eufémia.

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A LEGALIDADE DA GREVE DOS MÉDICOS

A Secção Regional do Sul da Ordem dos Médicos publicou nos jornais de sexta-feira (28-7-79) um comunicado onde se anuncia que os «médicos vão paralisar nos dias 2, 3 e 4 de Agosto». Sem quaisquer preocupações de ordem legal a Secção Regional do Sul apelida a paralisação como «greve».

O seu Conselho Regional subscreve o referido comunicado, assumindo publicamente a responsabilidade pela sua emissão.

Segundo este órgão, a greve consistirá numa «limitação temporária e parcial da normal prestação de cuidados médicos» o que determinará a suspensão de «todas as actividades médicas em todos os locais de trabalho — clínica privada, centros de saúde, caixas de previdência, hospitais, policlinicas, companhias de seguros, tribunais, docência, etc., exceptuando-se apenas os serviços de urgência dos hospitais».

Como se verifica facilmente, estamos de pleno perante a figura da greve.

Se é certo que a nossa lei não nos oferece um conceito de greve, não deixa de ser sintomático que em quaisquer das definições de greve cabe a conduta

adoptada pela Ordem dos Médicos.

Assim, para Monteiro Fernandes («Noções Fundamentais de Direito de Trabalho», 2.ª edição, pág. 379), greve será «uma abstenção colectiva e concertada da prestação de trabalho, através da qual um grupo de trabalhadores intenta exercer pressão no sentido de obter a realização de um certo interesse ou objectivo comum».

(Embora não concorde, de pleno, com tal conceito de greve, entendo que deve ser citado para obstar a eventuais suspeições sobre o discurso ideológico destes apontamentos).

Podem-se citar outras definições de greve.

Por exemplo, para Kamenylnck («Traité de Droit du Travail», «La Greve», pág. 133), «a greve é a recusa colectiva e concertada ao trabalho, manifestando os trabalhadores a intenção de se colocarem provisoriamente fora do contrato (a expressão original é «hors contrat») a fim de assegurar o sucesso das suas reivindicações».

Para Rivero Savatier («Droit du Travail», pág. 180), «a greve é a cessação concertada do trabalho pelos trabalhadores, com a finalidade de pressionar o em-

JOÃO CORREIA

pregador a aceitar o seu ponto de vista sobre a questão que constitui objecto do litígio».

Em qualquer das citações se constata que a greve opera a suspensão temporária da actividade prestada pelo trabalhador com a finalidade de obter a satisfação de uma reivindicação económica ou política.

A Constituição da República prevê e garante o direito à greve, cometendo aos trabalhadores o poder de definir o âmbito de interesses a defender através da greve (Artigo 59.º).

Colocando estas definições e os textos legais perante a comunicação da Ordem dos Médicos, que tenta impor à classe médica a paralisação da prestação de cuidados médicos nos dias 2, 3 e 4 de Agosto, coloca-se a questão da legalidade desta greve, ou seja, por outras palavras, há que indagar se a Ordem dos Médicos pode lançar mão desta luta.

Tal problemática há-de ser resolvida à luz da Lei n.º 65/77, de 26 de Agosto, que regulamenta o exercício do direito à greve.

Segundo este diploma, o recurso à greve pode ser decidido:

- Pelas associações sindicais (Artigo 2.º, n.º 1).
- Por assembleias de trabalhadores, sempre que a maioria não esteja representada por associações sindicais (Artigo 2.º, n.º 2).

Sendo público que a Ordem dos Médicos não provocou reuniões de médicos com vista à adopção desta forma de luta e que estes, por seu turno, por sua iniciativa, não efectuaram quaisquer reuniões ou assembleias visando deliberar sobre o exercício de tal direito, vemo-nos circunscrever à verificação da legalidade da greve decidida pela Ordem dos Médicos.

Sendo assim, pode-se dizer que a greve é legal se a Ordem dos Médicos for uma associação sindical e, consequentemente, será ilícita ou ilegal se o não for.

A natureza jurídica da Ordem dos Médicos foi analisada no Parecer 2/28 da Comissão Constitucional (in «Pareceres»... a págs. 151 e ss. do IV vol).

Continua na pág. 4



PRIMEIRO DISCURSO

No discurso de posse, no seu primeiro discurso como Primeiro-Ministro, a eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo afirmou: «A luta que travamos é contra o tempo...» Pela continuação da frase e pela citação do poeta, esse tempo que importa empurrar «ao encontro das cidades futuras», não se restringe à «marcha de 100 dias», iniciada com um ritual de fria convencionalidade, desde as fórmulas e das palavras, aos sorrisos e aos cumprimentos.

Esse tempo, na leitura que do discurso fazemos, deve ser interpretado como uma referência sagaz ao tempo já perdido pela nossa jovem democracia e ao tempo que urge para enfrentar com coragem e com audácia, com determinação e com inteligência, com saber e com imaginação, os problemas portugueses.

Deverá ser interpretado como tempo de atraso e tempo de mudança. É mais um voto do que uma possibilidade. Com efeito, este Governo de «100 dias», por muito que um novo impasse lhe prolongue a vida, não tem qualidade política para ser o Governo das grandes mudanças e das energias recuperatórias. Nas condições actuais o diálogo com o povo, tal como a eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo declarou que o desejava, é necessário mas não é suficiente. O diálogo directo pressupõe um consentimento das estruturas existentes. O Primeiro-Ministro deste «Governo de 100 dias», nomeado para assegurar a isenta realização de «eleições intercalares», não poderá, não deverá, falar com os seus concidadãos desconhecendo as estruturas políticas e sindicais, e, quanto às políticas, desconhecendo as realidades sectoriais e nacionais sem representação parlamentar.

O Governo deverá assegurar uma consulta eleitoral de emergência, limpa e livre, digna, isenta, serena. Mas terá que administrar. Não se pode continuar a perder tempo e a não fazer contas ao tempo. Não se tratará propriamente de desenharmos novos caminhos, mas de restabelecer os itinerários fixados na Constituição, de percorrer os rumos anunciados em Abril, com Abril.

E sob este particular aspecto, grandes trabalhos esperam o Primeiro-Ministro e aqueles dos membros da sua equipa que se disponham a apagar as manchas, as prepotências, as inconsequências e os erros do mau Governo Mota Pinto.

Breve missão, nos seus parâmetros constitucionais, este Governo não poderá ser considerado apenas de serviço, de sacrifício e de missão (são do Primeiro-Ministro estas palavras), mas de voluntário e entusiástico sentido de um dever cívico. Maria de Lurdes Pintasilgo não ocultou ter aceiteado a árdua tarefa com a consciência do «risco e o gosto de o enfrentar». E é bom que esteja consciente dos riscos e decidida a enfrentá-los com os portugueses seus concidadãos, com todos se sentindo co-responsáveis, não se detendo nos antagonismos estereis, mas não ignorando os antagonismos reais de uma sociedade dividida. A luta política é luta social. A sociedade é uma totalidade trabalhada por contradições. Mesmo um Governo isento, e de «100 dias», terá que

ter posição e que tomar partido.

Disse a eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo que a privilegiar alguém, esses seriam «os discriminados, os mais desfavorecidos». Assim seja. Mas sem perder de vista que a fraternidade deverá ser activamente justiça, que Abril não foi só a esperança da abolição de privilégios, mas a promessa de mudanças radicais.

Sabemos — claro que sabemos — que 100 dias é tempo escasso e que é limitado o horizonte deste V Governo Constitucional, mas há que avançar nesse caminho, no caminho de Abril.

SEGUNDO DISCURSO

O general Ramalho Eanes, Presidente da República, discursou na cerimónia de posse do V Governo Constitucional e esclareceu alguns dos objectivos, que no «quadro» da sua «responsabilidade institucional» tivera em conta ao dissolver a Assembleia da República e convocar «eleições intercalares». Transcrevemos:

«1 — Preservação do prestígio da Assembleia da República, enquanto órgão de soberania, evitando, em especial, que a sua dissolução pudesse ter interpretações lesivas da consideração que a sua importância justifica no sistema democrático português.

«2 — Defesa da participação popular nas próximas eleições, mediante um procedimento que tornasse claro à opinião pública que a dissolução da Assembleia resulta de não se ter conseguido encontrar uma plataforma de entendimento entre os partidos, e não de qualquer juízo negativo sobre a função das organizações partidárias na vida democrática.

«3 — Apreciação e crítica pela Assembleia do programa do Governo, de modo a permitir um debate aberto dos grandes problemas nacionais, com a serenidade que possa incentivar a participação dos portugueses no próximo acto eleitoral.

«4 — Ampliação, ao quadro parlamentar, dos parâmetros da confiança política de que deve estar investido o Governo encarregado de conduzir a política geral do País até ao momento das eleições.

«5 — Garantia de que a dissolução da Assembleia — que é um acto político condicionado à autorização do órgão constitucional competente — não afastará a subordinação do Governo ao seu próprio programa nem impedirá os partidos de aferir a conformidade da acção do Governo.»

Garantiu o Presidente que «as eleições serão integralmente democráticas» e já tinha assegurado que serão rigorosamente «intercalares». Mas, no discurso do Presidente, da boa intenção e da democraticidade algo destoa: o elogio lamentável do Governo Mota Pinto. Governo politicamente desqualificado, parlamentarmente condenado, condenado pela opinião pública. Governo para o qual, em relação aos últimos dias de vigência, uma atitude se impunha — a de revogar tudo quanto decidiu, despachou e legislou. Tudo, e não só as divulgadas nomeações de membros do Governo e de apaniguados do Governo para cargos de repouso e sobrevivência. Tudo, e não só as ilegalidades e as arbitrariedades, já sublinhadas pela violência, contra os camponeses do Alentejo.

A gratidão é uma qualidade dos homens de Estado. A teimosia, não.

Ontem, na «Política de A a Z» foi esquecido o título. Era o seguinte: «O Regresso à Política...»

A LEGALIDADE DA GREVE DOS MÉDICOS

Continuação da pág. 3

Muito embora este parecer não tenha alcançado uma conclusão sobre a natureza jurídica da Ordem dos Médicos, o certo é que a configura como uma pessoa colectiva de direito público, investida de poderes de autoridade que só ao Estado podem originariamente caber, afastando expressamente a natureza de associação sindical, como se verá.

É assim que, a pág. 171, se pode ler no Parecer 2/78 da Comissão Constitucional:

«Com representação e auto-regulamentação corporativa, não se trata então de qualquer espécie de participação de organismos representativos na vida política ou na realização de interesses económico-sociais; trata-se de participação dos membros de certa classe profissional na definição e na observância das regras específicas que lhe dizem respeito, através de organismos para tanto investidos de poderes de autoridade pelo Estado».

Por outro lado, no seguimento deste raciocínio, o mesmo parecer afasta expressamente a natureza de associação sindical à Ordem dos Médicos quando diz: «o citado Artigo 6.º, Alínea b) do estatuto... importando o conferimento à Ordem de funções sindicais, fala em «fomentar e defender os interesses da profissão médica a todos os níveis, nomeadamente no respeitante à promoção sócio-profissional, à Segurança Social e às relações de trabalho. Esta última alusão, parece, na verdade, inconstitucional, por a expressão «relações de trabalho» somente ter sentido em termos de trabalho subordinado e por toda a acção concernente a este incumbir aos sindicatos — tal como aos sindicatos e só a eles, cabe, do lado dos trabalhadores, o direito de contratação colectiva».

Aceitando esta tese, que só peca por defeito, o Conselho da Revolução, por via da Resolução n.º 11/78, considerou inconstitucionais diversas normas do Estatuto da Ordem dos Médicos, aprovado pelo DL n.º 282/77 de 5 de Julho, designadamente a alínea b) do Artigo 6.º, que cometa a esta corporação o poder de «defender os interesses dos médicos... nomeadamente no respeitante às relações de trabalho».

Extirpadas assim dos estatutos as funções sindicais, a Ordem dos Médicos viu-se cingida à sua natureza de pessoa colectiva de direito público, que deverá prosseguir interesses dos médicos enquanto tal e não pressupondo a existência de qualquer relação laboral.

Assim, à Ordem dos Médicos cabe o exercício de funções deontológicas e técnicas, devendo compartilhar com o Estado o poder de soberania deste no que concerne à actividade da

medicina, quer esta seja exercida em moldes liberais quer por conta de outrem. Só assim se compreenderá (mas não se aceitará) a obrigatoriedade da inscrição e do pagamento de quotas. (A aprovação dos Estatutos da Ordem dos Médicos por via de decreto-lei não é, na realidade, suficiente para conferir tais atribuições a este organismo).

Estamos, agora, em condições de analisar a legalidade da greve decretada pela Ordem.

Como se viu, ela não resulta de decisão de uma associação sindical nem de assembleias de médicos que, por não se encontrarem representados sindicalmente, deliberassem nesse sentido.

Sendo estas as duas únicas formas válidas de declarar a greve, conforme prevê o Artigo 2.º da Lei 65/77, constata-se que nenhuma delas foi adoptada.

Conclui-se, assim, inexoravelmente, pela ilegalidade e pela ilicitude desta greve.

As consequências que advirão para os médicos que seguirem as instruções da Ordem poderão ser graves se o Governo se mostrar na disposição de cumprir a lei.

Muito embora possam argumentar que a Ordem dos Médicos os induziu em erro na medida em que, pelo teor dos comunicados, faz crer à classe médica que se encontra no pleno e legítimo direito à greve, o certo é que tal argumento não colhe, uma vez que envolve o desconhecimento da lei e da resolução do Conselho da Revolução que retirou à Ordem dos Médicos as funções sindicais.

O Governo que está prestes a cessar as suas funções há-de, seguramente, ter garantido aos dirigentes da Ordem que não perseguia disciplinarmente os médicos que paralisassem a sua actividade.

De outra forma nem se compreenderia o silêncio do Executivo perante a paralisação de uma actividade que satisfaz necessidades sociais impreteríveis, nem a ausência de ameaça de requisição civil que seria consentânea com a «autoridade democrática do Estado» na aceção do Primeiro-Ministro demitido.

No entanto, o novo Governo pode não aceitar a visão distorcida e unilateral da lei e conjurar tal greve, aplicando-lhe os textos legais que vierem ao caso.

Se assim for, cabem gravíssimas responsabilidades civis e criminais aos gestores da Ordem dos Médicos, que uma classe ferida na sua honra, seguramente, se verá obrigada a pedir.

A classe médica tem uma consciência aguda da lei, sendo mesmo característica sua a preocupação de não infringi-la. A Ordem dos Médicos pretende empurrá-la para a ilegalidade.

Num Estado de direito, mesmo do tipo ocidental, as consequências poderiam ser graves.

TRIBUNA LIVRE

LUIS COELHO

ANTÓNIO RAMALHO EANES, general propriamente dito

Quando o discurso da Vontade antecede o discurso do Poder, quaisquer que sejam as margens do curso de água, o rosto terá de ser o da Força onde não caiba o mais fugidio sorriso carteriano. (Nem) todas as linhas verticais são machas. Mas o RPF gaullista cimentou-se mais e acabou por ser no dia em que o general da resistência francesa fez tombar Bidault e Salan (com o que baralhou Thorez) e vertical, sem humor fez da França a Bem-Amada da sua geriátrica virilidade. Com a saudável hipocrisia dum grande político.

Quando o discurso da Verdade antecede o discurso do Poder, quaisquer que sejam as margens do curso de água, o rosto terá de ser o da Inteligência onde não pode lampear o mais fugaz tique de provincialismo novo-rico ou bacoco. (Nem) todos os raciocínios são de reter (para ruminar mais tarde). Mas

Portugal todo, sem muita quezília, trabalhou um domingo a fio quando Vasco Gonçalves lho solicitou. Sem a saudável hipocrisia dum grande político. Nem outra qualquer.

Neste plano geométrico, António Ramalho Eanes, o general propriamente dito, traçou a bissectriz. Nem sempre por ela se norteia, mas... Ainda se conserva, Chefe, na sala da operação militar, ao fundo do piso térreo do Posto de Comando.

(A lógica desafiada destas observações determina que se diga já que «o mal deste País é não ter produzido até agora um demagogo que lhe esteja à altura».)

Pelo timbre da voz e pelas linhas do rosto, António Ramalho Eanes denuncia um zeloso Comandante de Companhia que cumula as funções de capelão do Batalhão e de instrutor de «lusitos» na Escola da Missão, lá em baixo, a uns mil metros do aquartelamento. Mas o que diz em dis-

curso e em notas oficiais por si rubricadas, por força de ser ele o Presidente da República, denuncia um geómetra delicado, atento e crítico aos postulados clássicos. A gravidade das maneiras, hieráticas quase, e as atitudes políticas pontuais (sublinhe-se, sempre coerentes com o seu comportamento político de militar) têm, por vezes, confundido muitos analistas e muitos dirigentes políticos. «Quem é este homem? Para onde vai?». «Vê-se que percorre um caminho; qual a meta desse caminho?». Donde muitas das suas intervenções mais marcantes na vida política do Chiado ou da Aldeia Nova serem passíveis de serem rotuladas de herméticas, esfíngicas, sibilinas, contraditórias ou, simplesmente, silenciosas («continuamos em águas-de-bacalhau»), e isto é sensorialmente avivado pela pose comedida, pelo rosto fechado com tintas de ascese. Cedo se falou de 'presidencialismo', logo depois de 'eanismo'. Muitos perscrutadores a traçar o itinerário 'do discurso da Vontade que antecede o discurso do Poder'. E quebraram-se lanças. Só que António Ramalho Eanes entendeu o movimento de envolvimento dos aliados bachareis e não foi em histórias da carochinha como no conto parodiado: «Era uma vez uma carochinha que estava a varrer a cozinha e achou seis estrelinhas; pô-las na manga e botou-se à janela a dizer para quem passava: — Quem quer casar com a carochinha, que é sisuda e per-

feitinha e achou seis estrelinhas ao varrer a cozinha? Etc.» António Ramalho Eanes não pode querer, por ora, um partido, um aliado, uma base definida. Optou para já por todo o Povo e deu a entender que a tal meta que lhe buscam é, apenas, a Democracia, a Democracia «tout court». Aviso aos incautos: Isto da parte de António Ramalho Eanes foi uma autêntica **generalidade**.

Das suas intenções práticas que sabemos ao certo? Creio que apenas isto: Recandidatar-se (para ser eleito, como é óbvio) de novo à Presidência da República.

Para quê? Para ter tempo para cumprir, ou deixar um pouco mais firme, o que iniciou: formalmente um organograma dum Estado de Direito. Para isso está todo animado dum quase (místico) espírito de Missão. E é só assim que entendo António Ramalho Eanes como general propriamente dito.

Longe de mim a ideia de lhe reproduzir o retrato psicográfico. Também tenho costela de montanhês.

António Ramalho Eanes, mesmo general propriamente dito, não logrará que a República o titule **Pater Patriae**.

António, António!

Será que «o mal deste País é não ter produzido até agora um demagogo que lhe esteja à altura? Um demagogo para todas as classes, para todos os interesses. Bom, deixa lá; isto tem pouca importância, são **generalidades**.

AINDA O DESASTRE DE CORUCHE

Inquérito do MHOP admite que houve erro de cálculo

São já conhecidas as razões que estiveram na origem do acidente ocorrido em 24 de Abril último relativamente à ponte de Coruche, de que resultou a queda de parte da respectiva estrutura, segundo os termos de uma nota do Ministério da Habitação e Obras Públicas na sequência do inquérito mandado instaurar por aquele departamento. Recorde-se que durante 22 dias o trânsito foi interrompido naquela ponte, vindo a ser restabelecido em tão curto prazo de tempo mercê do apoio prestado pelas Forças Armadas, particularmente a Escola Prática de Engenharia de Tancos.

O acidente, que em última análise é passível de poder vir a ser atribuído a um erro de cálculo resultou do embate da peça mais alta da carga conduzida por um camião da Direcção-Geral de Hidráulica e Engenharia Agrícola

do MAP com uma das travessas superiores da ponte. De acordo com os resultados do inquérito, o camião, transportando sobre uma zorra uma grua do tipo «drag-line», tinha dimensões e cargas por eixo superiores às especificadas no Código da Estrada.

O camião em causa já havia transposto no seu trajecto, vindo da margem esquerda, quatro pontes do tipo da de Coruche, todas naquela área ribatejana, mas cujas alturas livres acima do pavimento excediam entre 40 a 50 centímetros a da última que, não resistindo ao embate, perdeu a sua estrutura superior e foi derrubada.

Os resultados do inquérito promovido pelo MHOP, e para continuação do processo «no que transcende os aspectos técnicos», foram enviados ao MAP.

A.M. do Porto pede demissão dos administradores dos SMAS

PORTO. — Assembleia Municipal decidiu na sua reunião de ontem aconselhar ao executivo camarário a demissão do Conselho de Administração dos SMAS, dada a sua «comprometedora inoperância e falta de capacidade para se aperceber dos problemas existentes e encontrar-lhes as urgentes soluções». Deliberou, ainda responsabilizar politicamente o executivo camarário pela sua passividade perante a situação em que se mantém os SMAS; responsabilizar em particular o Conselho de Administração; determinar ao executivo camarário o levantamento de uma sindicância aos SMAS; exigir a definição urgente de uma política de gestão para os SMAS que tome em conta os legítimos interesses dos consumidores; ordenar a instauração de processos disciplinares aos seguintes funcionários: director-delegado, eng. Carvalho Gomes, director-adjunto, eng. Pinto Pais, responsável pelo laboratório, dr. Castro Fernandes.

No relatório do inquérito que a

A.M. mandou instaurar aos SMAS e que foi elogiado por todos os representantes partidários, concluiu-se que muitos portuenses têm bebido água imprópria para consumo». Desinteresse e desprezo pelos utentes e pela saúde pública», aponta o relatório, no qual se lê que a situação se agravará nos próximos anos, se não forem tomadas medidas urgentes. Relativamente aos serviços em si uma das conclusões é de que se caracterizam por «uma desorganização total que a nível de direcção, quer na relação dos diferentes serviços entre si quer no próprio funcionamento interno».

Mais: «Dir-se-ia que toda esta estrutura é do tipo familiar já que a ocorrência de factos com reflexos importantes no funcionamento e na imagem dos SMAS não é possível de qualquer sanção pela inexistência de responsabilização dos infractores». Mais ainda: «O clima de disciplina e irresponsabilidade mergulha os serviços em franca e profunda degradação».

CIP analisa conjuntura industrial

A conjuntura industrial no segundo bimestre deste ano caracterizou-se pela persistência do clima estacionário que tem pairado sobre a indústria desde o início do ano — segundo a Confederação da Indústria Portuguesa (CIP).

A procura interna de produtos industriais abrandou uma vez mais, o que pode ser devido à manutenção e até ao agravamento da inflação e à política restritiva em vigor — acrescenta a CIP, em análise ontem divulgada.

As dificuldades financeiras mantêm-se e o aumento de facturação foi feito em certa medida à custa de um crescimento dos preços, o que restringe as potencialidades de alargamento do mercado.

Outros factores que, de acordo com a CIP, constituem bloqueamento para a superação da estagnação na indústria portuguesa são a indefinição do sistema económico, a demora na aplicação de medidas fundamentais, a aplicação de uma política de crédito contraindicado para o fomento das actividades produtivas tanto no seu funcionamento corrente como no financiamento do investimento.

Paralelamente a estes factores, a CIP salienta ainda as dificuldades de aprovisionamento, especialmente «nos sectores mais tributários da importação» e a tendência alista dos custos.

A CIP considera que há que acrescentar a este panorama as

previsões do agravamento da conjuntura mundial.

As indústrias extractivas apresentaram uma sensível melhoria da situação conjuntural do sector, sobretudo no referente aos mármore e granitos, carvão, ouro e prata.

Durante o bimestre em análise, denotou-se animação da procura interna e uma persistência da tendência «expansiva» nos mercados externos, traduzida num aumento da facturação global para uma parcela acrescida de empresas.

O nível de utilização da capacidade produtiva subiu também em simultaneidade com um acelerar do ritmo de escoamento de «stocks», originando mesmo certos problemas de rotura dos mesmos. Tal facto poderá conduzir a uma incapacidade de resposta às solicitações do mercado.

Na indústria transformadora, a situação é estacionária. No entanto, a CIP salienta uma certa desaceleração no dinamismo dos mercados externos.

A grave situação financeira do sector mantém-se, em consequência, especialmente, das dificuldades na obtenção de crédito e do protelamento dos prazos de recebimento.

A dinâmica inflacionista, particularmente nas matérias-primas e subsidiárias, nos encargos com o pessoal e nos encargos financeiros persiste — refere a análise da CIP.

DE FÉRIAS COM O

Diário de Lisboa

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período de 10 dias,

ao preço de 10\$00 por exemplar

Rua Castilho, 185-1.º

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

PODER LOCAL

Estudo urbanístico da Cruz-Quebrada

Foi aprovado pela Câmara Municipal de Oeiras o programa-base a que obedecerá a elaboração de um estudo urbanístico da zona compreendida entre o Aquário Vasco da Gama e o Rio Jamor (Cruz-Quebrada).

Como questões desse estudo, foram aprovadas, entre outras, as duas seguintes: garantia de equipamento escolar e comercial e conquista de áreas livres.

Manique do Intendente — festas de Verão com AIC dentro

A freguesia de Manique do Intendente (Ribatejo) celebra as suas festas de Verão nos dias 17, 18, 19, 20 e 21 do corrente, sob o patrocínio de S. Pedro.

O programa, muito extenso, compreende, por exemplo, ranchos folclóricos, fados e outros géneros de canções (Paco Bandeira, Cidália Moreira, Vasco Rafael, Deolinda Rodrigues e Xico Madureira), actividades desportivas (motocross, ciclismo, futebol), etc.

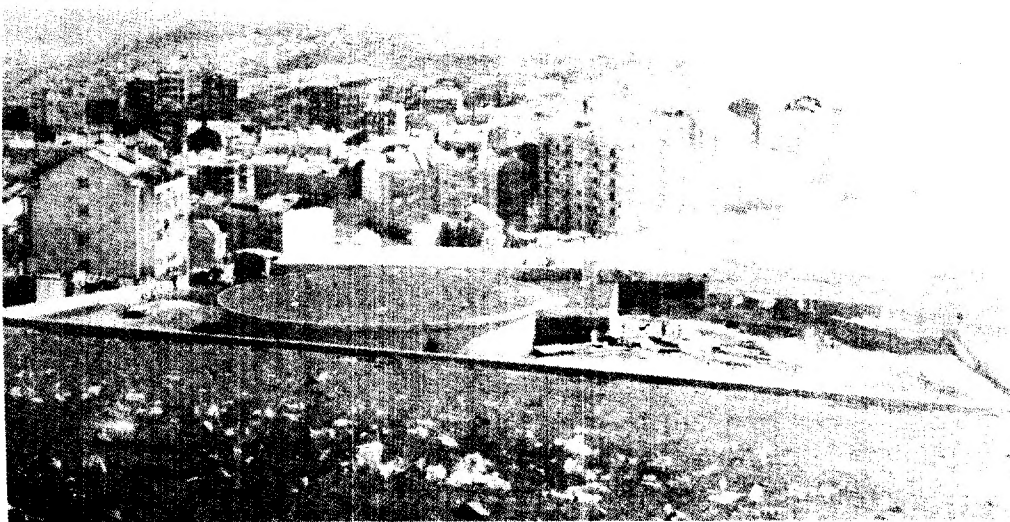
De salientar, no dia 18 (sábado), «A festa dos pequeninos», integrada nas comemorações do Ano Internacional da Criança, em colaboração com a Junta de Freguesia e Casa do Povo de Manique do Intendente. Programa desta «festa pequenina»: Cinema infantil, Teatro infantil, Rancho Folclórico Infantil de Azambuja — e mais coisas ainda, tudo se processando entre as 10 e as 20 horas.

FACULDADE DE ECONOMIA DO PORTO

Praticamente na situação de "chumbo colectivo"

PORTO, 2- «O chumbo colectivo passou a ser o dia-a-dia das provas de avaliação desta Faculdade» onde «começa a caminhar-se a ritmo acelerado para uma situação de completa desagregação pedagógica», afirma em comunicado o Secretariado da Célula da UEC da Faculdade de Economia do Porto. Os membros da UEC à semelhança do que têm feito em relação a este tipo de questões noutros estabelecimentos de ensino, traçam ainda o panorama concreto desta razão na FEP para diversas cadeiras apontando os seguintes números referentes, respectivamente, a alunos inscritos e alunos aprovados nos testes e provas finais: Matemática Financeira, 610 inscritos e 96 aprovados; Complementos de Matemática, 640-120; Economia Internacional, 263-22; Teoria Geral da Contabilidade, 600-100; Contabilidade de Custos, 510-7 (1,37 por cento de aprovações); Econometria, 450-41; Desenvolvimento e Crescimento Económico, 62-5; Gestão de Empresas, 280-52.

Procurando analisar os motivos de tão maus resultados naquela Faculdade, o comunicado da UEC refere nomeadamente: separação das aulas em teóricas e práticas que levam a um desastamento nas matérias excessiva



Cerca de 350 crianças da Brandoa, que terminaram a instrução primária, viram este ano a sua inscrição recusada nas escolas preparatórias circunvizinhas... Quando solução para o problema?

Escola Preparatória da Brandoa terreno oferecido pela CMO aguarda decisão do Governo

Cerca de 350 crianças da Brandoa, que terminaram a instrução primária, viram este ano a sua inscrição recusada nas escolas preparatórias circunvizinhas. Não existindo ainda escola preparatória naquela localidade, a Comissão de Moradores e a Comissão de Pais alertaram a Câmara de Oeiras para a gravidade da situação.

Como se sabe, a responsabilidade de garantia por este tipo

de equipamento cabe aos Ministérios da Educação e Investigação Científica e da Habitação e Obras Públicas, através das Direcções-Gerais das Construções Escolares e do Equipamento Escolar.

Contactado este último departamento estatal, e exposto o problema com a pertinência que a situação exige, foi assegurado à Câmara Municipal e às organizações populares atrás referidas que a Escola Preparatória da Brandoa estaria construída em Outubro (material pre-fabricado), desde que a CMO fizesse entrega de um terreno para o efeito.

Efectivamente, e considerada a urgência, a Câmara Municipal de Oeiras comprometeu-se a fazer entrega de um terreno até ao dia 25 de Junho.

Mais: o empenho dos serviços municipais nesta questão proporcionou inclusive que, decorridos apenas seis dias, tenha sido entregue, no passado dia 20 de Julho, o processo correspondente na Direcção-Geral de Equipamento Escolar.

Assim, no dia 23, o terreno foi já

visitado pelas entidades competentes. Positivo foi o resultado da visita: o terreno verbalmente aceite, esperando-se de momento que essa aprovação seja confirmada por ofício.

Entretanto...

Entretanto, não existe ainda qualquer posição oficial da Direcção-Geral do Equipamento Escolar que garanta que a Escola venha a ser uma realidade.

No âmbito deste impasse, a Câmara Municipal, na sua reunião ordinária de 25 de Julho, analisou a questão e deliberou solicitar aos Serviços Centrais uma tomada de posição em relação aos prazos de entrega da Escola, bem como a marcação de uma reunião para que sejam ponderadas eventuais dificuldades.

Últimas notícias do Município, tornam público que a CMO se encontra disposta a colaborar com a Direcção-Geral do Equipamento Escolar, no sentido de que este problema seja efectivamente resolvido a bem dos interesses da população da Brandoa.

Férias e furtos

O regresso a casa de algumas pessoas que escolheram Julho para férias, foi para alguns bastante desagradável ao encontrarem as residências vasculhadas e a falta de valores, em regra os mais valiosos, aumentando assim a lista das queixas à Polícia.

Foi o que aconteceu, entre outros casos, a duas residências diferentes em que o objectivo

dos gatinhos incidia sobre os artigos semelhantes: electrodomésticos e jóias.

No Largo Professor Egas Moniz, 24-10.º, na Amadora, onde entraram por escalamiento, apesar da altura e na Av. do Uruguai, 26-1.º a Benfca cuja entrada foi obtida após a extracção do canhão da fechadura, atingindo os dois furtos o valor de 400 contos.

UEF contra diminuição da natalidade

A mulher deve decidir livremente se deseja dedicar-se à educação dos filhos e ao lar ou ao trabalho profissional.

Esta é uma das resoluções finais da assembleia geral da União Europeia Feminina (UEF), que reuniu em Bona, e à qual esteve presente uma delegação portuguesa.

A delegação portuguesa,

constituída por elementos do CDS e do PSD, era chefiada por Teresa Macedo.

De acordo com a UEF, devem tomar-se medidas contra a diminuição da natalidade, promover a formação das crianças, tendo em conta as suas aptidões, e recomendar um tipo de educação atendendo à óptica familiar.



AVISO

ALTERAÇÃO DE NÚMEROS

A partir do dia 3 de Agosto de 1979 são alterados os dois primeiros algarismos dos telefones das seguintes localidades:

ALVARENGA — de 45 para 95

AROUCÁ — de 44 para 94

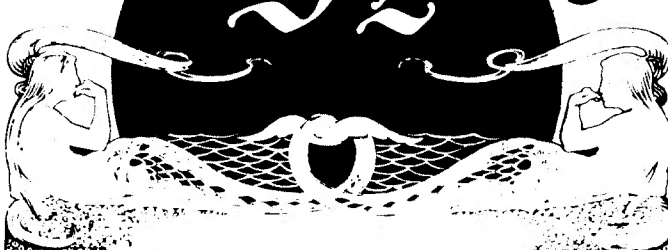
Exemplo: o telefone 45123 de Alvarenga passará a ser 95123.

Exemplo: o telefone 44123 de Arouca passará a ser 94123.



CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL
TELEFONES DE LISBOA E PORTO

NAS SUAS FÉRIAS PODE COMPRAR O



LITORAL AO SUL DO TEJO

- SESIMBRA Pedro Batista Cardoso
- PORTINHO ARRÁBIDA Quiosque Arrábida
- SINES Rest. Vela d'Ouro
- VILA NOVA MILFONTES Café Rest. Mira Mar
- PORTO COVO Augusto António Vilhena

LITORAL NORTE

- BARCELOS Casa do Pedro
- ESPINHO Quiosque Reis
Pap. Razoril
Aires Moreira da Rocha
- PÓVOA DE VARZIM Albino Ferreira Lima
Clarisse Gonçalves
Lima
- VILA DO CONDE Altino Lopes Martins
- VILA PRAIA ÂNCORA Pap. Arcada

Os leitores que o desejarem, poderão fazer uma assinatura especial de férias para o período de 2 semanas (120\$00), 3 semanas (180\$00) ou 4 semanas (240\$00). Para o efeito basta remeter um cheque ou vale do correio e indicação bem legível do nome e morada de férias, bem como do dia do início do envio dos jornais.

Remete para «Diário de Lisboa» — Assinaturas
R. Castilho, 185-1
1200 LISBOA

**TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA DE LISBOA
15.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA
ANÚNCIO
5.ª VARA**

Execução ordinária; N.º 2446; 2.ª Secção: Exequente Tellus — Representações: Comércio e Indústria, Estrada Nacional, 249-3.º, ao km 2 do Cacém. Executado Manuel Carvalho Mateus e Brás Nunes Nogueira, Louriceira de Cima, Arruda dos Vinhos, Vila Franca de Xira.

Por este Tribunal correm editos de vinte dias, que começarão a contar-se da publicação do segundo e último anúncio, citando os credores desconhecidos da-
queles executados para, no prazo de dez dias posterior ao dos editos, virem à execução deduzir os seus direitos. Para constar se passou o presente edital, que vai ser devidamente afixado.
Lisboa, 23 de Julho de 1979

O Juiz de Direito,
(Herlander António da Conceição Antunes Martins)
O Escrivão de Direito-Adjunto,
(Fernando da Silva Oliveira)

Diário de Lisboa, 2 de Agosto de 1979

**Em Portimão
será sempre bem servido
no**

**RESTAURANTE-SNACK-BAR
COVA FUNDA**

O prato do dia e os grelhados de peixe são especialidades que você vai gostar

Av. S. João de Deus, 60 — Tel. 24394 — Portimão

PROPEDÊUTICO

ALÉM DOS CURSOS NORMAIS

- PROGRAMA INTEGRAL ● manhã
- PROFESSORES QUALIFICADOS ● tarde
- Inscrições abertas ● noite

SÉNECA

Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º Telef. 40092 (Metro Anjos) 1100 LISBOA
Av. Almirante Reis, 106-1.º e 2.º Telef. 822776 (Metro Arroios) 1100 LISBOA

CAMPO PEQUENO

Grupo A-maiores 6-anos

Quinta-feira, 2 Agosto, às 22 horas

O GRANDE CARTEL DA TEMPORADA

CORRIDA DA IMPRENSA

CAVALEIROS

**J. MESTRE BATISTA
PAULO CAETANO**

**RUIZ MIGUEL
NIÑO DE LA CAPEA**

ESPADAS

**FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
capitaneados por Carlos Empis**

**8 GORDOS
8 TOIROS 8**

(IRMÃOS VINHAS)

REFORMA AGRÁRIA

HERDADE DO ZAMBUJAL

MAP exonerado zela pelos interesses dos Vinhas

«Ficamos surpreendidos, quando no dia 26 de Julho — dia em que foram aprovadas, na Assembleia da República, as alterações à Lei do Arrendamento Rural — o secretário de Estado exonerado João Goulão assinou um despacho que nos impõe a entrega de uma reserva de 126 mil pontos a favor de Manuel Brito Vinhas... — afirmou um membro da Cooperativa Agrícola do Zambujal (Copagriz).

De facto este despacho vem anular (em parte) um outro, datado de 15 de Maio de 1979, da autoria de Ferreira do Amaral que determinava a entrega de uma reserva de 70 mil pontos,

num total de 439 hectares, à família Vinhas.

Na área da reserva estava incluído o melhor pomar da herdade do Zambujal (pessegueiros e citrinos), uma das principais fontes de rendimento da cooperativa, dado que a sua produção bruta rondava os 8000 contos. Foi acordado, na altura com o MAP, que o reservatório indemnizaria a cooperativa, em 600 contos, verba correspondente aos gastos feitos pelos trabalhadores no pomar, durante um ano...

Agora, satisfazendo as exigências da família Vinhas, aparece novo despacho, do Governo

Mota Pinto que mantém a reserva de 70 mil pontos, especificando que será em benefício de Mário Carvalho Vinhas, e onde se atribue outra destinada aos herdeiros de Manuel Vinhas, com a agravante de majorações. Este último abrange, uma área de 126 mil pontos, demarcada «conforme a pretensão dos interessados».

Segundo o MAP o agregado familiar de Manuel Vinhas inclui a sua viúva, mais cinco filhos, uma nora que por acaso é neta de Azeredo Perdigão e ainda três netos do falecido capitalista. O despacho do MAP, numa

tentativa de justificação desta reserva claramente ilegal baseia-se em documentos falsos, nomeadamente «atestados de residência contraditórios» e no facto da Sociedade Central de Cervejas estar nacionalizada, não tendo, portanto, a família Vinhas outras fontes de rendimento que não seja a herdade do Zambujal.

Na verdade a nacionalização da empresa cervejeira, onde os Vinhas detinham importantes posições, deu-se em Maio de 1975, depois dos dois irmãos se terem ausentado para o estrangeiro: Manuel Vinhas, em 28 de Setembro, de 1974 e Mário Vinhas, em Maio de 1975, — o que prova que eles não viviam dos proventos da herdade pois os trabalhadores só assumiram a gestão desta, em Junho de 75.

Entretanto a Junta de Freguesia de Palmela certificou que Manuel Vinhas viveu, até meados de 75, na herdade de Zambujal o que é falso. Mas as incongruências não ficam por aqui. Há outros atestados de residência muito confusos. Um deles garante que o agregado familiar de Manuel Vinhas residia no Estoril, e outro atribui a Francisco Busdor Vinhas, seu filho mais velho, residência na rua de S. Domingos à Lapa.

Por outro lado a Repartição Central de Finanças, sustenta que os irmãos Vinhas não só não pagavam o Imposto Complementar, nos anos de 75 a 77 e como a sua morada era na Rua de S. Ciro, 38, Lisboa.

Os trabalhadores da Cooperativa do Zambujal, perante isto, esperam que o novo governo anule o despacho ilegal do anterior Executivo e, se tal não acontecer, irão interpor recurso para o Supremo Tribunal Administrativo.

UCP "FONTE BOA DA VINHA"

"O mais escandaloso processo de entrega de reservas..." — segundo o Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Évora

Ainda a propósito dos acontecimentos ocorridos na UCP «Fonte Boa da Vinha», no concelho de Évora, o Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas daquele distrito, sublinha que o processo de entrega das reservas, ali, corresponde «a um dos mais escandalosamente ilegais» verificados até agora, «ultrapassando, em desproporção e violações da lei, o próprio caso da Galeana».

Devido a esta determinação do MAP, 46 trabalhadores agrícolas foram privados dos seus postos de trabalho dado que a

reserva destruiu a UCP, considerada uma «das melhores produtoras de leite do distrito de Évora». E não satisfeito com isso, o MAP, mandou ainda entregar ao agrário mais de mil contos de benfeitorias realizadas pela UCP, assim como culturas e bens que pertenciam aos trabalhadores.

Durante a operação de entrega, garante-se no comunicado, distribuído pelo Sindicato Agrícola, que as forças da GNR dispararam as armas sobre os trabalhadores «como provam os projecteis recolhidos e ainda

inúmeras testemunhas visuais dos incidentes.

Por outro lado, de acordo com o comunicado, tudo leva a crer que o mesmo bando de agrários que ateou fogo ao restolho na UCP «Fonte Boa da Vinha», na tentativa de incriminar os trabalhadores, é o mesmo que na noite de 31 de Julho lançou fogo à seara da UCP «15 de Junho», que confina com a unidade colectiva de produção onde foi entregue a reserva à família do Agrário Luís Gonzaga Piçarra Cabral.

NA CIDADE DE BEJA

Monumento em "honra" do trabalhador alentejano

Na Feira de Agosto, certame anual da cidade de Beja que se inaugura no próximo dia 7, vai estar patente ao público a «maquete» do monumento ao trabalhador alentejano, iniciativa da Câmara Municipal.

O monumento, ainda em projecto, construído inteiramente à custa da contribuição dos traba-

lhadores do Baixo Alentejo, será colocado numa praça a edificar defronte da Casa de Cultura de Beja e dos edifícios do CTT, depois de demolido o velho matadouro, acontecimento previsto para o próximo ano, na altura da inauguração do novo matadouro de Beja.

Nesta obra artística colabora-

rão diversos escultores e pintores que conceberam um monumento constituído por três elementos: um painel pintado em volta de um lago, um cubo com uma aresta de três metros e ainda uma torre metálica de sete metros de altura construída à base de peças dos instrumentos de trabalho desta região do País.

PREVIDÊNCIA RURAL

Beira Baixa reclama aumento das reformas

CASTELO BRANCO, 2 — O Encontro de Previdência Rural e Assistência Médica na Beira Baixa reclamou o aumento imediato das reformas do regime rural para 1750 escudos.

Em comunicado distribuído à Imprensa, a comissão organizadora do encontro acentua que o caderno reivindicativo, que es-

teve à discussão pública durante cerca de um mês, foi aprovado por unanimidade.

Os participantes no encontro, que decorreu em Castelo Branco no dia 29, mandataram a comissão organizadora para fazer entrega das conclusões ao Presidente da República e ao ministro dos Assuntos Sociais.

Centro de Estudos vitivinícolas do Douro

Vai funcionar na Régua o Centro de Estudos Vitivinícolas do Douro, organismo que visa dotar os Serviços Regionais de Agricultura dos instrumentos necessários com vista ao desenvolvimento da agricultura regional.

O novo centro verticaliza todas as actividades ligadas ao vinho do Porto, desde as que se relacionam com a investigação até às que se ligam ao apoio técnico e financeiro.

Previsto um aumento da produção do vinho

Após uma colheita desastrosa de vinho, no ano passado, confirmam-se as perspectivas de que este ano haverá uma boa produção, segundo as previsões agrícolas do Instituto Nacional de Estatística que indicam um aumento da produção vinícola na ordem dos 62 por cento.

No entanto, apesar da recuperação registada, a produção será ainda ligeiramente inferior à média dos últimos dez anos. Há regiões, contudo, em que a produção poderá ser considerada excepcional, nomeadamente na zona do Porto que, de acordo com as últimas estatísticas, deverá verificar uma produção superior, em 150 por cento, à do ano passado e, em 72 por cento, à média do decénio.

Seguem-se as regiões de Coimbra, Viseu, Portalegre e Faro, cujas vinhas apresentam condições para um aumento na ordem dos 100 por cento em relação ao ano de 1978.

Neste ano agrícola, fraco no respeitante à produção de cereais, salva-se, para além do vinho, a produção do azeite que deverá ultrapassar, em 17 por cento, a do ano passado, podendo mesmo no Algarve atingir aumentos na ordem dos 100 por cento.

COM RAJADAS

DE 200 QUILOMETROS/HORA

Proximidade de tufão paraliza a vida em Macau

O tufão «Hope», com rajadas de vento superiores a duzentos e quarenta quilómetros horários, poderá passar ao fim da tarde junto a Macau, com consequências imprevisíveis, revelou à ANOP um porta-voz dos Serviços Meteorológicos do Território.

Nas últimas horas a intensidade dos ventos e a chuva que caiu sobre Macau indica que o tufão se aproxima com grande rapidez do território, tendo os Serviços Meteorológicos começado a emitir comunicados através da rádio local, aconselhando «adultos e crianças» a não sair de casa e a fixar com o máximo cuidado os objectos susceptíveis de serem destruídos ou arrastados pelas rajadas de vento.

O tufão «Hope» levou a que as repartições públicas encerrassem, que fossem suspensas as carreiras marítimas com Hong Kong e que fosse cortada a circulação entre Macau e as ilhas uma

vez que foi ordenado o encerramento da ponte.

Desde o fim da tarde de ontem que milhares de juncos começaram a procurar abrigo no porto interior de Macau, tendo uma fonte geralmente bem informada indicado que o seu número é superior a cinco mil.

Os Serviços Meteorológicos de Macau indicaram entretanto que o tufão «Hope» (Esperança) poderá passar a apenas 70 km deste território, o que é considerado extremamente grave, uma vez que Macau ficará sob a influência dos ventos fortes que rondam em volta do núcleo central da depressão.

Em Hong Kong a situação parece ser mais grave, uma vez que as autoridades meteorológicas ordenaram que fosse hasteado o sinal número dez de tufão, ou seja aquele que representa a maior intensidade que um tufão pode ter.

Encontro de professores de português

BELO HORIZONTE, 2 — As literaturas de expressão portuguesa, sua dependência e individualidade face ao português e a comemoração dos 30 anos do movimento surrealista português são alguns dos temas do encontro de professores de português que decorre em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Promovido pelo Centro de Es-

tudos Portugueses, da Universidade de Minas Gerais, este encontro tem lugar pela sétima vez.

Nele serão igualmente discutidos aspectos ligados ao ensino da língua e da literatura.

Entre os escritores portugueses que participam no encontro contam-se Eduardo Prado Coelho, Eduardo Lourenço, Maria Lúcia Lepecki e Jorge Listopad.

Exames extraordinários de avaliação

As pautas dos exames extraordinários de avaliação (exames Ad-Hoc) estão afixadas nos estabelecimentos de ensino superior onde os candidatos realizaram a prova de Língua Portuguesa.

Os interessados devem tam-

bém contactar os estabelecimentos de ensino superior a que se candidataram, a partir do início do mês de Setembro, no sentido de obterem a indicação das datas de realização das entrevistas e provas específicas.

Madeira: menos pesca descarregada

FUNCHAL, 2 — A quantidade de pesca descarregada na Madeira, entre Janeiro e Maio do corrente, decresceu em relação a igual período do ano anterior. Diferença: 1 milhão 550 mil e 400 quilos.

Assim, e segundo a delegação do INE nesta capital, enquanto

nos primeiros 5 meses do ano de 1978 a quantidade de pescado descarregado foi de 3 635 600 quilos, no mesmo período do ano de 1979 esse total orçou por 2 085 200 quilos.

Fartura de sardinhas em Matosinhos

PORTO, 2 — Depois de uma greve de 4 meses, os pescadores da sardinha de Matosinhos voltaram ao mar. E o primeiro dia foi de grande abundância de sardinha.

Segundo informação da lota, os 31 barcos que ontem traba-

lharam, trouxeram 16.471 cabazes, que renderam cerca de 5344 contos.

Embora só ao fim da tarde se possa saber qual o resultado da pesca de hoje — pelas descargas já feitas, esta manhã, o rendimento será inferior ao de ontem.

Faleceu Sarmento Rodrigues

Com 80 anos de idade faleceu ontem na sua residência, em Lisboa, o almirante Sarmento Rodrigues. Era casado com uma sobrinha de Guerra Junqueiro, Margarida Augusta de Guerra Junqueiro e pai do comandante Junqueiro Sarmento e sogro dos comandantes Cavaleiro Ferreira e Gomes Mota.

Iniciou a sua carreira na Marinha, em 1918. Em 1945 inicia a

carreira política, sendo nomeado governador da Guiné. Depois disso foi deputado por Moçambique à Assembleia Nacional, ministro das Colónias e governador-geral de Moçambique.

O funeral realizou-se esta manhã, saindo da capela de S. Roque para o Freixo de Espada à Cinta.

HOSPITAL DE S. JOSÉ: TRÊS ANOS DE OBRAS

Uma remodelação que ficará por 450 mil contos

Ascenderão a cerca de 450 mil contos as «obras de remodelação» do Hospital de S. José, que visam beneficiar significativamente a actividade dos seus serviços. Aguarda-se, assim, que as condições em que se encontram os doentes melhorem, enquanto João Nunes de Abreu, presidente do Conselho de Gerência e director do HSJ admite que este se transforme «num estabelecimento modelar», conforme declarou à ANOP.

As obras de remodelação em apreço foram objecto de um despacho aprovado pelo Ministério da Habitação e Obras Públicas e deverão decorrer «com o mínimo de perturbação do funcionamento normal dos seus serviços», conforme também refere o documento de 26 de Julho último.

O Plano Director do hospital terá duas fases, uma das quais respeitante à remodelação do actual edifício, sem comprometer a sua traça. Essa remodelação permitirá ampliar a sua capacidade, melhorar as condições em que actualmente se encontram os doentes e introduzir outros melhoramentos no funcionamento de todos os serviços.

Ainda segundo o presidente do Conselho de Gerência do Hospital de S. José este possui presentemente cerca de 800 camas, mas passará a albergar apenas 483, sendo assim possível pôr termo ao sistema da acumulação em enfermarias sem um mínimo de condições.

TRABALHO POR FASES

O Plano Director exemplificará a recuperação, dentro da tecnologia actual, de um hospital muito antigo, cheio de tradições e condicionamentos, e por via disso de dificuldades de concepção e execução. Trabalho a executar por fases, de modo progressivo. Como acrescentaria João Nunes de Abreu, o hospital manter-se-á em funcionamento com o mínimo de prejuízo para a sua vida diária e, consequentemente, para os doentes que presentemente ali estão internados.

Actualmente, as deficiências mais salientes que se verificam, como consequência da antiguidade da sua construção e de várias alterações e das diferentes construções que têm vindo a ser feitas anarquicamente, dizem

respeito às péssimas condições hospitalares, às deficiências dos apoios aos serviços de acção médica, à impossibilidade de definição de unidades de internamento, circulações horizontais verticais muito deficientes, descentralização das salas de operações e inexistência de UCI, apesar da sua forte vocação como hospital de urgência.

«Pretendemos que este hospital, dada a sua função de estabelecimento central, permita que todos os doentes oriundos de outros estabelecimentos hospitalares tenham aqui as melhores condições» — sublinhou o presidente do Conselho de Gerência. «Espero, acrescentou, que até à conclusão dos trabalhos, as urgências estejam, contudo, redistribuídas por outros estabelecimentos, de modo a não se encontrarem, ali, todos os doentes necessitados de assistência imediata.»

«Estas obras — disse — devem demorar cerca de três anos e a partir daí, o «banco» passará a

dos em todo o País. Em 1978 foram antedidas 141 069 consultas, enquanto o número de doentes internados foi de 15 256.

As carências básicas deste estabelecimento hospitalar, segundo referiu ainda à ANOP, são bastante significativas, especialmente em pessoal técnico qualificado. Não havendo carências de pessoal médico (cerca de 450 médicos e 350 enfermeiros), as mais sensíveis são, contudo, as que se verificam a nível do pessoal de laboratório, raios X e pessoal indifferenciado.

«A falta de pessoal técnico, por exemplo — acrescentou João Nunes de Abreu — explica que os serviços estejam abertos e prontos a funcionar (raios X e análises clínicas) num período de tempo considerado útil. As obras a executar nesta primeira fase assegurarão uma assistência de bom nível nos serviços de acidentados e urgentes, medicina geral, cirurgia geral, ortopedia e



Hospital de S. José vai entrar em obras: o fim do caos à vista?

servir somente a área que lhe couber», salientou o director do Hospital de S. José. Depois de remodelado, ficará a dispor de cinco pisos. O interior será totalmente remodelado, passando a dispor cada piso de uma ala para 90 doentes, divididos em três enfermarias com acessos diferentes dos actuais, e acessos para visitas tudo concebido em moldes modernos.

CONSULTAS E CARÊNCIAS

O Hospital de S. José é, seguramente, dos mais movimenta-

traumatologia, oftalmologia, neurologia, otorrinolaringologia, cirurgia maxilo-facial e unidade de cuidados intensivos.

O Hospital (Real) de S. José sucedeu em 1769 ao Convento de S. Antão-o-Novo, da Companhia de Jesus, que remonta aos finais do século XII. Posteriormente, e após o terramoto de 1755, o convento foi reedificado.

Durante muito tempo esta unidade hospitalar foi a mais importante de Lisboa e, com a remodelação agora prevista, poder-se-á recuperar o estabelecimento de forma a assegurar uma assistência de bom nível.

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA "Campanha de Férias 79" vai abranger 30 localidades

Nos meses de Agosto e Setembro a Prevenção Rodoviária Portuguesa vai levar a efeito a Campanha de Férias 79, com o objectivo de esclarecer e sensibilizar a população de 30 localidades do litoral e do interior do país em relação ao cumprimento das regras do Código da Estrada e das normas essenciais de prevenção e segurança rodoviária.

Esta Campanha vai ser realizada em estreita colaboração com as corporações de Bombeiros locais e clubes de Lions e Rotários, contando com o apoio da PSP e GNR.

Em 24 localidades — Amante, Chaves, Guimarães, Vila Nova de Famalicão, Oliveira de Azeméis, Albergaria-a-Velha, Gouveia, Indanha-a-Nova, Pombal, Montemor-o-Novo, Cantanhede, Castanheira de Pera, Tomar, Golegã, Vendas Novas, Montemor-o-Novo, Alcácer do Sal, Olhão, Mértola, Moura, Alcobaca, Torres Vedras, Alter do Chão, e Ponte de Sor — estará presente, durante 2 dias, uma equipa da Prevenção Rodoviária Portuguesa coadjuvada por elementos da PSP e da BT/GNR, que desenvolverá as seguintes actividades:

No 1.º dia, início de uma pequena exposição itinerante sobre segurança rodoviária e reunião nocturna a realizar na sede da corporação de bombeiros durante a qual serão projectados diapositivos sobre segurança rodoviária, comentados pelo monitor da PRP.

Na parte da manhã do 2.º dia — «Dia de Segurança Rodoviária» —, com a colaboração da corporação de bombeiros e da PSP ou GNR locais, efectuar-se-á uma acção de sensibilização directa sobre a população, indicando normas sobre o seu correcto comportamento como utentes da via pública e distribuindo-se documentação de esclarecimento, relacionada com o Código da Estrada e Segurança Rodoviária.

Na parte da tarde do «Dia de Segurança Rodoviária» com início às 17h terá lugar uma sessão das Escolas Móveis de Trânsito da PRP, dedicada em especial à população juvenil.

"SEMANA DO EMIGRANTE" DE 11 A 19

Vários espectáculos populares sob a égide da CGTP/Intersindical

A CGTP/IN promoverá entre 11 e 19 do corrente a Semana do Emigrante, iniciativa que este ano repete em moldes semelhantes aos anteriores. Contará para o efeito com a colaboração das uniões sindicais distritais. Visa o certame, que se estenderá de norte a sul (Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Vieira de Leiria, Sesimbra, Nisa e Faro), sensibilizar «todos para o fenómeno da emigração e para as razões que levam a emigrar».

Para além de espectáculos populares em vários pontos, nos quais actuarão, conforme os ca-

sos, Samuel, Ary dos Santos, Carlos Paredes e Fernando Alvim, João Fernando, Lurdes Rodrigues, Carlos Alberto Moniz e Maria do Amparo, Fernando Tordo, Teresa Paula Brito, José Manuel Osório, Maria Dulce, José Jorge Letria, Nuno Gomes dos Santos, José Manuel Júlio Silva e Júlia Babo, como artistas, os grupos «Objectivo» (Vila do Conde), «Charanga» (Vieira de Leiria e Sesimbra), «Jornada» (Tomar e Faro), e os ranchos folclóricos das Rendineiras do Monte, um infantil e o «Boatunho» em Vila do Conde.

e o de Alte, este na capital do Algarve. Teremos ainda os Grupos Populares Santo André e Coral da Filantrópica, em Vila do Conde e na Póvoa de Varzim, artistas de Vieira de Leiria «escolas de samba», Rancho Folclórico Infantil das Praias do Sado e Filarmónica local, em Sesimbra, e o conjunto «Tema 4», em Nisa.

Os espectáculos e outras iniciativas processar-se-ão em locais do litoral ou junto à costa. (Nisa é excepção), onde, durante o período de férias, se encontra grande número de emigrantes.

Para o transporte de emigrantes portugueses até aos seus locais de trabalho em vários pontos da Europa, estão programados, entre este mês e 8 de Setembro próximo, 134 comboios regulares e especiais.

De França para Portugal, desde o passado dia 28, e até 31 de Julho (anteontem) foram utilizados e «fretados» 20 comboios. Prevê-se que outros para o mesmo fim (vinda a Portugal) venham a ser postas à disposição dos emigrantes portugueses. Um informador da CP aventou um número 20.

LINHA DO SABOR: ENCERRAMENTO A VISTA

Presidentes das Câmaras da área protestam contra a decisão da CP

PORTO, 2 — Os presidentes das câmaras municipais servidas pela Linha do Sabor manifestaram-se contra o seu encerramento, previsto pela CP no decurso da vigência do Governo Mota Pinto. Com 104 quilómetros, a via férrea do Sabor serve os concelhos de Moncorvo, Freixo de Espada à Cinta, Mogadouro e Duas Igrejas. Quatro concelhos com uma população superior a 45 mil pessoas.

Ligando Duas Igrejas ao Poço, a linha permite às populações desta região vir a esta cidade, quando necessário (tratar

de assuntos diversos, visitar familiares), ou à desta deslocar-se até qualquer daqueles quatro concelhos em visita ou para negócios, além de outras motivações.

O encerramento da linha é encarado pelo Conselho de Gerência da CP, que alega ser a exploração da mesma «altamente deficitária». Só os comboios do Sabor transportam diariamente mais de 300 passageiros, número este que, aos fins-de-semana, triplica normalmente.

O presidente da Câmara de Moncorvo (Marrana) é de opi-

nião que com o seu techo o comércio e a indústria, bem como a agricultura, ficarão «gravemente afectados e atrofiados». Para aquele responsável, independente, proposto na lista socialista, Moncorvo é um concelho com «uma população flutuante estudantil que usa habitualmente o caminho-de-ferro» para ir à escola da vila. «A exploração do ferro nas Minas de Moncorvo só por si — disse — justificaria a manutenção da linha, o seu alargamento e ampliação».

O presidente da CM de Freixo de Espada à Cinta considera, por seu turno, as intenções do CG da

CP como «uma atitude a todos os títulos reprovável», pois — acrescentou — «não tem em conta as necessidades do Nordeste Transmontano nem do seu povo». «Mesmo que a Linha do Sabor não tenha rentabilidade necessária — rematou — não se justifica a sua eliminação, porquanto há valores superiores que exigem a sua manutenção».

Idênticas posições são assumidas pelos presidentes das CM's de Mogadouro e Miranda do Douro, referindo o último que «a linha férrea do Sabor terá de ser melhorada e equipada por forma a servir convenientemente o público».

Juramentos de Bandeira na OTA e em diversas unidades do Norte

Cerca de 400 alunos de diversas especialidades e 20 cadetes do curso de oficiais milicianos juraram hoje bandeira na Base Aérea n.º 2 da Ota. Ao acto presidiu o general Brochado Miranda, chefe interino do Estado-Maior da Força Aérea.

Também em diversas unidades militares da Região Militar Norte realizam-se amanhã as cerimónias de ratificação do juramento de bandeira dos soldados recrutados do segundo turno de 1979. Estas cerimónias decorrem na Escola Prática de Transmissões (Porto), Escola de Formação de Sargentos (Lamego), Regimento de Infantaria do Porto (com a presença do general Mário Delgado, comandante da RM do Norte) e de Vila Real. Regimento de Artilharia da Serra do Pilar (V. N. de Gaia), Regimento de Engenharia de Espinho, Batalhão de Infantaria de Chaves e Batalhão de Admi-

nistração Militar da Póvoa de Varzim.

Ainda no Centro de Instrução da Guarda Fiscal, em Queluz, realiza-se amanhã a cerimónia de compromisso de 194 novos recrutas. Preside à cerimónia o comandante-geral, brigadeiro António Joaquim Alves.

Estação da Guarda é pequena para o movimento internacional

Um cais de mercadorias que corresponda às necessidades do movimento nacional e internacional é uma das principais carências da estação dos caminhos-de-ferro da Guarda.

Joaquim Santos, chefe principal desta estação, disse à ANOP que a insuficiência do cais de mercadorias e a exiguidade do armazém fazem muitas vezes

Cavalaria 6 transita do Porto para Braga

Realizaram-se ontem as cerimónias oficiais que assinalaram a transferência do regimento de Cavalaria 6, do Porto, para Braga. O comandante da Região Militar do Norte, Mário Delgado, usou da palavra para sublinhar que «a instituição militar é um corpo vivo cuja permanente transformação procura responder a variações de diversa ordem e ao evoluir, não só das condi-

ções políticas económicas e sociais do povo que serve, mas, também, dos conceitos em que se apoia e dos meios materiais de que dispõe».

O comandante da unidade, tenente-coronel Lemos Alves, recordou «que se impõe a existência de umas Forças Armadas coesas e disciplinadas que transmitam confiança à Nação».

dorias são tarináceas e material para a fábrica «Renault» desta cidade.

A estação da Guarda está a sofrer obras de remodelação. Estão a ser construídas duas bilheteiras, gabinetes técnicos, duas salas de espera e escritórios que, na opinião de Joaquim Santos, não são suficientes dadas as dimensões internacionais de que a Guarda já se reveste.

Anteriormente a gare não possuía qualquer sala de espera, tendo os passageiros de aguardar embarque no cais descoberto ou no «hall» de acesso à estação.

O posto médico da estação da CP na Guarda, há cerca de um ano que não possui médico.

com que os produtos cheguem ao destinatário com atrasos que atingem os dois dias.

Na sua opinião, o problema ficaria solucionado com a construção de um cais descoberto com o triplo das dimensões do actual, um outro coberto e mais duas linhas de serviço.

Actualmente a estação possui cinco linhas de manobras e duas de circulação que se tornam insuficientes para corresponder, sobretudo no Verão, ao movimento.

«Muitas vezes — acrescentou — temos de formar vários comboios na mesma linha e proceder ao descarregamento de mercadorias no cais de embarque de passageiros.»

O maior movimento de merca-

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE FELGUEIRAS

ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta comarca de Felgueiras e nos autos de habilitação de cessionário movidos por Joaquim de Magalhães, de Outeiro-Paredes contra o senhor doutor João Carlos Juvêncio Estrela e esposa Maria Emilia de Jesus Gonçalves Estrela, ausentes em parte incerta e que tiveram a sua última residência conhecida no país em — Rua Fernão Lopes, 9-5.º Esq.º — Lisboa, são estes notificados para deduzirem oposição no prazo de OITO DIAS, finda a dilatação de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação do anúncio. Esta habilitação de cessionário corre por apenso à execução sumária que aquele, digo, sumária que o exequente, Manuel de Sousa e esposa moveram contra o senhor doutor João Carlos Juvêncio Estrela e esposa. Felgueiras, 10 de Julho de 1979.

O escrivão, (ilegível)

Verifiquei. O Juiz de Direito (ilegível)

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE CASCAIS

ANÚNCIO

Correm editos de 30 dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio, citando o réu ANTONIO PEDRO GONÇALVES, artista de circo, ausente em parte incerta e com último domicílio conhecido na Rua A, 113, porta 4, Vila Moreira, no Bairro da Liberdade, em Lisboa, para, no prazo de 20 dias, findos os editos, contestar, querendo, a acção de divórcio n.º 2112, da 2.ª secção do 1.º Juízo de Cascais, que lhe move sua mulher, a autora Filomena de Jesus Ferreira Gonçalves, moradora na Rebelva, Cascais, pelos fundamentos dos arts. 1781, al. a) e 1782, n.º 1, do Código Civil, devendo no mesmo prazo opor-se, querendo, ao pedido de concessão de assistência judiciária por aquela deduzida, — sob pena de, não contestando, prosseguir o processo à sua revelia.

Cascais, 22 de Junho de 1979

O Juiz de Direito Rui de Almeida Mira

O Escrivão de Direito José António Marques Pacheco

Caçadores contra diploma que deixa Comissões Venatórias nas mãos da Direcção Florestal

O Decreto-Lei n.º 149/79, publicado em Maio último pelo Governo (felizmente já rendido) Mota Pinto, irá destruir as comissões venatórias, tornando-as «organismos fantoches». Os caçadores, as principais vítimas da legislação em apreço, serão marginalizados, pois todo o poder de decisão lhes é retirado. Mas «não é pela força que se dominam 300 mil caçadores».

Representantes do Conselho de Caçadores da 5.ª Região denunciaram em conferência de imprensa os malefícios do aludido diploma e adiaram a sua disposição em lutar com todos os meios ao seu alcance para que o mesmo seja revogado. Referiram também que «a caça é um bem económico, sendo falso dizer-se que há falta de caça em Portugal». Dai, aliás, que representantes daquela comissão tenham desenvolvido esforços e diligências junto da Comissão de Agricultura e Pescas da Assembleia da República.

Na reunião com os jornalistas

salientaram representantes do Conselho de Caçadores que a criação de um Serviço Nacional de Caça é uma velha aspiração dos caçadores portugueses, anunciando também que será criada em breve a Associação de Caçadores do Ribatejo e Oeste com vista ao levantamento de uma federação, porque, adiantaram, com «O Governo Mota Pinto tudo foi feito nas nossas costas», menos o propósito «de cada vez mais nos defendermos».

Com a entrada em vigor do decreto as comissões venatórias passariam para as mãos da Direcção do Ordenamento Florestal, sendo também extinto o fundo especial da caça e da pesca, resultante da acumulação de receitas da primeira actividade. Curiosamente, como afirmou Joaquim Pardal, da Comissão Regional da Charneca, «a esse fundo já foram retirados oito mil contos pelo MEIC e pelo MAP para aplicar na Universidade Técnica».

Projecto da TAP vai criar 400 postos de trabalho até 1986

Os serviços da Air Portugal (TAP) acabaram de elaborar um projecto para aumentar a capacidade da sua oficina de reactores, que se encontra praticamente saturada.

Este projecto prevê o alargamento da actual oficina, no sentido norte, num investimento de milhares de contos.

Prevê-se a admissão de pessoal especializado a partir de 1979 e até 1986, para ocupar um total de mais de 400 postos de trabalho.

O projecto possibilitará à oficina, de reactores da TAP aumentar a sua capacidade, que actualmente é de 90 revisões por ano, até 200 revisões por ano em 1986.

A implementação deste projecto prevê a redução do TAT dos reactores para 28 dias úteis: a libertação de 7 reactores de reserva num valor de 2.800.000 dólares e ainda a realização de revisões em reactores de operadores estrangeiros a que corresponderá uma receita anual superior a 100.000 contos.

NOVAS TARIFAS DA SATA: AUMENTOS DE 50 A 180 POR CENTO

Entraram hoje em vigor as novas tarifas da Transportadora

Aérea Açoriana (SATA).

Este aumento tarifário, que foi anunciado no passado dia 3 de Julho, é de cerca de cinquenta por cento para os residentes e de 180 por cento para os não residentes que se deslocam entre as ilhas do arquipélago.

O aumento, que hoje começou a ser praticado, traduz-se num acréscimo para os residentes de cerca de trezentos escudos sobre a tarifa média anterior que era de seiscentos escudos.

No que respeita aos não residentes nos Açores, o novo tarifário da SATA implica um aumento de 1100 escudos sobre a tarifa média praticada entre as diversas ilhas, que era igual à dos residentes.

Fábrica de doçarias em Alcântara não paga ordenados

Os operários da fábrica de doçarias da Rua Vieira da Silva em Alcântara, que não recebem os ordenados há cerca de três meses, foram hoje convidados a contactarem a administração. Grande parte dos trabalhadores acederam ao convite convictos que lhes iam ser pagos os atrasados.

Porém, à hora a que fechamos, a situação na fábrica de doçarias tinha-se tornado confusa, uma vez que não tinha ainda sido feita qualquer espécie de pagamento. Segundo parece os trabalhadores não estão dispostos a abandonar o local sem receberem o que lhes é devido, incluindo férias e o 13.º mês do ano passado.

Sr. Camionista

Muitos acidentes com veículos pesados têm como causa excesso de carga. Respeite sempre os limites.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO SECRETARIA DE ESTADO DO TESOIRO DIRECÇÃO-GERAL DO TESOIRO

TESOURARIA DA FAZENDA PÚBLICA DO 5.º BAIRRO FISCAL DE LISBOA

Rua Ivens n.º 22 1200 LISBOA

EDITAL

FERNANDO LAURENTINO CORDEIRO E CUNHA, tesoureiro da Fazenda Pública do 5.º Bairro Fiscal de Lisboa:

Faz saber que, durante todos os dias úteis do próximo mês de AGOSTO, se encontra à cobrança à boca do cofre a:

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL de 1978,

a qual deverá ser paga em duas prestações iguais, com vencimento em AGOSTO e OUTUBRO, se o seu montante for igual ou superior a 500\$00. Sendo de importância inferior a 500\$00, o pagamento deverá ser efectuado de uma só vez, durante o mês de AGOSTO.

Não sendo paga qualquer das prestações, ou a totalidade da contribuição, no mês do vencimento, começarão a correr imediatamente juros de mora.

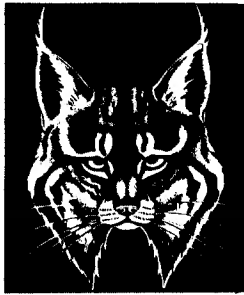
Passados 60 dias sobre o vencimento da contribuição, ou sobre o da última de duas prestações sucessivas, sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento haverá lugar a procedimento executivo para arrecadação da totalidade do imposto, considerando-se para o efeito vencidas as prestações ainda não pagas.

Para constar se passou o presente e idênticos que vão ser afixados nesta Tesouraria da Fazenda Pública, na Repartição de Finanças deste Bairro Fiscal e divulgados através da Imprensa diária.

Tesouraria da Fazenda Pública do 5.º Bairro Fiscal de Lisboa, 30 de Julho de 1979

O Tesoureiro da Fazenda Pública, (Fernando Laurentino Cordeiro e Cunha)

SALVEMOS O LINCE DA SERRA DA MALCATA



Liga para a Protecção da Natureza Faculdade de Ciências — Lisboa Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico Rua da Lapa, 73 — Lisboa Direcção-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal Av. João Crisóstomo, 26 — Lisbon

POUCAS HORAS DEPOIS DE TOMAR POSSE V Governo fez primeira reunião

Algumas horas depois da tomada de posse, o V Governo reuniu ontem à tarde pela primeira vez.

Presidida pelo Primeiro-Ministro Maria de Lurdes Pintasilgo, a reunião dedicou-se a questões preliminares próprias do funcionamento do Executivo e do seu programa a apresentar na Assembleia da República no prazo de dez dias.

Segundo um comunicado emitido no final, foram apreciados, na generalidade, os seguintes pontos: a) estrutura do Governo e funcionamento das áreas de coordenação; reestruturação de algumas Secretarias de Estado e critérios de escolha dos secretários de Estado; elaboração do programa de Governo (linhas principais e metodologia da sua apresentação).

O Executivo de Maria de Lurdes Pintasilgo voltará a reunir em Conselhos de Ministro na próxima quarta-feira, dia 8 para «análise, em profundidade, do projecto do programa do V Governo Constitucional».

SA-CARNEIRISTAS AO ATAQUE: "Governo Pintasilgo é o mais euanista dos governos de Eanes"

O governo Pintasilgo não é mais que um disfarce do Governo PS/ASDI, apoiado pelo Presidente da República e pelo PCR. Não é um Governo isento, imparcial, independente — é o mais euanista dos governos de Eanes — afirma um comunicado da Comissão Política Nacional do PSD sobre o anúncio da composição do V Governo e a conferência de Imprensa dada pelo Primeiro-Ministro.

Os sacarinistas, que apostavam na manutenção do «isento e imparcial» Governo de Mota Pinto até às eleições intercalares, carregam no acelerador: «O facto de termos associados no Executivo Pintasilgo antigos partidários de Marcelo Caetano e Vasco Gonçalves com actuais admiradores de Melo Antunes não é para estranhar. É que entre o marcelismo, o gonçalvismo e o melo-antonismo existe um ponto comum: o desprezo pela liberdade democrática, o gosto pelo autoritarismo e a ânsia do poder».

Classificando o actual Governo como «o último balão de oxigénio do reinado irresponsável do socialismo português», o comité permanente da Comissão Política Nacional do PSD, desferiu ataques a torto e a direito, não poupando ninguém, desde Costa Brás, definido como «responsável pela política sectária dos socialistas nos Governos

Enquanto Executivo ultima programa partidos preparam-se para a sua discussão

Um dia depois da tomada de posse do V Executivo, a generalidade das formações partidárias já emitiram, através dos seus órgãos competentes ou através de declarações de dirigentes bem colocados no topo da respectiva hierarquia, opiniões reactivas após discursos proferidos na cerimónia pelo PR e pelo novo PM. Nenhuma destas reacções se distingue, nem muito nem pouco, do teor geral das respectivas posições assumidas desde a indigitação, por Ramalho Eanes, de Lurdes Pintasilgo para Primeiro-Ministro. Um esquema é sempre redutor, mas neste caso, é inevitável e parece correcto: à direita as posições são severamente críticas, ou ainda mais do que isso; à esquerda, não.

De modo que, não parece muito excitante a expectativa que aguarda o debate parlamentar do Programa do Governo na AR, e a consequente votação. É naturalmente mais do que provável que o Programa passe. A única dúvida interessante é a que se levanta à volta da posição que PSD e CDS vão tomar. Em conta do alarido feito contra a escolha de Lurdes Pintasilgo por Eanes (escolha muito controversa, no entendimento da direita, certamente afectado por uma sensível desilusão política), e não deixando de considerar a atitude já tomada de não ir a Oeiras responder a uma chamada

do novo chete do novo Executivo, não é difícil garantir que aquelas duas formações vão levantar os seus deputados à pergunta: «Quem vota contra?» Isto, se os parlamentares lá estiverem, quando for a ocasião. Dados os precedentes, é ainda provável que PSD e CDS nem sequer estejam presentes na discussão e na votação.

De qualquer modo, nenhum partido ainda decidiu a estratégia ou a tática que vai seguir para enfrentar esta questão emergente. O PSD tem hoje uma reunião. PS, PCP e CDS vão tê-la por estes dias. PS e PCP deverão reservar-se em declarações públicas acerca da posição que vão ter na AR, adiando para quando o Programa do Governo estiver em discussão. O que não invalida o vaticínio de que, por um e outro dos respectivos grupos parlamentares, o Governo vai ver aprovado o seu Programa, mais crítica menos crítica e ainda que elas possam conduzir à abstenção. O mesmo se diga da ASDI, isto é, dos sociais-democratas independentes. Os partidos da Aliança Democrática (excepto o PPM, que não tem lugar no Parlamento) deverão ter posição concertada. Se assim não fosse, aliás, a Aliança Democrática estaria desde já a negar-se como tal e a recusar as perspectivas que se vai esforçando por propor ao

eleitorado para quando eleições houver.

Talvez a maior expectativa que de momento se levanta à volta do Programa na AR seja a que envolve a necessária participação, nas discussões, do novo Governo, e nomeadamente de Lurdes Pintasilgo, figura ainda pode-se dizer que não muito conhecida da população portuguesa atenta aos **mass-media**. A ocasião pode proporcionar momentos de nível mais elevado do que ocasiões idênticas anteriormente proporcionaram. Mesmo que PSD e CDS não estejam presentes.

De qualquer modo, a eventualidade de os deputados do PSD e do CDS não comparecerem, se pode abreviar a resolução parlamentar do Programa do Executivo, também não deixa de ser uma perspectiva de que os debates serão mais pobres, ou menos interessantes, pelo menos.

Governo dos "100 dias" não será o mais curto do post-25 de Abril

Ainda que apodado de «o Governo dos 100 dias», o Executivo de Maria de Lurdes Pintasilgo não será em princípio na história dos mais recentes elencos ministeriais portugueses, o de mais curta duração. Com efeito, boa parte dos Executivos pós-25 de Abril raramente ultrapassou os 100 dias.

O de menor duração foi o V Provisório, dirigido por Vasco Gonçalves, que se manteve em funções durante 35 dias. O mais longo, o I Constitucional, foi chefiado por Soares e durou 504 dias. Imediatamente a seguir vem o VI Provisório (Pinheiro de Azevedo) que atingiu os 287 dias.

Mota Pinto «esteve» 194 dias em S. Bento, não se contando aqui os dias em que exerceu funções após a demissão. O II Constitucional (ainda Soares) teve mais um dia (178) que o III Provisório de Vasco Gonçalves (177).

No conjunto dos seus quatro gabinetes provisórios, o general Vasco Gonçalves foi chefe do Governo durante 422 dias, sendo apenas ultrapassado por Soares que nos dois executivos constitucionais totalizou 682 dias.

Os restantes executivos nem sequer tiveram os 100 dias atribuídos a Lurdes Pin-

tasilgo. Nobre da Costa esteve na área do Poder 85 dias, seguindo-se, em contagem decrescente, os II, I e V provisórios com, respectivamente, 75, 56 e 35 dias.

«INDEPENDENTES» À CABEÇA

Outra estatística é o mínimo de ministros. Foi o IV Governo provisório o que teve a maior equipa, 21 ministros, seguindo-se o V Provisório e o I Constitucional, com 18.

O total mais baixo é de 15, registado no I Provisório e nos III e IV Constitucionais.

Pelo meio, a variação foi pequena, já que houve 17 responsáveis de «grandes pastas», ao longo do II e III Provisórios e 16 no IV Provisório e no II Constitucional.

No que se refere à «côr política» dos 168 ministros que Portugal teve desde Abril de 1974, à cabeça aparecem os chamados «independentes», em número de 50, depois os militares com 49 lugares, a seguir os socialistas com 41, o PSD e o PCP empataram com oito, o MDP ocupou sete pastas os centristas três, registando-se a participação de um ex-MES e de um membro da SEDES.

Mário Soares chefia delegação da IS à Nicarágua

A deslocação de Mário Soares à Nicarágua, à frente de uma delegação da Internacional Socialista terá sido um dos motivos do encontro Eanes-Soares, realizado na passada terça-feira, na audiência que decorreu em Belém foram igualmente focados problemas relativos à presente conjuntura política.

A delegação chefiada por Mário Soares reúne-se na Cidade do México no próximo sábado, partindo depois para a Nicarágua em aviãocedido por Lopes Portillo tal como aconteceu na missão da IS à América Latina. O presidente do México receberá o dirigente socialista antes da partida da delegação para Manágua.

Integram a delegação representantes dos principais partidos

socialistas e sociais-democratas europeus, nomeadamente Alwin Brueck, ministro sem pasta para a Cooperação, Anselmo Sule, presidente do Partido Radical chileno, Max van der Berg, presidente do Partido do Trabalho holandês, Kaare Sandgren, da secção internacional da confederação sindical norueguesa e Pierre Schori, do Partido Social-Democrata sueco.

A delegação europeia será acrescida de representantes socialistas da América Latina.

Entretanto, o presidente Baptista Figueiredo enviou a Mário Soares um telegrama de agradecimento pela «sua manifestação de aplauso ao projecto de amnistia». A amnistia brasileira permitirá a actividade política no país de numerosos exilados de-



vido ao carácter repressivo do regime militar brasileiro decorrente do golpe de Estado de 1964.

Luís Cabral chega 2.ª feira



Para uma visita de 48 horas a Lisboa chega na próxima segunda-feira o presidente do Conselho de Estado da Guiné-Bissau, Luís Cabral. Espera-se que se aviste com o general Ramalho Eanes e realize outros contactos em relação com a cooperação luso-guineense. Esta estada em Lisboa resulta de uma viagem de carácter privado que Luís Cabral realiza à Europa com deslocações à Jugoslávia e Itália, entre outros países.

Soponata ultrapassa resto da frota mercante

Conforme anunciámos o navio tanque «Nogueira» foi ontem entregue pela Setenave à Soponata que, com a entrada ao serviço de mais esta unidade, ficará com uma frota de navios tanques que totaliza mais de 1,4 milhões de toneladas de porte bruto, ou seja mais do que o resto da frota mercante nacional.

O «Nogueira» parte no dia sete para o Golfo Pérsico, de onde regressará com um carregamento de petróleo bruto no valor de 75 mil contos. A Soponata tem estado a modernizar a sua frota de petroleiros, tendo investido já cerca de quatro milhões de contos.

Nos estaleiros da Setenave, onde foi construído o «Nogueira» vão ser ainda construídos três navios graneleiros (para transporte de cereais e carga seca) de 36 mil toneladas cada um, e, ainda, mais um navio tanque para a Soponata. Está ainda em construção, na Setenave, outro navio tanque destinado à Libéria.



**Caminhos de Ferro
Portugueses**

LISBOA e PORTO — MADRID

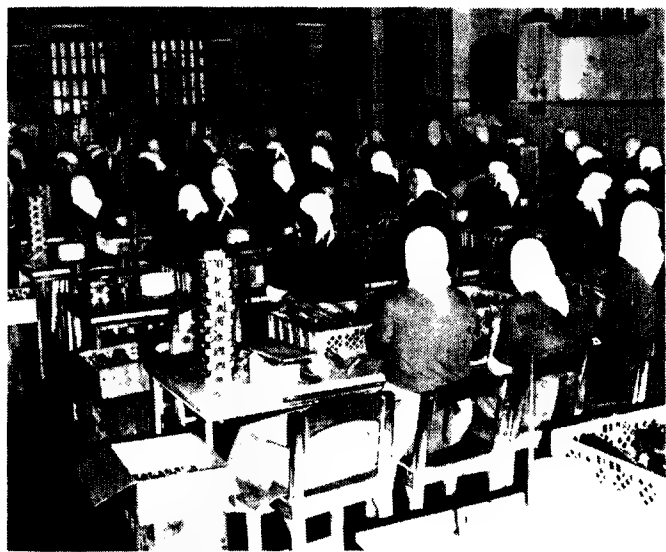
★ PORTO P.	18,45	MADRID P.	23,15
LISBOA P.	21,10	LISBOA C.	9,45
MADRID C.	9,45	PORTO C.	13,00

★ em carruagem directa a partir de 24/6/79.

A partir de Lisboa e Madrid pode fazer-se acompanhar do seu automóvel, utilizando o serviço auto-expresso.

Consulte as Secções de Informações ou os cartazes afixados nas estações.

Em ALVERCA o **Diário de Lisboa**
vende-se na TABACARIA LUSA
Rua Joaquim Sabino Faria, 16



PATRONATO DIZ "NÃO" AO CCT Conserveiros anunciam greves de duas horas

Os trabalhadores da indústria das conservas de peixe estarão em greve durante duas horas nos dias 8 e 9 (quarta e quinta-feira), para pressionarem o patronato do sector a abandonar a atitude antinegocial assumida ao longo das negociações do respectivo CCT.

As paralisações foram anunciadas hoje pela comissão negociadora sindical do contrato colectivo de trabalho das conservas, e têm como motivo próximo a persistente negativa das associações patronais em matérias como diuturnidades, retroactivos, definição de funções do pessoal fabril, acréscimo salarial mínimo, e tabela salarial.

Os sindicatos pretendem ver consagrados aumentos da ordem dos 25 por cento, na perspectiva da reposição do poder de compra perdido durante os 19 meses de vigência da tabela salarial a rever. As associações patronais, tendo contraproposto inicialmente um acréscimo de 10

por cento, estariam agora dispostas a conceder aumentos de 13 a 16 por cento, desde que os trabalhadores abdicassem de retroactivos, diuturnidades, etc...

O processo de negociações arrasta-se há cerca de um mês, sem quaisquer resultados concretos em matéria de natureza pecuniária. Está prevista nova reunião para dia 7, cujo resultado condicionará a concretização ou a suspensão de greve, segundo informação sindical.

EMPRESAS EM AUTOGESTÃO Resolvido o "enigma" permanecem os problemas

Resolvido o «enigma das chaves desaparecidas» (as do carro de Mota Pinto) permanecem os graves problemas das empresas em autogestão, para os quais o Secretariado coordenador do sector tentará sensibilizar o novo Governo.

Este teor de um comunicado emitido pelo Secretariado das Empresas em Autogestão e Cooperativas (SEAGCOOP), que solicita do Governo uma «forma de dinamização e normalização deste sector socio-económico».

«A situação em que se encontram as empresas em autogestão é francamente má, a exigir de imediato medidas que salvaguardem cerca de dez mil postos de trabalho», afirma o Secretariado. «Para além da ausência de apoios económico-financeiros que a Constituição estabelece, as Leis 66 e 68, aprovadas há mais de um ano (...), não foram propostamente aplicadas pelos governos do patronato».

E prossegue o Secretariado: «Bem se esforçaram os trabalhadores das empresas em autogestão por cumprir as imensas e difíceis obrigações que essas leis lhes impunham, conscientes como estavam e estão de que uma Lei, injusta

embora, é quase sempre preferível ao vazio legislativo (...). Esta situação de provocado impasse abriu, pois, as portas ao arbitrio e serviu ao Governo e ao patronato para tentarem agudizar a já difícil situação de milhares de trabalhadores, tentando vencê-los pela fome e pelo desespero».

Foi assim que o ex-governo de Mota Pinto criou uma comissão interministerial para estudo da problemática da autogestão, em cujos trabalhos participou aquele Secretariado. Cedo se constatou, no entanto, que a comissão não só se não identificava com o espírito do 25 de Abril, como tomava posições «antiautogestão», havendo mesmo quem chegasse a afirmar que «a autogestão em Portugal fora mais uma tentativa de tomada do poder, apoiada por determinadas forças políticas».

O CASO «TRIPLA»

«A vitória judicial dos trabalhadores da «Tripla», ao conseguirem a expulsão dos arruaceiros profissionais das instalações da empresa (onde deixaram milhares de contos em prejuízos materiais e perdas administrativas e de gestão de valor elevadíssimo) mostra claramente

quem utiliza meios violentos e provocatórios, e quem tem a razão e a justiça pelo seu lado» — comenta o SEAGCOOP, a propósito dos incidentes registados, há semanas, naquela empresa autogerida.

Segundo revela o Secretariado, o Ministério da Indústria e Tecnologia do ex-ministro Bis-saia Barreto recusou uma audiência aos representantes do SEAGCOOP, alegando que a pessoa a contactar se encontrava em reunião. Entretanto, «as portas dos mesmos gabinetes eram abertas ao chefe dos assaltantes Fidelis, acompanhado do advogado patronal» da «Tripla».

«É um espanto e uma afronta à legalidade constitucional, que em nosso entender deverá merecer do V Governo a devida consideração e as medidas apropriadas» — conclui o Secretariado.

Os apontados factos mostram, segundo o SEAGCOOP, que é «indispensável e urgente em toda a área de trabalho (...) uma política de diálogo com os trabalhadores e uma acção governamental ditada pela justiça, pelos princípios do 25 de Abril e pela Constituição da República».

INQUÉRITO DA ANOP CONFIRMA

O Norte também sabe de greves sindicatos e reivindicações

O significado de sindicato, greve, reivindicação, impostos e de alguma siglas da contratação colectiva foram perguntas colocadas a dezenas de pessoas residentes a norte do País, pela delegação da ANOP no Porto.

Estas questões foram postas a pessoas de diferentes idades e profissões, em fábricas, escolas e na via pública.

De uma maneira geral, os inquiridos souberam definir «o que é um sindicato», embora, para um lavrador de Bragança esta questão lhe «cheire a comunismo», adiantando: «não sei qual a sua função». No Porto, a definição variou entre «um organismo que recebe descontos dos empregados para os defender quando os patrões lhe fazem mal» (Maria Fernanda, 45 anos, 3.ª oficial da Caixa de Previdência), e «um organismo de trabalhadores que estão lá para resolver os seus problemas» (Manuel Martins Ramos, 22 anos, empregado nos telefones).

Os portugueses inquiridos sabem também o que é uma greve, embora alguns deles a tenham definido segundo juízos de pessoas de interpretação («é uma coisa que sou contra isso», Ana Lucinda, 40 anos, empregada de balcão, ou «a maior parte das greves são selvagens e são contra os meus princípios» — disse Agostinho dos Santos Alves, empregado de mesa, de 40 anos).

A pergunta o que são impostos, somente 90 por cento dos inquiridos responderam em termos concretos. Desde «é uma maneira de darmos dinheiro ao Estado» até a interpretação de um serralleiro, de 25 anos. Álvaro Manuel Ferreira Alves («é como o Estado rouba os trabalhadores para salvar a economia do País») as respostas revelam certo conhecimento

Paulo Mendes dos Santos Devesas, 20 anos, habilitado com um curso de mecânico de automóveis, mas desempregado, disse que os impostos «são o que a gente desconta para o Fundo de Desemprego, para o Sindicato, etc». Para Ana Lucinda, empregada de balcão, «são uma maneira de a gente descontar para o Estado e não vai buscar nada».

A sondagem feita pela ANOP no Porto revelou ainda que 70 por cento dos inquiridos sabem o significado de reivindicações, embora para uma funcionária pública seja «uma forma de ir buscar dinheiro que vem de trás». Dez por cento das pessoas ouvidas desconhecem completamente o significado.

As siglas CCT, ACT e PRT são desconhecidas da grande maioria das pessoas. No distrito do Porto somente 20 por cento as interpretam correctamente, 60 por cento responderam não saber e 20 por cento confundiram CCT com os Correios, ACT com «uma cláusula dos telefones» e PRT com «o Partido Revolucionário dos Trabalhadores». Para um outro, CCT «é a Inter».

«A TV PODIA AJUDAR»...

No distrito de Braga, a grande maioria das pessoas ouvidas definiu Sindicato «como organização de trabalhadores», e mostraram saber o que é uma greve, embora Ana Paula Abreu, 20 anos, empregada doméstica, entenda que tal signifique «deixar de trabalhar para se ganhar mais dinheiro». Para Maria do Carmo Oliveira da Costa, de 44 anos, empregada de copa, greve é «uma forma de não se colaborar com o patrão».

Impostos, para uma estudante de 21 anos, Maria Pena Lemos Pires, residente em Braga, são «um meio capitalista de salvar uma economia», e para um professor liceal, José Joaquim de Moura de 42 anos, são «a contribuição do povo para manter a estrutura parasitária da sociedade em que vivemos». Um empregado comercial, Mário da Silva Queirós, de 58 anos, disse que os impostos «são o processo pelo qual o Estado resolve os seus problemas financeiros», e um reformado, Francisco da Silva Pereira, 72 anos, considera que sem «impostos o Governo não se aguentava e também ia à falência».

Grande parte dos inquiridos no distrito de Braga sabe o que são reivindicações, mas apenas 40 por cento definem correctamente as siglas CCT, ACT e PRT, sendo estas últimas as menos conhecidas. O reformado Francisco Pereira afirmou que «dessas coisas de siglas não percebo nada, a televisão é que de vez em quando nos devia ensinar essas coisas, e os partidos também podiam ajudar, mas só dizem o que lhes interesse a eles, querem lá saber do Povo».

«UMA ESPÉCIE DE SUSTENTO»

«Uma greve não é mais do que procurar um descando forçado a que não temos direito», disse um agricultor de Bragança, Cândido do Nascimento, de 48 anos. Para uma freira da Luz da Conceição Mesquita, 55 anos, também de Bragança, «as greves dão grande prejuízo à economia nacional».

Ainda em Bragança, de uma maneira geral, sabe-se o que é um sindicato, uma greve, o que

são impostos, embora para um estudante de 16 anos, impostos sejam «quantias exigidas pelo Estado sem que deste haja retribuição», e para um carpinteiro de 59 anos, Eduardo Joaquim Gomes, «uma espécie de sustento que devemos ao País».

Apenas 20 por cento dos inquiridos em Bragança sabem o que significam as siglas CCT, ACT, PRT. Para uma escriturária de 23 anos, Isabel Afonso, PRT quer dizer «Partido Revolucionário dos Trabalhadores» e o agricultor Cândido do Nascimento sabe apenas que PR «quer dizer Presidente da República», desconhecendo o significado do «último T».

A ÚLTIMA ARMA

Para 20 por cento dos inquiridos no distrito de Viana do Castelo as iniciais «PRT» significam «Partido Revolucionário dos Trabalhadores», e um comerciante, Carlos Manuel da Rocha Correia, 58 anos, entende que «ACT» quer dizer «Associação Colectiva de Trabalho».

Neste distrito, foram, de maneira geral, correctas as definições de sindicato, greve, impostos e reivindicações, embora para José Manuel Matos de Sousa, 21 anos, rececionista, «os impostos sejam desnecessários e apenas um meio de o Estado angariar dinheiro».

Luis Manuel Moura da Silva, «barman» de 24 anos, entende que as reivindicações «são um processo de os trabalhadores conseguirem viver com um mínimo de dignidade», e para Manuel Tomas Carvalhido Alves, de 37 anos, marceneiro, «a greve é a última arma dos trabalhadores para defesa dos seus direitos e necessidades».



Subsídios de desemprego

Os trabalhadores desempregados que tenham a seu cargo pelo menos três pessoas receberão um subsídio equivalente ao salário mínimo nacional (6900 escudos), segundo informação prestada pelo Ministério do Trabalho à ANOP. De acordo com o projecto discutido na última reunião do Governo Mota Pinto, o subsídio de desemprego será fixado em três escalões distintos, conforme o número de pessoas que dependam do beneficiário. Assim, os desempregados com uma ou duas pessoas a cargo receberão 5520 escudos, e os restantes, 3450 escudos. Estes montantes só entram em vigor após a publicação dos diplomas legais que alteram os valores do salário mínimo nacional e o sistema de subsídio de desemprego.

AÇORES: A UNIÃO

Realiza-se no próximo dia 13 a assembleia constituinte da União dos Sindicatos das ilhas Terceira, Graciosa e S. Jorge (Açores), estrutura que terá, entre outras funções, poderes de intervenção no que respeita à legislação do trabalho e conflitos de empresa. O projecto é apoiado pelas direcções de três sindicatos de Angra do Heroísmo e por oito delegações locais de sindicatos de âmbito nacional. Até ao momento, e desde fins de 74, funcionava naquela cidade uma união sindical administrativa, enquadrada na CGTP-IN e integrada pelos Sindicatos de Alimentação e Bebidas, das Indústrias Transformadoras e dos Transportes e Turismo.

MOSCOVO

Parte no próximo sábado para a União Soviética uma delegação oficial da Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal, presidida por Manuel Candeias. O convite partiu do Sindicato dos Operários da Construção de Automóveis, Tractores e Máquinas Agrícolas e do Sindicato dos Operários das Construções Mecânicas e de Aparelhagem.

APOSENTADOS

Aposentados e reformados da Função Pública da zona sul decidiram exigir que as pensões de aposentação, reforma, invalidez e sobrevivência estipuladas num diploma do ex-governo de Mota Pinto tenham efeitos retroactivos a 1 de Janeiro de 79, em cumprimento da lei. Pretendem, ainda, que o valor das diuturnidades a atribuir aos trabalhadores no activo seja igualmente aplicado às pensões definitivas e às pensões transitórias, calculadas com data anterior a 1 de Outubro.

Subsiste hipótese de greve na Imprensa

Têm evoluído normalmente as reuniões da comissão técnica que está a preparar a PRT para os trabalhadores da Imprensa, segundo informa a comissão negociadora sindical.

Não obstante, esta comissão «logo que detecte qualquer acto que considere como tentativa de boicote ou protelamento ao bom andamento dos trabalhos, ou existam indícios de não serem respeitadas as reivindicações apresentadas pelos trabalhadores, accionará de imediato as formas de luta aprovadas» em plenário recentemente efectuado. Deste modo, continua de pé a hipótese de um dia de greve, ainda este mês, em toda a Imprensa (com excepção dos jornalistas).

Entretanto, os sindicatos vão contactar o novo Governo, no sentido de expor a actual situação do CCT.

De notar que a comissão negociadora sindical entende que a percentagem mínima de aumentos salariais não poderá ser inferior a 30%. A semelhança dos que foram concedidos aos jornalistas. Além da tabela, estão em causa as diuturnidades, os retroactivos, o subsídio de alimentação e horários de trabalho, etc...

O "DL" NO DISTRITO DE VISEU (1)

Sempre que nos deslocamos ao interior - norte - e - centro do país, acontece encontrar-nos de sopetão perante o contraste de duas realidades bem distintas e velhas de sempre: o estamento urbano da capital e cabeças do concelho de cada distrito, repim-padas no seu escasso progresso, mas que apesar de todas as carências lá se vai mostrando, mesmo de muletas; e o mundo rural, esquecido, necessitado de tudo, até dos sinais mais primários de civilização, como sejam caminhos, esgotos, luz e um qualquer arremedo de assistência médica e social.

Naturalmente que como Trás-os-Montes, ou outras das parcelas da Beira interior, o distrito de Viseu não foge a esta regra, bem pelo contrário. Nas cidades, vilas e numa que outra aldeia, vai havendo para não bastar, a custas e mal, luz, água, esgotos, transportes, estradas, jorais, rádio, televisão, médico escola, etc. Em torno, porém, das duas cidades do distrito (Viseu e Lamego) e das vilas cabeças de concelho, há freguesias e povoados que não possuem, nem luz, nem água canalizada, nem esgotos (em alguns casos, nem mesmo a primária fossa asséptica), nem caminhos, nem qualquer pronto-socorro, nem televisão, nem rádio, nem jornais,

que as suas potencialidades sempre foram mal aproveitadas e quando o foram fez-se o possível para que delas usufruíssem uns centos de **senhores** em detrimento das necessidades mais urgentes e do nível de vida da sua população trabalhadora agrícola ou industrial.

PARA O POVO OS BALDIOS

Mas nada se terá modificado no distrito de Viseu quanto à maneira como as pessoas interpretam os seus problemas? Será que o caciquismo e o senhorio imperam como dantes, como sempre o fizeram através dos

ONDE SE PERDE A FORÇA E MESTRE AQUILINO COM

lhar em paz e sossego?»

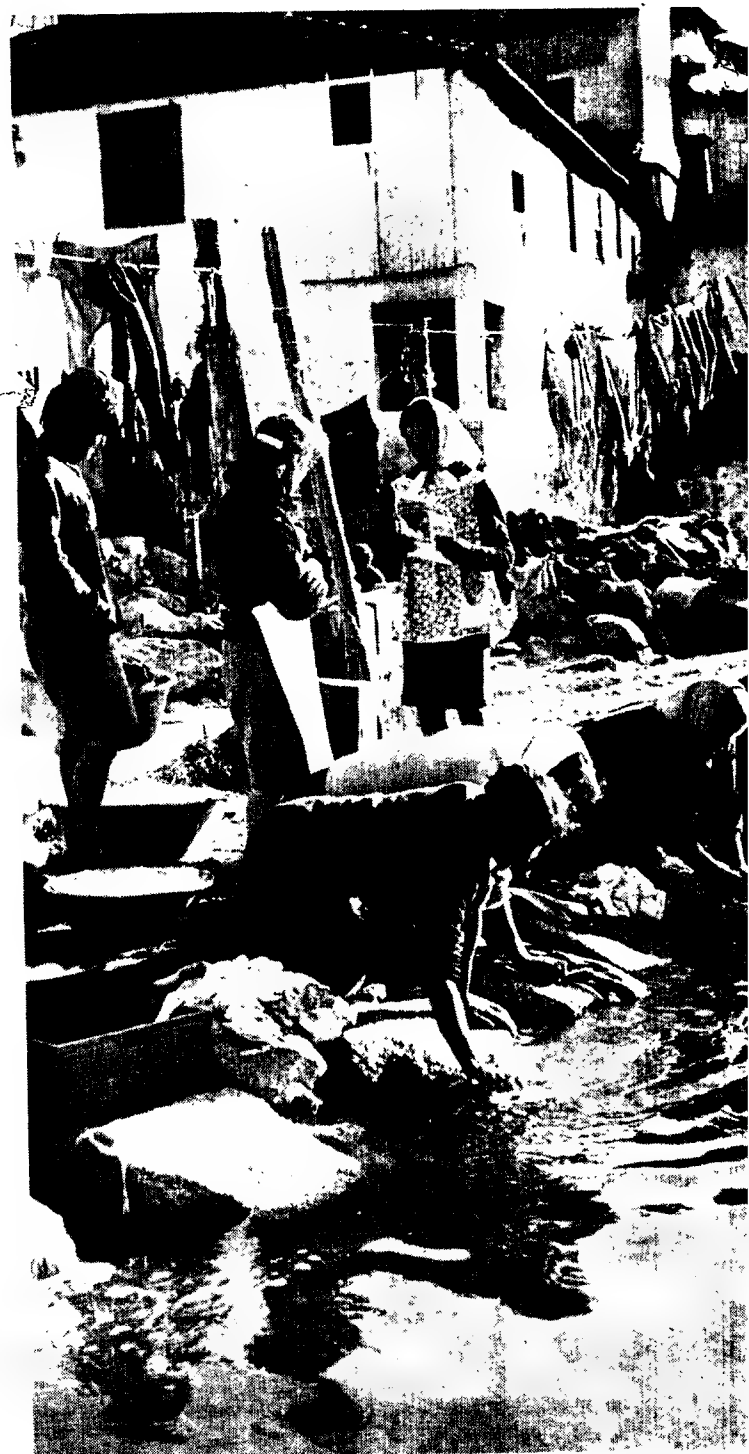
Nem por sombras. Apesar do obscurantismo semeado (e mantido) pelos velhos padrecura receosos de perder passal e cõngrua (como se este dovesse ser o único interesse do viático), apesar da guerra do caciquismo apoiado por forças políticas que no norte requintam o seu engenho reaccionarote, apesar das dificuldades para ganhar uma informação correcta acerca dos problemas gerais da sua terra, o beirão do distrito de Viseu, quer viva ali à roda das vilas e cidades, quer moireje e habite no fundo dos alcantilados do Montemuro, ganha consciência da sua força e dos seus direitos, solidariza-se, organiza-se e prepara-se para, de uma vez por todas, sacudir o jugo imposto desde sempre por estas duas entidades: a cidade, que lhe leva por dois tustos o que produz pela enxada e o senhor feudal, com a sua corte de serventúrios e traficantes, que procura ainda dominá-lo pelo medo e, esbulhando-o, comendo-lhe o suor da testa, pelas sua fraca condição económica.

— Não — diz-nos um serrano de Barrô, Joaquim Pinto, «homem de honra da aldeia», para quem a palavra dada é mais que todas as escrituras —, a gente mesmo no tempo da «boca calada» já arremetíamos contra os que nos queriam lesar. Hoje vamos direitos aos nossos interesses e não há Demo que nos convença a baixarmos os braços.

Falámos em Joaquim Pinto e no Barrô, tocámos, portanto, no problema dos baldios, um problema que neste momento se reacende com certa intensidade. E por aqui, já agora, vamos iniciar esta série de apontamentos sobre o distrito de Viseu. Até porque a partir deste problema e de como ele é encarado pelas populações, podemos verificar como a mentalidade do serrano se enriquece na luta pelo que de direito lhe pertence e nessa luta descobre uma outra perspectiva de vida e de arte de conviver com tudo o que lhe surja como progresso.

Figura de gesta aquiliana de «Terras do Demo» e de «Quando os Lobos Uivam», o homem de honra do Barrô, sr. Joaquim Pinto, antifascista de muitas décadas, que encabeça o Conselho Directivo para a defesa dos baldios daquela aldeia, eleito no dia 1 do passado mês de Julho, diz-nos o seguinte, quando lhe perguntámos o que aconteceria se as populações tivessem de abandonar o que lhe pertence da serra:

— Não, senhor. Nós não podemos de modo algum ceder do nosso logradouro, que é onde temos as nossas águas, os nossos matos para as terras, onde criamos os nossos gados, onde ganhamos as nossas lenhas, que é, portanto, a nossa fábrica. O povo daqui não cede nada. Se está em causa a administração dos baldios é porque os senhores doutores das cidades e uns



nem escola, nem habitação que não envergonhe um edil. Acresce que, na maior parte dos casos muitas destas terras (como Gafanhão e Barrô, no concelho de Lamego) só foram descobertas depois do 25 de Abril, quando da campanha de dinamização do MFA. Encravadas nos fundões da serra ou em vertentes inóspitas, sofreram um isolamento total de que nunca os ministros fascistas desejaram arrancá-las.

Mas à parte estes contrastes entre o mundo urbano e o mundo rural, comuns a outras zonas do alto interior, o distrito de Viseu apresenta mais umas quantas facetas dignas de atenção. Assim, temos que, bem ao norte, na chamada Corda do Douro, depára-se-nos uma região de latifúndio — a das grandes plantações de vinha, que fazem parte, em conjunto com as da raia transmontana, do «Ciclo Port-Wayne» de que tanto nos falou Alves Redol — ao invés, no sul do distrito destaca-se a zona do minifúndio, milhares de pequenas herdades, algumas de exploração familiar e na sua maior parte, empregando de um a três trabalhadores agrícolas. No entanto, Viseu distrito não é somente esta diversificação urbana e rural. Os concelhos de Nelas, Mangualde e Carregal, por exemplo, podem-se inserir no mapa das zonas industriais do país, embora tenhamos que contrapor que exceptuando talvez o caso das indústrias metalúrgicas de Canas de Senhorim (fornos eléctricos), a industrialização local é tosca, rudimentar ou vivendo da proliferação do stato artesanal. Existem ainda as minas da Urgeirica, várias empresas de marcenaria, a indústria resinera e, claro, a enorme produção florestal, a braços com problemas não pouco graves. É de salientar igualmente a montagem da Citroën, em Canas, que constitui, como se calcula, um avanço industrial de excelente dimensão e, ao mesmo tempo, uma sensível faixa do mercado de emprego.

Tudo isto nos afirma que o distrito de Viseu nada tem de pobre. O que realmente sucede é

séculos, sobretudo no que respeita ao chamado mundo rural? Têm razão as vozes que continuam a apregoar — porque lhes convém —, que as gentes daquelas regiões «se estão marimbando para o 25 de Abril e que o que desejam é que os deixem traba-

“Querem tirar-nos os baldios? É o tiras!”

Entrámos no Barrô por um caminho difícil (quase três quilómetros de soccalo, desnível, poeira, que no inverno se transformam num inferno de lodaçal invencível) e que, depois de deixarmos o alcatrão percorrido desde Lamego, nos arrasta por uma encosta tão abrupta, que o nosso carro não pode avançar até ao povoado. O resto, terá de fazer-se a pé. Na única venda local, a hospitalidade é bem beirada: há cara de boas-vindas e os copos de um branco espesso como ouro, saltam para o balcão.

— A nossa saúde e graças a Deus! — murmura alguém do povoado.

Ouve-se outra voz:

— A nossa saúde e graças aos braços que trabalharam a terra que deu tão boa cepa.

Eram vozes discordantes, como se repara. Que nos falavam de dois horizontes distintos.

O homem que dera graças a Deus, apossou-se a abandonar a venda. Estava só. Alguém nos informa:

— É um antigo emigrante. Tem a única casa digna desse nome aqui na terra. Note, sr. jornalista: todos nós somos cristãos. Mas começamos a ver que para certos cristãos, uma coisa é o que se diz na

missa, outra o que se pratica na rua. Ora isto não é de cristão. O nosso vizinho emigrante já não pertence ao povo. Tomou o partido dos grandes donos.

De repente, fomos rodeados pela população:

— São da televisão?

— Ou da rádio?

Estávamos de gravador em punho e daí o equívoco.

— Não, somos de um jornal.

Comentário ao nosso lado:

— Eu logo vi. A televisão e a rádio só têm olhos para os plenários dos patrões ou para contarem histórias da cidade.

— Como é que eles vinham sujar os pés no chiqueiro do Barrô?

— Pois é, senhor jornalista, já que veio cá ao menos diga no seu jornal o que aqui vê: não temos nada. Nem luz, nem água canalizada, nem esgotos, nem informação, nem médico, nem casa em condições, nem caminhos. O único caminho que o sr. viu, foi aberto pelo povo com a ajuda das Forças Armadas a seguir ao 25 de Abril e nunca mais se fez coisa nenhuma.

— A casa do emigrante rico tem electricidade, mesmo no centro da povoação. O resto das casas não tem. Porque é isto?

— Porque ele é do PPD. São

as cunhas, então não sabe?

A poucos passos, um pequenito faz as suas necessidades em plena rua. Outros garotos brincam mais abaixo na água conspurcada.

— E depois disto que o sr. vê, ainda querem tirar-nos a serra, que é a única coisa que temos. É o tiras.

E o homem, no meio da hilaridade geral e do rosto fechado do emigrante rico que olha à distância, desenha no ar deste fim de tarde de Julho de 1979 um feroz manguito.

Mas é ainda a voz de Joaquim Pinto que vem rematar este diálogo:

— Não temos mais que os nossos brejos, as nossas serranias descampadas. Não temos o que o sr. ouviu que ao temos e até quando há um morto no povoado, vamos de esquite ao ombro por essas serranias porque os carros das agências ou da edilidade ou dos bombeiros não abarcam por esse caminho ruim. Pois ainda por cima, nos querem roubar a única riqueza que nos dá alento: a serra. Como pensam lá os mandões do Terreiro do Paço que eu nunca vi, o que é o país que eles desconhecem para virem cantar loas à gente?

Como pensam, Joaquim?

quantos esbulhadores a quem em causa, visto que essa administração está bem entregue ao povo, seu soberano. Os legítimos donos destes baldios da zona do Barrô são o povo da nossa freguesia e sobretudo dos lugares de Cetos, Vales e Seara. Não são os doutores Mário e a Portucel, nem as autoridades de Lamego ou de Lisboa. Que se diga bem alto ao senhor Governo que o povo daqui não vai em cantigas. Queremos o que é nosso por direito e, se for preciso, com a vida o defendemos.

O problema dos baldios do Barrô é idêntico ao problema dos baldios de todo o norte, abaixo ou acima do Douro: um dia aparece um senhor cacique, doutor ou não e lembra-se de que há uma serra a explorar. Passa pelos povoados, sobranceiro e astuto, arranja um par de aliados para a marosca e vai tentar demarcar, protegido pelas cunhas do poder regional ou central, terras que nunca lhe foram concedidas, terras que pertencem, de direito e de facto, às populações locais. Por sua vez, o povo alerta-se e opõe-se, legitimamente, ao esbulho, à extorsão. Os senhores doutores, caciques, agentes do poder descrionário e outros, fazem alarido, manipu-

lam os cardápios da Lei e tentam pela força obrigar o serrano a ceder. Ninguém tem em conta, inclusivamente, o que a serra representa para o beirão trabalhador da aldeia. Ninguém recorda — pretendendo-se até que se esqueça — o que Aquilino Ribeiro, em 1958, deixou escrito nessa gesta espantosa do povo do baldio, chamada «Quando os Lobos Uivam» e que tantos engulhos criou ao governo salazarista.

AQUILINO VIVO CONDENANDO A INJUSTIÇA

Vejamos, pois, e para anotar-mos de quantos anos vem o processo dos baldios, o que Aquilino escreveu então:

«Rigoberto (a cena passa-se no interior de um tribunal) escutou um momento, pôs os olhos no tecto da sala e redarguiu, fitando o delegado do Poder absoluto:

— O progresso, senhor engenheiro, é uma operação, mas não é uma moral, convenho. Arborizem a serra e fiquem certos que vão bulir perigosamente com o ethos do serrano. Aos senhores feitos na Herum Natura,

Reportagem de Josué da Silva

A DO CACIQUE NTINUA VIVO

brancas, autênticas terras do Demo. E aldeias e serras estão consubstanciadas até à sua fibra mais íntima.

Mas tarde, a páginas 213 da mesma obra, Aquilino Ribeiro oferece-nos o triste desfecho da «quezília dos baldios», em pleno fascismo: «A cavalaria, que se apercebeu do lance, abateu-se de espada desembainhada sobre os sediciosos (...) Três ou quatro dos pimpões foram calcados ou acutilados, e a turba derramou-se aos quatro pontos, cada um se chamando às de vila diogo. Mas no terrenos jaziam mortos e feridos...»

A verdade é que a história sempre se repete. Apenas com a diferença de que agora os factos não ocorrem em Unhais e sim em Barrô e povoados circunvizinhos, o dr. Labão de «Ruando os Lobos Uivam» chama-se nesta altura dr. Mário e uma companhia de exploração, a Portucel, quase surge aqui como um agente dos todo-poderosos da cidade que na narrativa de Aquilino eram o núcleo regional da União Nacional. E já houve, como nos anos cinquenta, a tentativa de obrigar o povo a ceder pela força...

É o sr. Joaquim Pinto quem nos conta a história. Homem que mal sabe assinar, ele conhece as leis e vislumbra com a argúcia da águia das suas serranias, todas as falcaturas que os doutores mal intencionados engendram para levar de vencida a razão do povo.

— O tal dr. Mário — recorda Joaquim Pinto —, que aqui figura como rei desta encenação feita contra o nosso povo, há muitos anos que anda com ela fígada. Ele conseguiu comprar a um tio desleixado em Lisboa, uma pequena atestada (parcela de terreno no meio do baldio), vai já para trinta anos. Não ficando satisfeito com aquilo que era do tio e que não ia além do bocado das Fontainhas, o sr. dr. Mário, mais tarde pensou em assenhorear-se de todo o logradouro público. E logo então decidiu fazer em

para o tribunal. — E Joaquim Pinto interpõe: — É preciso não olvidar que isto se passava há vinte anos, quando todos os senhores julgavam ter a faca e o queijo na mão.

— E acrescenta: — Apesar disso, no tribunal ele perdeu a questão. Ficou tudo quieto. Mas mais tarde, não ficando satisfeito, pensou em mandar vir para ali uma patrulha de guarda, no intuito de fazer os plantios, a coberto da força, nos terrenos da povoação. A patrulha da guarda veio, sim, senhor, mas o povo pegou nas ferramentas dos síncarios do dr. Mário e botaram-lhes encosta abaixo. Porém, desejoso de desforra, o dr. Mário, tempos depois, fez-nos um rico presente: mandou vir a guarda toda de Lamego. Veio a guarda e encontrou pela frente uma ala de gente do povo, onde até havia mulheres em estado de gravidez, que acabaram por ser empurradas e atiradas ao chão. As coisas estiveram feias, o povo de um lado, sem arrecuar um palmo e a guarda domutro, fãzinha e brandindo as armas. Mas por fim o tenente da guarda, telefonou para Lamego pedindo para retirar as tropas. — E Joaquim Pinto, num espantoso memorial, recorda: — Vinha com o dr. Mário um outro dr., chamado Montenegro, muito coiso com a lei. Então o dr. Montenegro virou-se para a povoação em peso e disse que ia comprar tudo aquilo e a povoação perguntou quem é que lhe vendia e ele contestou: — «Ora essa! O meu cunhado, dr. Mário». E a população: — «O seu cunhado? Então ele não teve elementos para se defender no tribunal, como é que pode vender isto? Só se o fizer falsamente como comprou a atestada. Ele não tem documentos do monte.» O dr. Montenegro, prossegue J. Pinto, ameaçou com uma acção cível, mas o povo não se encolheu e disse: «Isto é da população e terá que pôr a acção a cada um dos proprietários, o que fará com que a acção nunca mais acabe.» Vai c

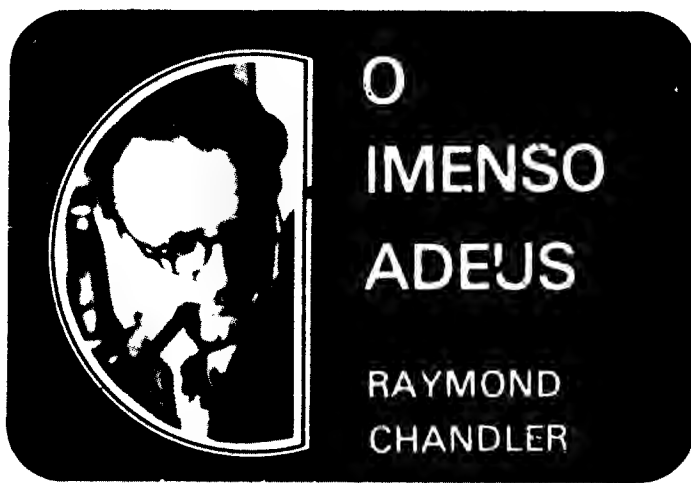
«SE FOR PRECISO VAMOS A LISBOA»

De facto, o dr. Mário recorreu aos tribunais. Durante anos, acção sobre acção, não deixou descansar as populações com a sua cisma. Mas não levou a melhor, quer dizer, não levou nada do que pretendia, que era, segundo os do Concelho de Defesa dos baldios, apoderar-se dos mesmos ilegalmente. Foi então quando o dr. Mário resolveu torcer caminho, isto é, ainda que mantendo o seu objectivo (o de se assenhorear das brenhas em causa), atacou por intermédio de terceiros. Joaquim Pinto volve à história:

— Foi assim que o dr. Mário, vendo os seus intentos gorados, recorreu a um truque. Alugou a sua atestada à Portucel, para que esta ali fizesse o que entendesse. Ora como para chegar à atestada do dr. Mário é preciso passar pelos nossos corredores e como a atestada só por si não resolve as ganâncias da companhia, vão os homens da Portucel e encaminham para os baldios um tractor. Ai o povo correu em chusma, pôs-se diante da máquina e gritou: — «Se quem passar, têm de passar por cima dos nossos corpos.» O reboliço de há vinte anos repetiu-se, mas a Portucel, que vinha com pesinhos de lá, viu-se obrigada a encolher as unhas e toca a andar que se faz tarde. O assunto está entregue a quem de direito, que nós também temos ao nosso lado gente que sabe mexer nas leis. Além disso, constituímos o concelho e daqui não arredamos. Os baldios são nossos são do povo por direito e condição antiga e ninguém os tira a quem realmente pertencem.

O Concelho Directivo para defesa dos baldios do Barrô é assim constituído: Joaquim Pinto, de 64 anos, de Cetos; Manuel Caseiro, de 63 anos, do Lugar da Fraga; Adriano Pinto Ideias, de 52 anos, também de Cetos; Manuel Viera, de 42, do Barrô; e António Pinto Pereira, de 53, do Lugar de Cima. A Mesa da Assembleia: Manuel do Carmo Pinto, de 42 anos, da Seara; António Pinto Ideias, de 55, igualmente da Seara e Joaquim Monteiro, de 49 anos, de Cetos.

Este Concelho, para além de tratar da defesa dos baldios junto das autoridades do distrito (de resto, a Junta de Freguesia do Barrô está incondicionalmente a



© — Livros do Brasil/College Trustees

Tirou do bolso um lenço branco e limpou as fontes. Eu estava para ali sentado tentando descobrir as razões que levavam aquele homem a ter tanto ódio lá dentro.

— Este clima é demasiadamente quente para mim. Estou habituado a regiões mais frescas. E tenho a sensação de que já me afastei muito do que queria dizer.

— Mas eu percebi o que o senhor quer dizer. Não gosta do rumo que o mundo está a tomar. Consequentemente usa de todo o poder que tem para construir um cantinho seu onde possa viver como se vivia há cinquenta anos, antes da produção em massa. Tem cem milhões de dólares e só lhe trazem sarilho sobre sarilho.

— E depois? — disse-me secamente.

— Depois acabei. O senhor não está interessado em saber quem lhe matou a filha. Pô-la de parte há muito tempo. Mesmo que não tivesse sido o Terry Lennox que a matou e que o criminoso ande por aí, isso para si não tem o menor interesse. Quanto a apanhá-lo, nem pensar nisso: o escândalo voltaria à baila e haveria um julgamento e o sossego que o senhor tanto aprecia seria interrompido durante um tempo. A não ser que o criminoso também fosse um tipo simpático e amigo de fazer vontades e resolvesse suicidar-se antes de se dar o julgamento. E de preferência em Tahiti ou Guatemala ou mesmo no meio do deserto do Saará.

De repente ele sorriu e desta vez mais amigavelmente.

— Que quer de mim, Marlowe?

— Se se refere a dinheiro, nada. Trouxeram-me aqui. Disse a verdade quanto à forma por que entrei em contacto com o Wade. Mas ele conheceu a sua filha e é tido como homem violento, embora eu ainda não tenha dado por isso. O tipo tentou suicidar-se a noite passada. É um desgraçado. Tem um complexo de culpa, mas dos grandes. Se por acaso eu estivesse interessado em encontrar um suspeito, ele tinha grandes possibilidades.

201

CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA

SR. EMIGRANTE

NÃO ADQUIRA QUAISQUER TERRENOS, SEM PRIMEIRO SE INFORMAR JUNTO DA CÂMARA MUNICIPAL, (SERVIÇOS TÉCNICOS) DA LEGALIDADE DAS TRANSACÇÕES E DA VIABILIDADE DE CONSTRUÇÃO NOS LOCAIS EM CAUSA.

DEFENDA-SE — DEFENDENDO O CONCELHO

A CÂMARA MUNICIPAL

As Florestas são uma riqueza nacional.
Compete a todos defendê-las e protegê-las.
Não faça queimadas.

NÃO FAÇA LUME
PROTEJA AS FLORESTAS

pouco se lhes importa, bem sei. Mas têm esse direito? Reparem que a serra é serra, não selva. A alma do habitante gerou-se desses oiteiros petrificados e corgos cheios de saltos. Mas só assim é que valem, em tanto que conformadores do carácter. A gente passa por eles, divisa-os, define-os e, se sabe deduzir, conclui: é a Hispânia. Quer dizer, nessas penedias com ar de assombro e ermos que parecem órgãos gelados do nosso planeta, e até nos horizontes que às vezes se põem a faiscar como espadas, há mais do que penha, deserto e deslumbramento espacial. Há um não sei quê de indefinido, um complexo de filáucia ibérica e frenesim que se comunicou ao homem, e parece ser uma involução ao mesmo tempo do seu carácter. Sei que Vosselências ignoram-no, mas eu posso garantir-lhes: o serrano, que os senhores se propõem imolar nas aras de um pretendido progresso, é um misto de desespero, orgulho, mansidão, meio lobo, meio carneiro, formado desta vegetação rasta e humilde, da paciência imensurável que representa uma rês a encher a barriga percorrendo léguas (... A serra é por assim dizer a extensão universitária destas aldeias rupestres, desabridas e

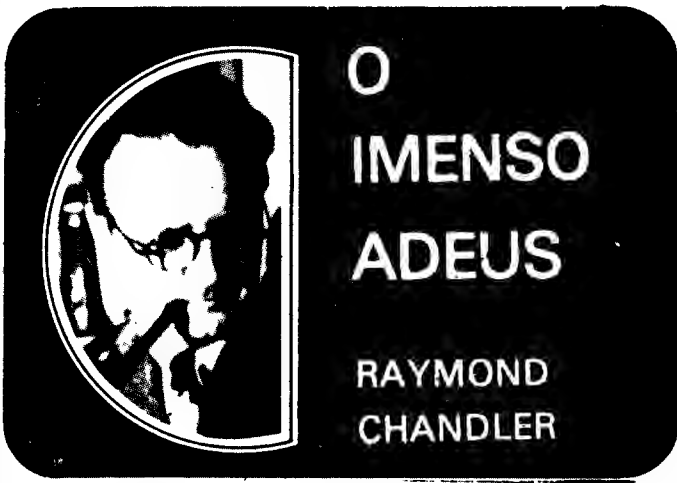


toda a extensão do baldio buracos para plantio de árvores, com as quais pensara demarcar o que não lhe pertencia, encurralando nesta área a água de lavradores, atestadas de lavradores, tudo o que nós temos para sobreviver, afirmando que assim passaria a ser tudo dele. Os lavradores opuseram-se e foram com ele

dr. Montenegro e pergunta quem é que nos tinha ensinado aquilo e houve quem lhe respondesse: — «Olhe, sr. dr., quem nos ensinou foi quem em Coimbra comeu os feijões até ao fim. Como o sr. dr. só os comeu até ao meio...»

Claro que o homem da piada que embatucou Montenegro foi Joaquim Pinto.

seu lado), movimentará as populações sempre que necessário. Inclusive, se o assunto se arrastar, a população do Barrô virá a Lisboa em peso. É esta a nova perspectiva dos rurais da Beira Alta: aprender o caminho direitinhos ao futuro que aí vem. E o futuro já responde, como veremos no que se segue.



© Livros do Brasil College Trustees

Ele levantou-se. De pé era enorme. E forte. Aproximou-se até ficar diante de mim.

— Sr. Marlowe, basta um telefonema meu para o senhor ficar sem a sua licença. Não brinque comigo. Eu não tolero brincadeiras.

— E com dois telefonemas seria encontrado sem cabeça.

Ele deu uma gargalhada áspera.

— Eu não trabalho dessa maneira. Mas deve ser consequência da sua deformação profissional. E já perdi muito tempo. Vou tocar para que o criado lhe mostre o caminho.

— Não é necessário—disse enquanto me punha de pé.

— Eu vim a sua casa e ensinaram-me o que devo fazer. Obrigado pelo tempo que perdeu.

Ele estendeu a mão.

— Obrigado por ter vindo. Tenho a impressão que você é um homem honesto. Mas não arme em herói. Não se ganha nada com isso.

Apertámos as mãos. A dele era de ferro. Agora o sorriso era benévolo. Era o grande senhor, o vencedor, tinha tudo nas mãos.

— Pode acontecer que um destes dias lhe mande algum trabalho. E não fique a pensar que eu compro os nossos políticos e defensores da lei. Não preciso. Adeus, sr. Marlowe. E mais uma vez obrigado por ter vindo.

Ele ficou de pé enquanto eu saía. Ia a abrir a porta quando a Linda Loring me apareceu vinda do nada.

— Então? Que tal se deu com o meu pai?

— Lindamente. Explicou-me tudo sobre a civilização. Isto é, sobre o que ele acha que é a civilização. Por enquanto vai deixar correr as coisas mas devo ter cuidado e nunca interferir com a sua vida particular. Quando interferir ele faz um telefonema a Deus e dá as suas ordens.

— Não há nada a fazer consigo—disse-me.

— Comigo? Olhe para o seu pai. Comparado com ele eu

202

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

12.º JUÍZO

ANÚNCIO

Proc.º n.º 5668-A
3.ª Secção

Faz-se saber que na execução de sentença pendente na 3.ª Secção do 12.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, movida por Eurofil-Indústrias de Petróleo, Plásticos e Filamentos, S.A.R.L., com sede na Rua Tomaz Ribeiro, n.º 45-5.º esquerdo, em Lisboa, contra SEPO — SOCIEDADE EUROPEIA DE PESQUISAS E ORGANIZAÇÕES, LD.ª, e A. DIAS, LD.ª, ausentes em parte incerta e com as últimas sedes conhecidas respectivamente, na Rua dos Açores, n.º 23, no Barreiro e na Rua Dr. Manuel Pacheco Nobre, n.º 37-B, também no Barreiro, são estas executadas citadas para no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, deduzirem oposição à execução, pagarem à exequente a quantia de 263.426\$50 e juros, proveniente de transacção comercial, ou nomearem bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido à exequente esse direito de nomeação.

Lisboa, 23 de Julho de 1979

O Juiz de Direito
a) José Alberto de Azevedo Moura
Cruz

O Escrivão de Direito
a) Regino Augusto Lança

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO (1.ª publicação)

O Doutor José Manuel de Paiva Carvalho, Meritíssimo Juiz de Direito do 7.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa
Faz saber que pela 2.ª Secção deste Tribunal e sob o número 13/78, correm seus termos uns autos de execução de sentença em que é exequente LÚCIA FRIAS SOUSA FRAGOSO, residente em Casalinho dos Arcos — Abóbada, e executada DELÍCIAS DE PORTUGAL — Fábrica de Massas Alimentícias, LD.ª, com sede em Abóbada, e nos mesmos autos correm éditos de VINTE DIAS, findos que sejam TRINTA de dilação e da segunda e última publicação do presente anúncio para citação de quaisquer credores incertos para deduzirem os seus direitos nos referidos autos.
Para constar se passou o presente anúncio, a fim de ser devidamente publicado.

Lisboa, 15 de Junho de 1979
O JUÍZ DE DIREITO

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

EÚROPA

ESPAÑA

Governo prevê reforço da luta armada da ETA

O Governo espanhol prevê a intensificação da luta armada da ETA, visando opor-se ao referendo sobre o estatuto basco, a realizar em Outubro, declarou ontem, em Madrid, o secretário de Estado espanhol da Informação, Josep Melia, durante um encontro com os jornalistas estrangeiros.

Melia acrescentou que os efectivos dos simpatizantes activos da ETA, que garantem infraestrutura necessária às operações dos seus comandos, aumentaram nas últimas semanas.

O secretário de Estado afastou a possibilidade de qualquer nova medida de amnistia a favor dos presos bascos. Sabe-se que uma das reivindicações principais do ramo político-militar da

ETA consiste, precisamente, na libertação dos presos bascos detidos em Soria. Por seu turno, a ETA-Militar exige a partida imediata das forças da Polícia que se encontram no País Basco, bem como a independência da região.

EXPLOÇÃO NUMA PRAIA DA CATALUNHA

Explodiu ontem um engenho num parque de campismo situado junto à praia de Calafell, na provincia catalã de Tarragona, nordeste da Espanha.

A deflagração não causou vítimas mas um automóvel ficou destruído. A Polícia abriu um inquérito.



GOVERNO ESTUDA COMBATE AO TERRORISMO

A situação gerada pelos recentes atentados dos separatistas bascos da ETA foi alvo de

uma reunião de vários responsáveis governamentais.

Depois de ter sido recebido pelo rei Juan Carlos, Suarez participou em longa sessão de trabalho com o vice-presidente do Governo, general Manuel Gutierrez Mellado, com o ministro do Interior, general Ibañez Freire e com o Director-Geral da Segurança, Salazar Simpson.

Conversações Ceausesco Brejnev

Nicolau Ceausesco, chefe do partido e do Estado romeno, regressou hoje de manhã a Bucareste após uma estada de 24 horas na URSS, onde se avistou com o presidente Leonidas Brejnev, secretário-geral do PC soviético e presidente do Presidium do Soviète Supremo da URSS.

Brejnev e Ceausesco discutiram ontem na Crimeia «os problemas da edificação do comunismo e do socialismo na URSS e na Roménia». Na troca de opiniões abordaram também as relações entre os dois partidos e a «cooperação dos planos quinquenais dos dois países».

Brejnev entregou na mesma ocasião ao presidente Ceausesco a «Ordem de Lenine» a mais alta distinção soviética.

Manobras da NATO sobre a RFA

Aviões de seis países da NATO participarão num extenso exercício a realizar sobre a RFA, de 12 a 21 de Setembro.

As manobras, com o nome de código de «Cold Fire 79», serão combinadas com as operações terrestres de Outono de países individuais e exercícios internacionais.

«Cold Fire 79» servirá para experimentar a flexibilidade de comando, controlo e comunicações e a integração aérea da NATO.

GUERRILHA ATACA NA RODÉSIA

Guerrilheiros da Frente Patriótica desencadearam hoje um bombardeamento com foguetões contra a cidade de Fort Victoria, na Rodésia-Zimbabwe.

O ataque, entre a uma e as duas da madrugada, danificou dois prédios nos subúrbios, um dos quais ardeu completamente. Não foram anunciadas vítimas.

ITÁLIA

Pandolfi desiste de formar Governo

O primeiro-ministro italiano indigitado, Filippo Pandolfi, renunciou à tarefa de formar governo.

Ministro do Tesouro de Giulio Andreotti, Pandolfi foi o quarto elemento destacado pelo presidente Sandro Pertini para constituir um novo gabinete, depois das eleições de Junho.

A sua tentativa de formar uma coligação entre republicanos e

sociais-democratas foi hoje frustrada na sequência do anúncio dos socialistas de que não aprovariam um voto de confiança num tal executivo.

O «não» dos socialistas responde naturalmente ao «veto» dos democratas-cristãos na tentativa do secretário do PSI, Bettino Craxi.

«Pandolfi quis-nos levar a acreditar numa trégua política,

contanto com a nossa abstenção para realizar os seus objectivos, que não eram outros senão a formação de um Governo tripartido (demo-cristãos, republicanos, e sociais-democratas)», afirma o Partido Socialista.

Por seu lado, o presidente da República Sandro Pertini, deverá nomear ainda um novo encarregado de formar governo.

ÁFRICA

Agostinho Neto propõe Assembleia Popular

Angola encontra-se em condições políticas que lhe permitem dar um passo em frente no sentido da constituição de uma Assembleia Popular, considerou ontem o presidente Agostinho Neto.

O chefe de Estado angolano, durante um discurso pronunciado por ocasião do 5.º aniversário da criação das «Forças Armadas Populares de Libertação de Angola», precisou, no entanto, que a RPA «não estava ainda na situação em que essa

Assembleia Popular pudesse ser constituída». «Mas é urgente criar os organismos populares» que possam conduzir a esta nova forma das estruturas de Estado, declarou em substância o presidente angolano.

MANIFESTAÇÕES DE APOIO

Uma manifestação de apoio ao presidente Agostinho Neto realiza-se hoje em Luanda.

Esta manifestação, que segundo os organizadores, deverá revestir um carácter de massas, destina-se a apoiar as decisões do chefe do Estado, que acaba de remodelar profundamente as instituições provinciais de Angola e, em parte, o Governo.

A manifestação demonstrará por outro lado «a unidade nacional com vista à mobilização do povo para a defesa e integridade territorial e o reforço da solidariedade com os povos oprimidos da África Austral».

AO CONTRÁRIO DA MAURITANIA

Marrocos insiste em ocupar o Saará

Marrocos continuará a combater os guerrilheiros da Frente Polisária, apesar da decisão da Mauritânia de pôr termo à guerra

contra aquele movimento de libertação do Sara ocidental, afirmou em Rabat o ministro marroquino dos Negócios Estrangei-

ros, Mohamed Boucetta.

«A nossa posição não se alterou» disse Boucetta. «Consideramos o Sara como parte integrante do território marroquino e continuará a sê-lo.»

A declaração do ministro marroquino foi tornada pública um dia após a Mauritânia ter anunciado que renunciava à luta contra os 10 mil guerrilheiros da Frente Polisária, organização de libertação nacional que luta desde há quatro anos pela independência do Sara ocidental.

Com esta decisão, a Mauritânia parece disposta a entregar aos naturais do Sara ocidental, a faixa de território oferecida pelas autoridades de Madrid, quando a Espanha decidiu, há quatro anos, retirar as suas forças militares aí estacionadas.

A guerra depauperou a economia mauritana em mais de um milhão de dólares por dia, prejudicando seriamente a laboração das suas minas de ferro, que constituem 75% das exportações.

REUNIÃO DA COMMONWEALTH

Thatcher «à defesa»

Numa referência aos ataques dirigidos pelo presidente Kaunda da Zâmbia ao Governo de Salisbury, na sessão de abertura da reunião da Commonwealth, a dirigente conservadora Margaret Thatcher afirmou que o objectivo do seu Governo era conduzir a colónia britânica da Rodésia a uma «independência legal» que seja aceite pela comunidade internacional.

Mas Margaret Thacher esforçou-se também por desviar as atenções do candente problema rodésiano através de referências aos problemas de refu-

giados do Sudoeste Asiático. Nesse sentido afirmou que a existência de refugiados se deve à política de Hanói e que só a mudança desta última permitirá resolver o problema.

De qualquer modo a reunião decorre sob tensão. O ministro dos Negócios Estrangeiros atacou a acção da Nigéria que destinou a nacionalização dos bens da British Petroleum que segundo os observadores se destinou a pressionar Londres a não reconhecer o Governo de Mosurewa.

ASIA

ELEIÇÕES CONSTITUINTES NO IRÃO

Protestos e boicotes não impedirão uma vitória esmagadora dos clérigos

Está assegurada para amanhã uma vitória para a hierarquia muçulmana, quando os iranianos elegerem um Conselho de 75 membros, encarregado de aprovar a Constituição da República Islâmica.

Cerca de 80 por cento dos candidatos ao Conselho de Examinadores constitucionais são clérigos ou apoiados por clérigos. Os eleitos devem aprovar, no prazo de quatro semanas, a minuta de constituição, publicada em Junho. Realizar-se-á em Setembro um referendo nacional sobre a constituição.

Pela primeira vez desde 1952, a esquerda iraniana pode apresentar oficialmente candidatos. O Partido Tudeh (Comunista), as organizações guerrilheiras Fedaine e Mujahedine, os Trotskistas e vários outros pequenos grupos de esquerda aceitaram o desafio.

Contudo, o segundo maior grupo muçulmano do Irão, o Partido Republicano do Povo Muçulmano, e vários outros grupos anunciaram o seu propósito de boicotar as próximas eleições.

O PRPM, liderado pelo «Ayatollah» Syed Kazem Shariatmadari, moderado, anunciou o boicote através de uma carta enviada ao ministro do Interior, Hashemi Sabbaghian.

Afirmava-se na carta que as eleições deviam ser adiadas uma vez que não existem no país condições para se efectuarem.

O Grupo Árabe declarou também que não tomaria parte nas eleições em protesto contra o que apelidou de uma vaga de execuções sem julgamento e prisões sumárias e porque a minuta de Constituição ignora o problema da autonomia regional. Vários árabes foram executados nas últimas semanas, acusados de fazerem explodir condutas petrolíferas e de outros actos de violência.



O «ayatollah» Khomeiny rodeado pelos seus fiéis

A Frente Democrática Nacional, um pequeno, mas actuante grupo, representando intelectuais moderados e de esquerda, boicotará também as votações de amanhã, em protesto contra os privilégios garantidos aos candidatos religiosos.

Anunciando a sua decisão, a Frente disse num comunicado que não existiam actualmente, no Irão, condições democráticas para a realização de eleições.

A luta é de facto desigual. O chefe de Estado não oficial do Irão, Ayatollah Khomeiny, pediu repetidas vezes aos eleitores que votassem em candidatos dos clérigos. Numa altura, o Ayatollah, de 79 anos, apelou aos seus partidários para que combatassem ainda mais renhidamente contra os opositores do Islão, do que fizeram contra o Xá,

a quem derrubaram em Fevereiro passado. No Irão de hoje, foi como se a esquerda secular tivesse sido proibida.

Os curdos e os fedaines participam desta vez, ao contrário do que fizeram em Março, em relação ao referendo sobre o estabelecimento de uma República Islâmica, que boicotaram.

A sua abstenção não impediu o Ayatollah Khomeiny de reivindicar uma votação de 99,3 por cento a favor do seu projecto e está determinado a demonstrar, desta vez, que o seu apoio não diminuiu.

A campanha eleitoral iniciou-

se, no fim-de-semana passado, de uma forma negativa. O Ministério do Interior, que organiza as votações, afirma que não sabe quantos candidatos se apresentaram, nem se importa com isso.

Competirá aos eleitores descobrir quem se candidatará nos seus distritos e escreverem os nomes deles nos boletins de voto. Num país onde 70 por cento da população é analfabeta, isto pode causar problemas. Funcionários do Ministério revelaram que os analfabetos poderão levar com eles, à assembleia de voto, alguém que saiba escrever.

MÉDIO ORIENTE

Diálogo OLP — EUA já começou

«Os Estados Unidos começaram já a dialogar com a Organização de Libertação da Palestina, utilizando nomeadamente como intermediários alguns países europeus», afirmou Talal Naji, membro do Comité Executivo da OLP.

«Os Estados Unidos foram levados a abrir este diálogo depois de se terem dado conta que tinham caído num impasse no que respeita à aplicação da parte dos acordos de Camp David relativa à questão palestina», acrescentou Naji numa declaração publicada hoje pelo quotidiano «Al Destour».

Naji, que é também secretário-geral adjunto da Frente Popular para a Libertação da Palestina (comando geral) faz parte da delegação palestina para o comité misto jordano-palestino de apoio aos habitantes dos territórios ocupados que está reunido desde terça-feira à noite na capital jordana.

O responsável palestino disse ainda que a posição da OLP no diálogo com os Estados Unidos se baseia no «direito do povo palestino a regressar à sua pátria à autodeterminação e à criação de um Estado independente».

Um outro porta-voz da OLP revelou numa entrevista na Dinamarca que aquela organização planeia fomentar os seus contactos com nações do Mercado Comum.

A OLP, que já possui contactos informais com a Alemanha

Federal e a França, tenciona incidir o foco dos seus esforços sobre a Dinamarca e a Itália — salientou o porta-voz.

Por outro lado, o presidente James Carter, evocando na quarta-feira numa entrevista ao «New York Times» os seus esforços de paz no Médio Oriente,

AMÉRICA

Managua pede auxílio aos EUA

O Governo sandinista da Nicarágua tenta comprar armas aos Estados Unidos para repelir um aguardado contra-ataque das forças derrotadas do ditador deposto Anastasio Somoza, as quais estão concentradas nas Honduras.

«Se se recusarem a vender-nos armas, teremos de conseguí-las noutro lado porque precisamos delas urgentemente para defender a Revolução», declarou ontem, à noite, numa conferência de imprensa o dirigente sandinista Humberto Ortega.

O comandante sandinista Carlos Fonseca disse que se estavam a preparar conjuras para incursões armadas visando restaurar a dinastia Somoza, que ocupou o poder na Nicarágua durante mais de 40 anos.

Milhares de mortos em Timor depois da ocupação indonésia

Uma organização australiana de auxílio ao estrangeiro afirma que muitas pessoas morreram de fome e doenças diversas, em Timor Leste, desde que a Indonésia ocupou aquele território. A ocupação suscitou uma vaga de fugas: 100 mil pessoas abandonaram as montanhas à procura de comida e medicamentos. Muitas delas morreram por carências absolutas de alimentos e tratamento médico.

A organização que elaborou o relatório é de natureza religiosa. O seu documento foi divulgado pelo Conselho Australiano para Auxílio ao Estrangeiro, organismo onde estão filiados 35 grupos de beneficência da Austrália que operam no estrangeiro.

O documento refere ainda que o auxílio enviado aos timoreses pela Cruz Vermelha da Austrália e Nova Zelândia foi desviado ou mal utilizado.

Organização secreta para matar o xá

O líder religioso iraniano «Ayatollah», Sadeq Khalkhali revelou ontem que foi constituída no seu país uma organização semelhante ao «Exército Vermelho» japonês, com o objectivo de assassinar o deposto xá Reza Pahlevi, os seus familiares mais próximos e antigos conselheiros.

Segundo Khalkhali, a operação será levada a cabo por guerrilheiros «Fedayin», que iniciarão

a «caça» ao xá e o executarão «pelos crimes que cometeu».

Para além de Pahlevi, estão incluídos na lista de elementos a abater pelos «fedayin», a sua mulher, a irmã, a mãe de Farah Diba, Shahpour Bakhtiar, o último primeiro-ministro iraniano do regime deposto, o general Gholam Reza Azhari, que igualmente exerceu funções de chefe do Governo imperial e outros colaboradores.

OCEANIA

Portos australianos paralisados

A greve nacional das docas da Austrália poderá custar ao país 112 milhões de dólares americanos por dia — advertiu hoje a Câmara de Comércio de Sydney.

Cerca de dez mil estivadores paralisaram ontem, encerrando

os 41 portos da Austrália, numa disputa intersindical. Segundo informam as companhias de navegação, duzentos navios, aproximadamente, ficaram parados nas docas do país.

Charan Singh: medidas populistas para se manter no poder

O novo Governo da Índia, apoiado numa coligação partidária minoritária no Parlamento, deverá realizar uma série de medidas populistas destinadas a angariar apoio entre deputados indecisos, disseram em Nova Deli observadores políticos.

O primeiro-ministro Charan Singh possui 185 votos e necessita de mais 85 para conseguir a simples maioria, num parlamento com 539 deputados.

Os observadores esperam um voto de confiança quando o Parlamento retomar os seus trabalhos este mês, pelo que as medidas de promoção do novo governo começaram já.

A primeira, anunciada hoje, foi um aumento dos salários dos empregados dos bancos nacionalizados, que custará ao país 50 milhões de dólares (cerca de 2.500.000 contos).

Um partido regional, o ADMK, do sul da Índia, que tem 18 membros no Parlamento, comunicou que apoiará o gabinete de Singh.

Outros alvos do governo serão

43 deputados de esquerda e outros partidos regionais com 23 lugares no Parlamento.

O Partido do Congresso, do antigo primeiro-ministro senhora Indira Gandhi, que possui 71 deputados, deu o seu apoio em princípio à coligação governamental, mas os observadores pensam que o poderá retirar, devido ao facto de Singh ter nomeado quatro antigos ministros dissidentes de Gandhi.

Outra hipótese que o novo primeiro-ministro está a considerar é uma fusão do seu partido, dissidentes do Janata, com o seu principal parceiro de coligação, a facção do Partido do Congresso liderada pelo vice-primeiro-ministro Yeshwantrao Chavan intitulado Congresso Nacional Indiano.

A nova organização manteria este nome como designação oficial.

Os partidários desta fusão afirmam que ele atrairá vários dissidentes do Partido Janata, que saiu agora do Poder, e reforçará o apoio dos habitantes das aldeias.

bes que desejam verdadeiramente a criação dum Estado palestino, por eles considerado como um perigo e uma fonte constante de instabilidade.»

Por fim, tanto a Jordânia como a Arábia Saudita reafirmaram ontem a sua oposição aos acordos de Camp David

terial da Organização de Libertação da Palestina.

Entretanto, Felipe Gonzalez, deputado e ex-secretário-geral do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), lançou na quarta-feira, em Managua, um apelo a todos os governos do mundo para que ajudem urgentemente a Nicarágua.

Gonzalez dava uma conferência de imprensa no final da sua visita de dois dias e meio à Nicarágua, onde tratou com os membros da junta os problemas da reconstrução do país.

«O resultado do processo desta reconstrução e a orientação do novo regime — prosseguiu Gonzalez — dependerão em grande parte da ajuda fornecida actualmente à Nicarágua.»

MÚSICA CONTEMPORÂNEA ONTEM NO ESTORIL

"Agora é preciso fazer música e não experiências"

— declarou o compositor Ramon Barce ao "DL"

Mário Vieira de Carvalho

«A grande tradição espanhola é sobretudo a poesia e a pintura. Continuam a ser hoje os sectores mais importantes. Mas do ponto de vista da evolução estética, a música espanhola avançou muito mais do que a literatura, colocando-se, nesse aspecto, ao nível da pintura. Na minha opinião, a literatura espanhola continua a ser, de facto, muito tradicionalista.»

Eis uma das declarações que ouvi a Ramón Barce, uma das figuras cimeiras da moderna música espanhola, quer no plano da investigação teórica, da filosofia, da estética, quer no da composição musical. Ramon Barce esteve ontem no Estoril para assistir à primeira audição da sua obra intitulada «Concerto de Lyzara n.º 2», ontem realizada num concerto em que participaram o percussionista espanhol Juan-Pedro Ropero, o pianista checo Joseph Palenicek, o Grupo de Metais de Lisboa e o conjunto de instrumentos de sopro dos professores dos Cursos Musicais do Estoril, sob a direcção do maestro Álvaro Salazar.

A obra de Barce, escrita para um conjunto de instrumentos de sopro e um percussionista, foi plenamente compreendida pelos intérpretes. O compositor estava satisfeito.

«Durante muitos anos, os músicos contemporâneos andaram à procura de coisas engenhosas, pitorescas, difíceis. Tentaram-se muitos caminhos. Agora, creio eu — disse-nos Barce — é neces-

sário fazer música com tudo isso, escolhendo aquilo que for útil caso a caso. É necessário fazer música e não experiências.»

O «Concerto de Lyzara» n.º 2 é bem exemplo do tipo de música que o autor vem compondo:

«Faço sobretudo música de câmara, melódica, polifónica, contrapontística. Tem um sistema harmónico especial, pois não creio que se possa fazer música sem um sistema harmónico. A verticalidade dos acontecimentos sonoros exige-o. É preciso encontrar qualquer coisa que seja um apoio para o ouvido.»

Também a estrutura rítmica utilizada por Barce resulta da sua atitude crítica em relação a certos caminhos tomados pela música contemporânea, designadamente a corrente serial:

«Penso que a polirritmia, quando levada a certo grau de complexidade, se anula a si própria. Para mim, é fundamental preservar a regularidade dos acontecimentos rítmicos, de forma a que o ouvido possa distingui-los. Por isso, nas minhas obras há células rítmicas que se repetem, que são reconhecíveis ao ouvido e não apenas à leitura da partitura.

E, como num aparte: «Há muitas partituras contemporâneas que são feitas para ler, para ver. Entendo, porém, que as passagens de uma partitura que só são compreensíveis à vista mas não ao ouvido, isto é,

que não se podem ouvir com clareza, são inúteis.»

Quanto ao tratamento do timbre, Barce evita do mesmo modo insistir em práticas de execução demasiado «extravagantes»: Só por excepção utiliza efeitos especiais, precisamente para tirar partido deles.»

A VANGUARDA E A POLÍTICA

Passando para outra ordem de questões, abordou-se a situação em Espanha. Por exemplo, a relação entre a vanguarda estética e as questões políticas. Eis a sua opinião:

«A vanguarda estética não tem nada a ver actualmente com a vanguarda política. Na época do franquismo tinha, porque a vanguarda era um aspecto da luta política. Agora desapareceram, em relação aos artistas, os problemas de pressão política de que antes eram vítimas. Restam só os problemas resultantes da incompreensão ou do conservantismo estético do poder administrativo: em nenhum regime político se pode evitar isso.»

«O carácter político da vanguarda — prosseguiu ainda — depende muito do contexto: num contexto liberal, a vanguarda quase não tem conteúdo político.»

E, a propósito, comentou: «Infelizmente, os compositores espanhóis são muito pouco politizados. Já no tempo do franquismo os músicos eram muito conformistas. Mantém-se essa herança. Por isso também não há luta política no meio musical.»

Referindo-se, depois, à fundação recente da Associação dos Compositores Espanhóis Ramón Barce acentuou que «se em Espanha há liberdade de expressão em abundância, também há, em abundância, problemas económicos e sociais.»

«Um desses problemas, no que respeita à música — precisou —, era o da situação social dos compositores, completamente desprotegidos até ao ponto de vista da defesa elementar dos seus direitos de autor. Hoje existem duas associações: a nacional, englobando 85 compositores de todas as gerações e de todas as tendências, e a catalã, com trinta compositores. Com a constituição destes organismos em 1977 já estamos a conseguir defender os nossos direitos contra quaisquer discriminações, assegurando a igualdade de oportunidades em matéria de encomendas, audições, etc. Porque compor exige condições económicas. Senão, somos obrigados a ocupar-nos de outras tarefas, para sobreviver.»

JANACEK POR PALENICEK

Mas além desta obra de Barce que, com a do seu compatriota Bertomeu, deu ensejo ao percussionista Juan-Pedro Ropero de fazer uma demonstração impressionante da «souplesse» da sua técnica e do seu profundo apetrechamento musical, havia no programa outra obra com participação solística, desta vez de um pianista: o «Capricho»

para piano e conjunto instrumental de Janacek. Trata-se de uma peça de extrema dificuldade interpretativa, tanto para o piano (só mão esquerda, de cerrada escrita virtuosística) quer para os sopros, quer para o próprio chefe de orquestra, que é um esteio fundamental da sólida ligação do conjunto. Quanto a Joseph Palenicek, especialista em Janacek e que tem tocado amiudadas vezes o «Capricho» (sem dúvida uma das obras mais originais e cativantes do compositor checo), não é de admirar que tenha dado da parte pianística uma versão exemplar, «nuancée». Plena de conteúdo expressivo. De admirar é a qualidade sonora e de estilo atingida por todas as estantes dos nossos instrumentistas de sopro, que, em três dias, fizeram o trabalho de um mês, dando a impressão de já terem a



Ramon Barce: «Num contexto liberal a vanguarda quase não tem conteúdo político»

obra no repertório desde há muito...

Exemplar foi também a versão do «Octandre» de Varèse, para sopros e contrabaixo de cordas, com que se iniciara o programa. Saliente-se, ao longo de todo o programa, o trabalho de Álvaro Salazar, que, das raras vezes que aparece nos nossos circuitos habituais de consumo da música, é para marcar a sua posição de intransigente honestidade artística. Num meio em que, infelizmente, vai sendo frequente abrir portas a todo o género de «improvisações», a sua atitude de chefe de orquestra consciente e responsável deve ser apontada como modelo. Resta saber por que razão as

entidades administrativas continuam, ainda assim, a fazer-se rogadas quanto ao volume e à frequência das solicitações que lhe dirigem. Como se sabe, há na circulação monetária, uma lei segundo a qual «a má moeda expulsa a boa moeda...»: seria bom que não a tornássemos extensiva aos maestros portugueses!

Outros sectores, é claro, têm razões de queixa. Lembro a propósito o caso de António Lages, tido como o melhor instrumentista de tuba português (bem demonstrou a sua classe neste concerto, integrado no Grupo de Metais de Lisboa), inexplicavelmente preterido num concurso para a Orquestra da RDPI...



Duas imagens do «Octandre» de Varese (conjunto instrumental sob a direcção de Álvaro Salazar)

o mestre incomparável da comédia!

MEL BROOKS e o OESTE JUNTOS PELA ÚLTIMA VEZ!



AMANHÃ

HUMOR NEGRO NO



NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

LUZ NO FIM DO TÚNEL

Deficientes fazem teatro

Com uma peça teatral, os deficientes físicos de Munique chamam a atenção para o seu destino. Há semanas em cartaz na capital da Baviera, a peça narra as preocupações e dificuldades do Dia-A-Dia dos deficientes.

Sete jovens e adultos em cadeiras de rodas, seis artistas profissionais e cinco amadores, de idades compreendidas entre 12 e 77 anos, ensaiaram esta peça que mostra o isolamento dos deficientes no meio de pessoas «sadias».

A iniciativa, única na República Federal da Alemanha, cabe a Peter Radtke, de 35 anos, desde sempre preso a uma cadeira de rodas, director do programa de deficientes da escola popular superior de Munique.

A nossa peça teatral intitulada **luz no fim do tunel** conta as grandes e pequenas dificuldades que temos entre nós mes-

mos e na relação com o mundo». Afirma Peter Radtke.

«Com o auxílio desse meio de comunicação que é o palco - prossegue - queremos chamar a atenção para a situação dos deficientes. Quem quiser pode chamar a isso trabalho de relações públicas».

Considera, por outro lado, que a peça não deverá ser uma terapia para a elevação dos sentimentos das pessoas.

«Não queremos compaixão dos nossos espectadores, pois isso seria o pior», afirma Peter Radtke.

Em pequenos «Sketchs» a peça narra a vida dos deficientes. Lá está a criança deficiente que tem de viver num asilo de velhos, as dificuldades surgidas na ligação amorosa de um jovem, ou a história de um deficiente que ainda não tinha 40 anos e que não

encontrou outro lugar para viver senão num asilo de velhice.

«Mas mostramos também a velha senhora aposentada, não deficiente, que vive uma vida triste e solitária no seu pequeno apartamento», diz Peter Radtke. «Queremos mostrar que também outros grupos são empurrados para a margem da sociedade».

Peter Radtke mostra-se satisfeito com o acolhimento da peça, particularmente com as reacções dos que não são deficientes pois «mostram bem como estão por fora das dificuldades que temos nas nossas vidas». O programa da peça distribuído aos espectadores cita um paraliótico: «Não é a compaixão que mata mas sim o sentir-se como uma impertinência o facto de querer ser como os outros são».

HOJE À NOITE, NO CAMPO PEQUENO

Duas grandes figuras do toureio na Corrida da Imprensa



É assim o toureiro de Niño de la Capea

A actuação dos grandes «diestros» espanhóis Niño de la Capea e Francisco Miguel Ruiz é a nota mais marcante da grande gala do toureio que esta noite (às 22 horas) terá lugar no Campo Pequeno.

Mas não são esses os únicos alicientes da grande Corrida da Imprensa, que promete ser a maior da temporada. Também na lide à portuguesa o espectáculo oferece boas perspectivas: José Mestre Baptista e Paulo Caetano são os cavaleiros deste cartel que se completa com o grupo de forcados amadores de Santarém, actualmente comandados por Carlos Empis.

Ricardo Pais activo

A partir da leitura de um jornal do dia, o encenador Ricardo Pais construiu um espectáculo com o CITAC, de Coimbra, a apresentar no próximo mês de Novembro.

O criador de «Ninguém-Frei Luís de Sousa» pretende, segundo afirma, abrir novos campos de experiência teatral, já iniciados com «saudades», que apresentou na Casa da Comédia.

Este «folhetim em forma de performance», segundo a descrição de Ricardo Pais, conta com a colaboração de Nuno Carinhos.

Os dois encenadores prepararam, entretanto, com a colaboração de Carlos Zingaro, uma «performance» a ser apresentada no Festival de Jazz de Setúbal que terá lugar em Setembro, por iniciativa de Rui Neves.

Um espectáculo com Teté, a Mulher-Palhaço, e uma cantora de ópera, e um «Workshop» aberto são outros dos projectos em que Ricardo Pais trabalha actualmente.

FUNDÃO E VOUZELA

Festivais Internacionais de Folclore

«Silvares - 1900» é o título de uma exposição etnográfica de trajes tradicionais que o Rancho Folclórico de Silvares está a organizar no Fundão, integrado num festival internacional de folclore promovido por aquele grupo regional.

No festival, que se realiza no próximo sábado, participam representações de Braga (Minho), Mouriscas (Beira Litoral), Alte (Algarve), Gouveia (Beira Alta), Silvares (Beira Baixa), Riachos (Ribatejo), Nice (França), Istambul (Turquia) e Burgos (Espanha).

A iniciativa tem o apoio da Secretaria de Estado do Turismo, Secretaria de Estado da Cultura, Governo Civil de Castelo Branco, Câmara Municipal do Fundão e Comissão Regional de Turismo da Serra da Estrela.

No domingo, em Vouzela, três grupos estrangeiros e quatro portugueses vão participar num Festival Internacional de Folclore. A festa conta também com um cortejo etnográfico da região de Lafões, concurso pecuário e diversas provas desportivas.

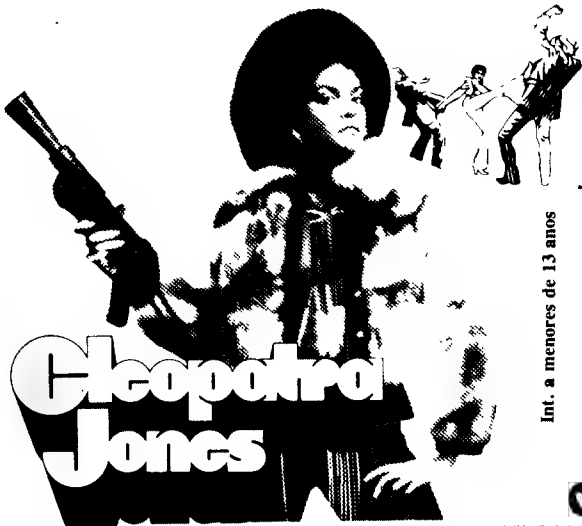
A PRIMEIRA MULHER JAMES BOND!

1,80 DE MÚSCULOS E BELEZA

USA UM CARRO COMO UMA ARMA...

UMA ARMA COMO UM HOMEM...

E UM HOMEM COMO UM BRINQUEDO!



Cleopatra Jones
TAMARA DOBSON e SHELLEY WINTERS
Real. Jack Starrett

Amanhã às 21.30h.

AVIS

Na NAZARÉ o

Diário de Lisboa

vende-se
na TABACA
BATISTA

Que deve um padre fazer para salvar uma pecadora?

UMA DIVERTIDA COMÉDIA ACERCA DA LUTA DESESPERADA DE UM PADRE, PARA SALVAR A ALMA DE UMA PROSTITUTA

ADRIANO CELENTANO

MONICA VITTI



A OUTRA METADE DO CEU

VENANTINO VENATINI - GLAUCO ONORATO - GIANFRANCO BARBA
E COM MARIO CAROTENUTO

ARGUMENTO DE AUGUSTO CAMINITO - MAURIZIO CONTANZ - FRANCO ROSSI
RÓLEO DE ADRIANO CELENTANO - PRODUZIDO POR LUCIO ARDENZI

AMANHÃ ESTREIA **SATÉLITE**

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

As aventuras de um jovem cujas principais inclinações são a violência, a violação e Beethoven!



O FILME A VER E REVER

UM FILME DE STANLEY KUBRICK

LARANJA MECÂNICA

4.ª semana de êxito

a partir de hoje às 21.30h. no

estúdio

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

UMA AVENTURA INOLVIDÁVEL!

começou como um sonho...

houve momentos de esperança... e depois o desanimo invencível.

O desafio máximo era sobreviver!



iNaufrágio!
(SHIPWRECK)

Uma Produção RAFFILL

com ROBERT LOGAN - MIKKI JAMISON-OLSEN - HEATHER RATTRAY

Introdução de CION DAMITRI PATTERSON - SHANNON SAYLOR

Produtor Executivo PETER SIMPSON Produção de JOSEPH RAFFILL Escrito e Realizado por STEWART RAFFILL

Exclusivo Warner Bros. A Warner é uma marca da Warner.

Amanhã estreia

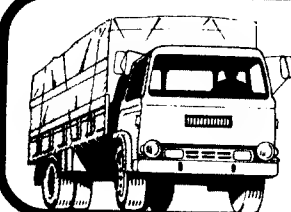
às 15.15 - 18.15 e 21.30h.

ALVADE

NAO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

Diário de Lisboa

a notícia e a opinião
o dia-a-dia do País
a explicação das coisas
o porquê das coisas
o porquê dos acontecimentos
cada coisa com seu porquê



Sr. Camionista

Ao conduzir um veículo pesado, tome todas as precauções para uma boa arrumação da carga.

circular e viver.

Hoje



O actor Edward G. Robinson que interpreta a figura de um português velho lobo do mar no filme que se exhibe esta noite intitulado «O Tigre dos Mares»

I PROGRAMA

- 18.30 Clube do Rato Mickey — filme de desenhos animados
19.00 País, País
19.25 Disco Magic
20.00 Jornal RTP/1
20.35 Manuel e Beatriz
20.40 Vamos jogar no Totobola
20.50 O Tempo
20.55 O Tigre dos Mares — grande metragem produzida em 1932 e realizada por Howard Hawks. Intérpretes: Edward G. Robinson, Richard Arlen, Zita Johann e Carrol Naish. Saga dos pescadores. A sua vida em terra e no mar. Drama e tragédia, sonhos e esperanças. Uma figura se destaca, a de um português, velho lobo do mar, notavelmente interpretada por Edward G. Robinson
22.55 24 horas

II PROGRAMA

- 20.30 Dona Bárbara — episódio n.º 17.º da telenovela venezuelana baseada na obra literária do escritor Rómulo Gallegos
21.30 Informação/2
22.00 Uma Família Venezolana — 4.º episódio da série filmada de origem italiana realizada por Marco Leto e interpretada por Franco Volpi, Mauro Avogadro e Elizabeth Pozz
23.00 Fecho

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

DESTAQUES

I PROGRAMA
Cinema «O Tigre dos Mares»
(20.55)

II PROGRAMA
«Uma Família Venezolana»
(22.00)

Amanhã

I PROGRAMA

19.00: Riscos e histórias; 19.25: Manuel e Beatriz; 19.35: País, País; 20.00: Jornal RTP-1; 20.30: O Jogo da Verdade — 5.º episódio; 21.00: Boletim Meteorológico; 21.05: Em Questão; 21.30: Eu, Caudío — 4.º episódio; 22.40: Volta a Portugal em Bicicleta; 23.10: 24 Horas; 23.15: Fecho.

II PROGRAMA

20.32: Dona Bárbara — episódio n.º 18.º; 21.30: Informação/2; 22.00: Amor Louco de André Relvaux; 23.15: Fecho.

SOLILÓQUIO

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 26 de Julho de 1979. Novilhos de Manuel Ponces Dias para Correia Lopes, José Zúquete, forçados amadores de Moura (cabo José Maria Guerrero), Fernando Pessoa e Manuel Moreno.

Atenção a Albino Fernandes, bandarilheiro meio anónimo, desses que quase ninguém sabe o nome. Foi na quinta-feira, em mais uma daquelas corridas nocturnas do Campo Pequeno, onde o costume é tudo se repetir, nada acontecer de novo que valha a pena. Ele rompeu a vulgaridade reinante entre os bandarilheiros portugueses, mostrou como um subalterno se pode fazer protagonista, pôr tanta gente a perguntar no intervalo, pelos corretores: quem é aquele do traje vermelho? Foi como se nessa noite Albino Fernandes se tivesse posto de pé. Não em bicos de pés, querendo parecer maior do que os outros. Apenas de pé, tão naturalmente como as crianças que gatinham e de repente, sem hora nem razão escolhida, começam a andar. E como andou com as bandarilhas Albino Fernandes! Há matadores-figuras que ouvem mais aplausos quando pegam nas bandarilhas do que quando as cravam; com este subalterno sem fama foi ao contrário, não se ouviu uma palma quando pegou nos pares, as ovações rebentaram quando os cravou. Os dois novilheiros do cartaz não bandarilharam, não havia no segundo tercio a alegria da música só reservada aos matadores? Mas ali estava Albino Fernandes, com planta e figura de toureiro, sem precisar de banda com que a praça entretivesse os ouvidos, eram os olhos que se punham na arena, em como aguentava naquele quarto no sétimo, em como media o terreno, e ganhava a cara, e saía com garbo daquele imponente par a sesgo ao último da noite. Afinal não era por acaso, Albino Fernandes bandarilhava assim, tão próximo das hastes, tão distante desses quartéis à meia-volta que são pão- nosso-de-cada-dia, cravados num susto, com saída entre risos e dicheos. Estava ali um toureiro, que de toureiro começa por saber vestir-se, e do traje faz adorno de seu garbo, e com ele anda pela arena sem esperar que os companheiros distraiam de si o inimigo, no lugar onde estiver poderá com ele. Senhores directores de corrida: quando numa quadilha sair o Albino Fernandes, não cortem a meio o segundo tercio, não atendam esses pedidos, que costumam fazer os matadores que não gos-



CRÓNICA DE TOUROS

Atenção a dois toureiros

tam de palmas para os seus subalternos, querem reduzir a corrida à faena de muleta; deixem-nos saborear a sorte de bandarilhas na sua pureza, sem vedetismo mas com poderio, e brevidade, e eficácia, e elegância, tal como é capaz de a praticar esse toureiro que na quinta-feira, no Campo Pequeno, se levantou e se pôs a caminho de ser figura entre os subalternos que, vestidos de prata, ajudam a brilhar o ouro tantas vezes falso de seus maestros.

Falso não é o ouro de Manuel Moreno. Atenção, que aquilo é ouro de lei, vale uma fortuna. Se chegar a Espanha, onde o risco é bem maior mas onde as varas permitem outro repouso, este cigano vai armar um escândalo de todo o tamanho. Porque não é apenas a arte, esse «duende» que a gente vê que existe mas não sabe explicar direito: não é apenas aquela prodigiosa facilidade de templar as investidas, correndo a mão com suavidade e domínio; não é apenas o valor de parar os pés, de permanecer quieto num terreno onde a medida das distâncias não chega às vezes ao centímetro; é também aquela cabeça que funciona sem precisão de ir à escola, aquela aritmética que dispensa o decorar da tabuada para resolver os problemas dos touros, e encontrar maneira de lhes pegar, de os submeter. Verde como ainda está, já o vi esta temporada a enfrentar-se com onze inimigos, e nenhum deles pôs Manuel Moreno de cabeça. Salvas as devidas proporções, lembra-me aquela expressão de Don Eduardo Miura, o velho e famoso ganadero, ao descobrir que Joselito, ainda menino, já entendia mais de touros que ninguém: «parece que o pariu uma vaca». Tanto não direi. Mas direi que toureiro com a arte e a cabeça deste jovem «calé», ou eu me engano muito ou ainda não nasceu outro na nossa terra. Quando Moreno está de muleta na mão, é perigoso tirar os olhos dele, pode perder-se o instante de beleza que em qualquer momento é capaz de surgir.

Na faena ao último, que parecia menos claro, bastaram sete passes, obrigando o novilho pelos dois lados, para o deixar à medida do seu toureiro, da faena construída com os passes de catálogo, os naturais, os drechazos, os molinetes; mas passes com selo próprio, alguns uma delícia. Nem sempre adianta a muleta no cite; usa às vezes a ponta de fora do engano; falta-lhe de vez em quando o adorno próprio para luzir os remates; e no capote o tal «duende» não encontrou ainda sítio por onde entrar, anda toco nesse tercio onde os ciganos famosos sempre puseram a marca do seu inconfundível estilo, de Curro Puya a Gitanillo de Triana, de Cagancho a Rafael de Paula. Mas como não havia Manuel Moreno de ter muito que aprender, se ainda agora começou, nesta aldeia do mundo taurino que é Portugal, a sua escalada para as alturas que o esperam?

Para Fernando Pessoa, duro é dizê-lo, a escalada acabou. Quase antes de ter começado. Elegante, sim. Sereno, também. Mas uma elegância de estátua sem alma. Mas uma serenidade a roçar pela indiferença. Passes vagarosos e solenes, modelos para cartazes de touros, mas quebrados aqui e ali pelos desarmes, pelo derrotar das hastes no engano; e prolongados pela falta do sentido do tempo, insistindo nas faenas como se, mais do que triunfar, quisesse vencer-se a si próprio, a essa frieza que vem lá de dentro, nem o deixou ao menos sorrir das exortações daquele espectador borracho, que imponente no seu lugar da sombra o animava com voz grossa: «Adiante, toureiro

fino!». Toureiro fino é Fernando Pessoa, assim ficará na lembrança dos que com ele fomos perdendo sua esperança.

Correia Lopes e José Zúquete passaram pelo Campo Pequeno com mais pena que glória. Dir-se-ia que, aos olhos do público, não chegaram a recompor-se do negativo da imagem inicial: que, para Zúquete, começou a formar-se logo nas cortesias, que teve de interromper porque ao cavalo lhe caiu a cabeçada, e se prolongou na lide do seu primeiro, quando entre assobios deixou colher a montada contra as tábuas. E, para Correia Lopes, o acidente aconteceu no touro que abriu praça, quando depois de um começo alegre lhe cravou um curto quase no rabo: e não há lide, por voluntariosa que seja, capaz de resistir à presença dum ferro em semelhante lugar. No quinto, lidado a duo sem encontrões nem farpas do lado oposto, lograram os cavaleiros calar os apupos, mostrando Correia Lopes seu desembaraço empenhando-se Zúquete em forçar o cavalo a tourear de frente: e assim puderam ao menos acompanhar na volta à arena o forçado de Moura, que tal como os companheiros anteriores pegara à primeira, consolidando a feliz apresentação do grupo alentejano.

Uma surpresa: os novilhos de Portalegre. Não só pela novidade da pelagem onde, em vez da regra agora geral do negro, houve predomínio dos castanhos; mas principalmente porque além do tipo e da presença todos se deixaram tourear, e foram mais os que acudiram aos cavalos e enganos com prontidão e nobreza. Um curro, como se diz em Espanha, a pedir que lhe cortassem as orelhas.

Estamos num país de brandos costumes, não houve naturalmente corte de orelhas. Mas tivemos a descoberta de dois toureiros: um bandarilheiro digno de quadilha de luxo, e um novilheiro que pode chegar muito longe. E no Campo Pequeno houve desta vez esse rumor quase esquecido em Portugal, feito de murmúrios de admiração e de comentários de entusiasmo, que corre pelas praças de touros quando o toureiro não se limita a acontecer, deixa atrás de si um rasto luminoso de esperança.

ORQUESTRA SINFÓNICA DA RDP

2.º CONCERTO POPULAR

PAVILHÃO DOS DESPORTOS — Lisboa

ENTRADA GRATUITA

Sexta-Feira, 3 de Agosto de 1979, às 21.30 h.

ÁLVARO CASSUTO — Maestro

VASCO BARBOSA — Violinista

Programa

Sinfonia n.º 4 (Italiana) MENDELSSOHN
Saint-Saens
Concerto n.º 3 p.º violino e orq. Liszt
Os Prelúdios

TAMBÉM NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

Dias 10 e 24 de Agosto, 21.30 h.

ORQUESTRA LIGEIRA DA RDP

Anúncio nos próximos dias

COLABORAÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Bilhetes em distribuição no Pavilhão dos Desportos, a partir das 20 horas do dia do Concerto

ATENÇÃO AO POLITEAMA

UMA BELA SURPREZA
PARA O PÚBLICO

UMA MULHER CHAMADA APACHE

UM MAGNÍFICO «WESTERN»
EMOCIONANTE DO PRÍNCIPIO AO FIM

HOJE ESTREIA ÀS 21.30 H



UM FILME DE GEORGE MC ROOTS

COM

AL CLIVER YARA KEWA

NATIONAL PRODUCTION

EXCLUSIVO MUNDIAL FILMES



A GRANDE, INTERNACIONAL E MÁGICA COMPANHIA DE CIRCO DE MADAME TEXAS NA CASA DA COMÉDIA — TEATRO DE BOLSO DE LISBOA
Rua S. Francisco de Borja, 22/24
Diariamente às 21.30 (folga às terças-feiras) marcações pelo tel. 607299
Um espectáculo de FILIPE LA FERIA
desconto 40% p/estudantes su da SEC e Fundação Gulbenkian.
Até 15 de Agosto



«Team» boavisteiro perante o presidente Valentim Loureiro e Mário Lino

● **Benfica partiu para a Alemanha**

Aqui há meses, o defeso famalicence José Eduardo ouviu os maiores enxovalhos da sua vida, quando (sem qualquer culpa) esteve no lance de que saiu a mais recente fratura de perna de Jordão. Nessa noite, por um nada não foi linchado: mas quem defendeu a sua honestidade, esteve a um ponto do pior... Pouco tempo passou e aí o temos, depois de entrar pela porta grande de Alvalade, a ser inspecionado pelo dr. Branco do Amaral. É o mais recente reforço verde-branco: os mesmos que lhe chamaram «tudo», certamente vão trocar a palavra «assassino» por outra mais carinhosa e bem diferente...

O tombo de qualificação apurou os seguintes quatro jogadores: Rui Valença (CT Viana), Rui Cunha e Gaspar Coutinho (CT Porto), e João Guedes (L.T.C. Foz). Estes jogadores juntar-se-ão aos doze automaticamente apurados para o quadro final, cujos cabeças de série são: 1 - Manuel de Sousa; 2 - Miguel

Continua na pag 20

111 11x 112 111x; Diário Desportivo/RDP/Centro, x11 11x 11x 111x; Alvo Desportivo, 1x2 111 xx2 2x1x; O Comércio de Leixões, 1xx 11x 112 x111, Estúdio 64, 1x1 112 2xx x11; Jornal da Graça, 122 x12 222 x111; Manchete Desportiva, x1x 112 11x 1212; Penalty, 2x1 112 111 1112; O Primeiro de Janeiro, x21 111 x11 2121; Rádio Alvo, 2xx 2xx 111 1xx2; Panorama, xx2 211 1x1 112x; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Repórter do Dia, x22 x12 111 1x1x; A Voz dos Ridículos, 12x 112 x12 211x.

	R	F	S	L	M	O	E	A	U
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. NAKKAY - NAKKAY	22	1	10						
2. NAKKAY - NAKKAY	15	18	10						
3. NAKKAY - NAKKAY	22	3	7						
4. NAKKAY - NAKKAY	22	4	7						
5. NAKKAY - NAKKAY	21	6							
6. NAKKAY - NAKKAY	9	12	24						
7. NAKKAY - NAKKAY	28	8	9						
8. NAKKAY - NAKKAY	25	5	3						
9. NAKKAY - NAKKAY	11	13	9						
10. NAKKAY - NAKKAY		11	7						
11. NAKKAY - NAKKAY	21	11	11						
12. NAKKAY - NAKKAY	25	6	2						
13. NAKKAY - NAKKAY	12	21	10						

4) - nos termos da Art. 14 da Regulamento Geral dos Contratos, o Poder necessitará suportar o resultado do jogo, não retirando no final do curso, as pontuações das bolas de erro da quantidade de pontos pagas.

A "Qave" 100% . 100

294 13/12/2005 15:15

Futebol já mexe

Continuação da pág 19

JORGE GOMES: QUATRO ANOS NA LUZ

O brasileiro Jorge Gomes chegou ontem a Lisboa, e, ainda no decorrer desta semana, vai integrar-se nos treinos do Benfica.

Jorge Gomes assinou um contrato com o Benfica por quatro anos, em condições que o jogador considera «muito vantajosas».

O jogador regressou ontem de férias no Brasil e amanhã desloca-se ao Porto para tratar de assuntos particulares, esperando integrar-se ainda esta semana no esquema de preparação da sua nova equipa.

«E para mim uma honra ingressar num clube como o Benfica», declarou Jorge Gomes, o primeiro jogador luso-brasileiro a envergar a camisola do encarnado.

«Vou dar todo o meu esforço para conseguir um lugar na equipa», prosseguiu Jorge Gomes que considera Mário Wilson um «técnico competente» e «uma pessoa correcta», para além de ser «um grande camarada».

Romão Martins, encontrou-se ontem com o jogador brasileiro, no Estádio da Luz, tendo sido acordadas as novas bases de condições do contrato.

Jorge Gomes da Silva Filho nasceu a 18 de Maio de 1954, no Rio de Janeiro, representando sucessivamente, o São Cristóvão do Rio Vasco da Gama, Nacional de Minas Gerais e o Clube Regata Brasil de Alagoas. Em Novembro de 1975, ingressou no Boavista e nesse ano foi cedido ao União de Leiria, onde permaneceu uma temporada, finda a qual regressou ao Bessa. A aquisição do Benfica notabilizou-se na época passada, ao cotar-se com um dos melhores marcadores do «nacional».

ATLÉTICO: MUITA CONFUSÃO

Muito confuso é o actual mo-

mento que se vive no Atlético, dado o facto de este clube, assim como o Elvas, ainda não saber se fica ou não na II Divisão ou se irá parar à III, pois tudo está pendente da decisão que os conselhos federativos venham a tomar quanto ao litígio sobre a repetição do Atlético-Almada.

Mesmo assim, ontem na Tapadinha, houve a apresentação dos actuais jogadores ao treinador Carlos Baptista, o qual poderá ou não vir a ser o treinador do clube durante a época. Quanto a novas aquisições ainda nenhuma está efectuada, dado não se saber em que divisão o clube fica.

MARÍTIMO: TRÊS JOGOS PARTICULARES

Marítimo deve realizar três jogos de carácter particular contra as equipas do Dinamo de Bucarest, Vasas de Gior e o actual campeão de Israel, no decorrer do mês de Agosto.

A realização destes encontros, segundo o presidente do Marítimo, está dependente de a TAP garantir ou não o transporte das equipas para o Funchal.

Quanto à deslocação do campeão de Israel, o dirigente do Marítimo adiantou que se encontra ainda dependente da garantia de medidas especiais de segurança exigidas para a caravana israelita.

Estes encontros inserem-se no plano de preparação e rotação do Marítimo que, na primeira jornada do «nacional», a realizar no dia 26, defronta o Beirenenses, no Estádio dos Barreiros.

RUI SILVA NO ESPERANÇA DE LAGOS

Rui Silva passará o presente mês a trabalhar no Esperança de Lagos, preparando todo o plano de acção do clube para a próxima época. Neste trabalho Rui Silva actuará em colaboração com o técnico, que, após o seu regresso a Lisboa, continuará a treinar o clube.



A 41.ª edição da «Volta a Portugal» em bicicleta começa a disputar-se amanhã, às 21 horas, em Espinho, com a presença de 66 corredores, de dez equipas.

Com um traçado inédito, a «Volta-79», que festeja o centenário da Federação Portuguesa da modalidade, vai desenrolar-se pelas estradas portuguesas até ao dia 15, terminando em Loulé, depois de passagens pelo Minho, Trás-os-Montes e Beiras.

Firmino Bernardino (vencedor de cinco das corridas por etapas já disputadas esta época), Fernando Mendes (um dos ciclistas portugueses mais cotados), Alexandre Rua (campeão nacional), Luis Teixeira (campeão nacional de montanha) e os vencedores das últimas duas edições da prova, Adelino Teixeira e Belmiro Silva, são os ciclistas apontados, à partida, como principais candidatos à vitória final.

A selecção de valores que o traçado (essencialmente montanhoso) proporcionará, logo nos primeiros dias, poderá reduzir este grupo de favoritos e, simultaneamente, evidenciar outros concorrentes que se apresentem, à partida de Espinho, em boa forma.

As duas etapas de montanha, com chegadas aos altos da Senhora da Graça e da serra das Medas, logo no terceiro dia de corrida, poderão ser decisivas, eliminando as hipóteses de alguns concorrentes.

O escalonamento definitivo de posições, na classificação geral, deverá realizar-se no dia 11, em que o pelotão escalará a serra da Estrela, em etapas com chegadas nas subidas da Guarda e das Penhas da Saúde.

Até final (no dia 15) a prova disputa-se nas planícies alentejanas, terminando com um contra-relógio individual de 15 quilómetros, em Loulé.

Firmino Bernardino, apresenta-se como o principal favorito ao triunfo final, candidatando-se a repetir a vitória de 1976. Fernando Mendes, que ganhou a prova em 1974 e é o corredor com mais experiência internacional entre todos os inscritos: apresenta-se disposto a rectificar a derrota do ano passado, em que foi despojado da vitória, acusado de «doping».

Os dois campeões nacionais de 1979, Rua e Luis Teixeira, têm evidenciado, esta época, excelente forma, o primeiro como roldador e «sprinter», Teixeira como trepador.

Por outro lado, Rua não deverá ter grandes problemas em vencer a classificação por pontos (camisola verde), repetindo os êxitos dos últimos três anos.

Ainda na primeira linha de favoritismo, Belmiro Silva e Adelino Teixeira (vencedores em 1978 e 77, respectivamente), tentarão justificar esses triunfos e confirmar as «esperanças» que neles têm sido depositadas.

Depois destes, outros nomes, como os de José e Joaquim Sousa Santos, Joaquim Andrade, Marco Chagas e Francisco Miranda, surgem com

possibilidades de disputar ou desempenhar um papel importante na discussão da posse definitiva da «camisola amarela».

A «Volta-79» apresenta um traçado essencialmente favorável a trepadores, com quatro etapas a terminarem em contagens de primeira categoria para o «prémio da montanha» e mais cinco contagens de segunda classe.

Os especialistas de contra-relógio terão duas etapas, além do prólogo, em que poderão evidenciar-se, mas a sua curta quilometragem não lhes deixa grande margem para vantagens dilatadas.

Por outro lado, os roldadores também não vêem a sua tarefa facilitada, pois as tradicionais etapas na planície alentejana disputam-se nos últimos dias da corrida, já sem grande interesse para a classificação geral e numa altura em que o pelotão se

e Ourique-Loulé e Loulé - Loulé, contra-relógio individual (dia 15 do corrente).

Além das tradicionais classificações individual, colectiva, «prémio da montanha» e pontos, a «Volta» terá também uma classificação combinada e outra de «metas volantes», além dos prémios de combatividade e de azar e do «troféu dos cinco quilómetros», atribuídos etapa por etapa.

A «Volta-79» será disputada por seis vencedores de anteriores edições: Américo Silva (1968), Joaquim Andrade (69), Fernando Mendes (74), Firmino Bernardino (76), Adelino Teixeira (77) e Belmiro Silva (78).

No entanto, o recorde de triunfos, na mais importante prova do calendário velocipedico nacional, continuará a pertencer a Alves Barbosa e Joaquim Agostinho, ambos com três triunfos, respectivamente em 1951, 56 e

A CORRIDA PEDALADA POR PEDALADA

Dia 3 - Prólogo em Espinho, às 21 h - contra-relógio individual de 3600 metros.

Dia 4 - 1.ª etapa: Espinho-Guimarães (por Carvalhos, Porto, Maia, Trofa, Famalicão, Pevidém, Ronfe, Taipas, Braga, Bom Jesus e Taipas), 149 km, partida às 13 h chegada às 17 h.

Dia 5 - 2.ª etapa: Guimarães-Mondim de Basto (por Felgueiras, Lixa, Amarante, Celorico de Basto e meta no Alto da Senhora da Graça), 84 km, partida às 9 h e chegada às 11.25 h; 3.ª etapa: Mondim de Basto-Lamego (por Parada de Cunhos, Régua e Quintão), 93 km, partida às 16 h e chegada às 18.40 h.

Dia 6 - 4.ª etapa: Lamego-Agueda (por Castro Daire, S. Pedro do Sul e Paranhos de Arca), 130 km, partida às 16 h e che-

ESTES HOMENS JÁ



Américo Silva



Joaquim Andrade



Fernando Mendes

apresentará muito desgastado com as tiradas de montanha.

O FC Porto (com Adelino Teixeira, os irmãos António e Venâncio Fernandes e José e Joaquim Sousa Santos), aparece como o principal favorito ao triunfo na classificação por equipas, em que terá como principais adversários as formações do Bombarralense, do Lousa, da Zala e do Coimbrões/Fagor.

A prova terá 1853 quilómetros de extensão, divididos por 16 etapas, a maior das quais será a 12.ª, entre Covilhã e Elvas, na distância de 203 quilómetros.

As 16 etapas da «Volta-79» são as seguintes: Espinho-Guimarães (dia 4), Guimarães-Mondim de Basto e Mondim de Basto - Lamego (5), Lamego - Agueda (6), Agueda - Leiria (7), Leiria - Seia e Seia - Gouveia, contra - relógio individual (8), Gouveia - Mirandela (9), Mirandela - Pinhel (10), Pinhel - Guarda e Guarda - Covilhã (11), Covilhã - Elvas (12), Elvas - Évora (13), Évora - Ourique (14)

58 e 1970, 71 e 72.

Com duas vitórias na «Volta» contam-se os seguintes ciclistas: José Maria Nicolau (1931 e 34), Alfredo Trindade (32 e 33), José Albuquerque (38 e 40), José Martins (46 e 47), Dias dos Santos (49 e 50) e Ribeiro da Silva (55 e 57).

Augusto Carvalho (1927), César Luis (35), José Fernandes (39), Francisco Inácio (41), Fernando Moreira (41), Moreira de Sá (52), Carlos Carvalho (59), Sousa Cardoso (60), Mário Silva (61), José Pacheco (62), João Roque (63), Joaquim Leão (64), Peixoto Alves (65), Francisco Valada (66), Houbrechts (67) e Jesus Manzanique (68) foram os outros ciclistas que já inscreveram o seu nome na lista dos vencedores da «Volta a Portugal» em bicicleta.

A «Volta» mais longa disputada até hoje foi a de 1958, ganha por Alves Barbosa (com 3361 quilómetros) e a mais curta a de 1976, que Firmino Bernardino venceu (com 1588).

gada às 19.15 h.

Dia 7 - 5.ª etapa: Agueda-Leiria (por Oliveira do Bairro, Sangalhos, Anadia, Coimbra, Pombal e Monte Real) 162 km, partida às 14 h e chegada às 18 h.

Dia 8 - 6.ª etapa: Leiria-Seia (por Pombal, Cernache, Conraria, S. Miguel de Poiares e Chamusca da Beira), 160 km, partida às 8 h e chegada às 12.25 h; 7.ª etapa: Seia-Gouveia, contra-relógio individual (por Santa Marinha de Seia e Moimenta da Serra), 15.4 km, partida às 17 h.

Dia 9 - 8.ª etapa: Gouveia-Mirandela (por Celorico da Beira, Trancoso, V. N. Foz Côa Pocinho e Vila Flor), 163 km, partida às 14.30 h e chegada às 19 h.

Dia 10 - 9.ª etapa: Mirandela-Pinhel (por Torre de Moncorvo, Freixo de Espada à Cinta, Barca de Alva e Figueira de Castelo Rodrigo), 159 km, partida às 14 h e chegada às 18.30 h.

Dia 11 - 10.ª etapa: Pinhel-Guarda (por Almeida, Vilar For-

MODALIDADES EM DESFILE

Continuação da pág 19

Soares; 3 - Arsénio Marta e 4 - João Lagos. Os jogos referentes aos oitavos de final disputam-se hoje, sendo os jogadores eliminados nesta fase integrados num torneio de consolidação. A Taça Clube Ténis Viana conta com o prémio monetário no valor de 20 mil escudos.

HIPISMO

Vinte e um cavaleiros de dez países, entre os quais Portugal, participam de hoje a 5 do corrente, no Concurso Hípico Internacional de Dinard (França), que figura entre as mais prestigiosas competições europeias da modalidade. O programa prevê a realização de duas provas diárias. Estão presentes a França, Austrália, Bélgica, Portugal, Grã-Bretanha, Itália, RFA e, pela

primeira vez, o Japão e a Costa Rica.

XADREZ

João Sequeira continua invicto no campeonato mundial de juniores de xadrez, depois de ter empatado (ontem) com o indonésio Handako, na partida da quinta jornada, disputada em Skien. Sequeira soma três pontos.

O norte-americano Yasser Seirawan e o soviético Aleksander Chernin assumiram o comando do torneio (com 4,5 pontos) seguidos do indiano Ravi Kumar (com 4 pontos). Participam no torneio 56 jogadores de 51 países.

VOLEIBOL

António Rijo, jogador-treinador do Leixões, anunciou o propósito de dizer adeus à prática da modalidade.

FAGOR
FRIGORÍFICOS • MÁQUINAS DE LAVAR
VIVA MELHOR COM FAGOR



Em Loulé, chegada inédita

moso e Arrifana), 104 km, partida às 9 h e chegada às 12 h; 11.ª etapa: Guarda-Covilhã/Penhas da Saúde (por Orjães e Teixoso), 54 km, partida às 16.30 h e chegada às 18 h.

Dia 12 - 12.ª etapa: Covilhã-Elvas (por Fundão, Castelo Branco, Alpalhão e Santa Eulália), 203 km, partida às 11 h, e chegada às 16.50 h.

Dia 13 - 13.ª etapa: Elvas-Evora (por Estremoz, Arraiolos e Valeira), 112 km, partida às 16.15 h e chegada às 19 h.

Dia 14 - 14.ª etapa: Évora-Ourique (por Viana do Alentejo, Alvitto, Ferreira do Alentejo, Aljustrel e Castro Verde), 142 km, partida às 13 h e chegada às 16.35 h.

Dia 15 - 15.ª etapa: Ourique-Loulé (por S. Marcos da Serra, Portela de Messines e Paderne), 86 km, partida às 9 h e chegada às 11 h; 16.ª etapa: Loulé-Loulé, contra-relógio individual (por Al-

SEIA: Estrada para S. Romão (junto ao Bairro)
GOUVEIA: Rua de S. Miguel (antigo mercado)

FC PORTO/ UNIÃO DE BANCOS
30 Adelino Teixeira; 31 António Fernandes; 32 Joaquim

O "Diário de Lisboa" estará na "Volta" com o seu enviado especial Neves de Sousa

MIRANDELA: Ponte Nova
PINHEL: Av.ª Carneiro de Gusmão
GUARDA: Jardim José de Lemos
COVILHÃ: Penhas da Saúde
ELVAS: Av.ª da Piedade
ÉVORA: Estrada da Circunvalação
OURIQUE: Av.ª 25 de Abril
LOULÉ: Av.ª José da Costa Mea-lha
LOULÉ: Av.ª José da Costa Mea-lha (junto aos Bombeiros Municipais).

Sousa Santos; 33 José Sousa Santos; 34 Manuel Gomes; 35 Manuel Silva; 36 Venceslau Fernandes.

COELIMA
40 Alexandre Ruas; 41 Alfredo Gouveia; 42 António Ferreira; 43 Joaquim Cunha; 44 Luís Teixeira; 45 Manuel Martins; 46 Norberto Medeiros.

LOUSA/ TRINARANJUS
50 Abel Coelho; 51 Carlos Santos; 52 Celestino Jesus; 53

PRÓLOGO

Jorge Lara, director da «Volta a Portugal» em bicicleta, revelou a ordem de partida dos concorrentes ao prólogo da competição, que se disputará amanhã, em Espinho.

A prova terá início às 21 horas, com a partida de José Monteiro (da equipa «Manufacturas Olímpico») terminando com a corrida de Belmiro Silva, vencedor da «Volta-78», que partirá às 23 e 29.

Os 66 ciclistas inscritos foram divididos em 22 séries de três, os quais partirão com intervalos de um minuto, entre si. Os intervalos entre cada série serão de cinco minutos.

A divisão das séries, pela ordem de partida, é a seguinte:

Primeira série: José Monteiro (M. Olímpico), António Ferreira (Coelima) e Manuel Silva (FC Porto).

Segunda: Benedito Ferreira (Bombarralense), Américo Cardoso (Zala), e Fabian Garcia (Coimbrões).

Terceira: José Felpete (M. Olímpico), Manuel Correia (Campinense) e Vitor Salvador (Manique).

Quarta: António Dias (Sangalhos), Abel Coelho (Lousa) e Norberto Medeiros (Coelima).

Quinta: António Fernandes (FC Porto), Georgino Seixas (Bombarralense) e Raul Carvalho (Zala).

Sexta: Adão Costa (Coimbrões), Fernando Pereira (M. Olímpico) e António Brás (Campinense).

Sétima: António Cristóvão (Manique), Luís Gregório (Sangalhos), e Celestino Jesus (Lousa).

Oitava: Manuel Martins (Coelima), José Sousa Santos (FC Porto) e Lima Fernandes (Bombarralense).

Nona: João Sampaio (Zala), Flávio Henriques (Coimbrões) e Laurentino Silva (M. Olímpico).

Décima: Carlos Raimundo (Campinense), Armindo Pereira (Manique) e Herculano Silva (Sangalhos).

Décima primeira: Raul Fachadas (Lousa), Joaquim Cunha (Coelima) e Manuel Gomes (FC Porto).

Décima segunda: Raul Terêncio (Bombarralense), Joaquim Fonseca (Zala) e Álvaro Pino (Coimbrões).

Décima terceira: José Pereira (M. Olímpico), Carlos Vitorino (Campinense) e Manuel Claudino (Manique).

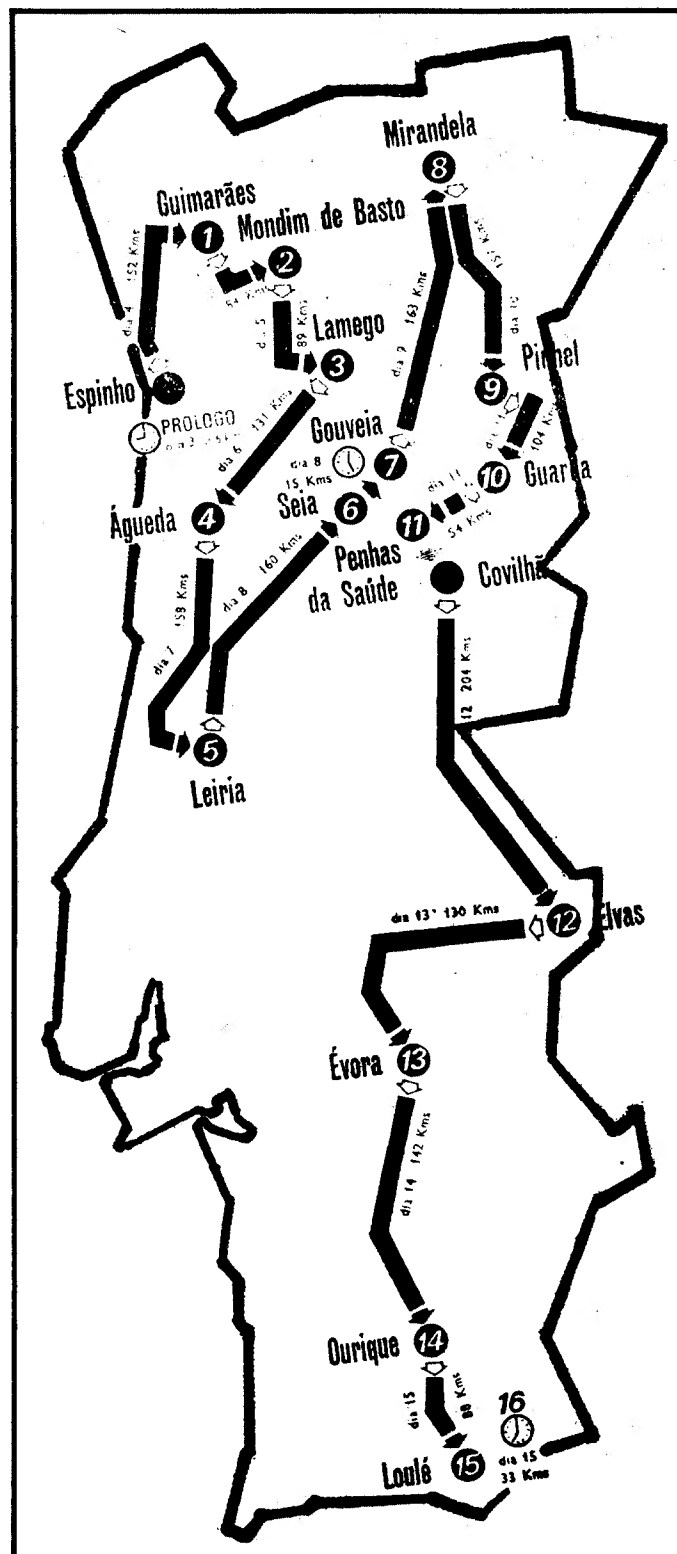
Décima quarta: Rui Azevedo (Sangalhos), Carlos Santos (Lousa) e Alfredo Gouveia (Coelima).

Décima quinta: Joaquim Sousa Santos (FC Porto), João Marta (Bombarralense) e José Sá (Zala).

Décima sexta: Guilherme Rocha (Coimbrões), António Castro (M. Olímpico) e José Madeira (Campinense).

Décima sétima: Vasco Belizário (Manique), Floriano Mendes (Sangalhos) e Marco Chagas (Lousa).

Décima oitava: Luís Teixeira



O traçado da corrida

(Coelima), Venceslau Fernandes (FC Porto) e Fernando Fernandes (Bombarralense).

Décima nona: Américo Silva (Zala), António Alves (Coimbrões) e Joaquim Silva (M. Olímpico).

Vigésima: Manuel Gonçalves (Campinense), Jacinto Paulinho (Manique) e Joaquim Andrade (Sangalhos).

Vigésima primeira: Firmino Bernardino (Lousa), Alexandre Rua (Coelima) e Adelino Teixeira (FC Porto).

Vigésima segunda: Francisco Miranda (Bombarralense), Fernando Mendes (Zala) e Belmiro Silva (Coimbrões).

É já no próximo domingo, dia 5, pelas 9 horas, que se realiza o 3.º Grande Prémio Estoril-Sol em bicicleta, prova destinada a jovens de ambos os sexos dos 4 aos 19 anos. Esta tradicional competição, organizada pela

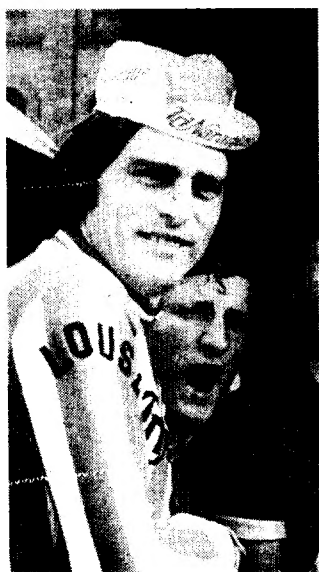
Estoril-Sol, terá este ano como director da corrida Alves Barbosa.

A exemplo dos anos transactos, aguarda-se a presença de cerca de duas centenas de pequenos concorrentes que, ao longo dos arruamentos circundantes ao Parque do Casino Estoril, darão largas às suas habilidades velocipédicas.

A prova tem a colaboração da Direcção-Geral dos Desportos e do Grupo Ciclista do Linho.

Entre 10 e 15 do corrente vai decorrer a «Volta a S. Miguel», numa extensão de 252 quilómetros, divididos por 5 etapas. Devem participar cerca de 40 ciclistas dos Açores, Madeira e continente. A Madeira estará representada pelas turmas do Ateneu do Funchal e do Águia/ Matimar.

VENCERAM A "VOLTA"



Firmino Bernardino



Adelino Teixeira



Belmiro Silva

farrobeira, Santa Bárbara de Nexe e Bordeira), 3 km, partida às 16.30 h.

PRÉMIOS MAIORES

Finalmente, destaque-se que os prémios estabelecidos para os primeiros da geral são os seguintes: 1.º, 60 contos; 2.º 36; 3.º 24; 4.º 18; 5.º 15; 6.º 12; 7.º 11; 8.º 10; 9.º, 8500\$00; 10.º, 7500\$00.

ADJUNTOS EXECUTIVOS

José João Porém Henriques, Manuel Tiago e Jaque Golçalves (directores da FPC) foram designados adjuntos da Comissão Executiva.

LOCAIS DAS METAS

ESPINHO: Av.ª 8 (junto à GNR)
GUIMARÃES: Pista do Estádio Municipal
MONDIM DE BASTO: Alto da S.ª da Graça (junto à Ermida)
LAMEGO: Serra das Meadas
ÁGUEDA: Av.ª Eugénio Pinheiro
LEIRIA: Pista do Estádio Municipal

ELES

Sessenta e seis ciclistas iniciam a 41.ª edição da Volta a Portugal. As equipas que representam são dez, mas nem todas elas com o máximo de corredores permitido (sete). Eis os ciclistas e a numeração correspondente:

COIMBRÕES/ FAGOR

1 Belmiro Silva; 2 Adão Costa; 3 Álvaro Piño; 4 António Alves; 5 Fabian Garcia; 6 Flávio Henriques e 7 Guilherme Rocha.

ZALA/ FUNDADOR

10 Américo Cardoso; 11 Américo Silva; 12 Fernando Mendes; 13 João Sampaio; 14 Joaquim Fonseca; 15 José Sá e 16 Raul Carvalho.

BOMBARRALENSE/ UNIROVAL

20 Benedito Ferreira; 21 Fernando Fernandes; 22 Francisco Miranda; 23 Georgino Seixas; 24 João Marta; 25 Lima Fernandes; 26 Raul Terêncio.

Firmino Bernardino; 54 Marco Chagas; 55 Raul Fachadas.

SANGALHOS/ ÓRBITA

60 António Dias; 61 Floriano Mendes; 62 Herculano Silva; 63 Joaquim Andrade; 64 Luís Gregório; 65 Rui Azevedo.

MANIQUE/ ABITAR

70 António Cristóvão; 71 Armindo Pereira; 72 Jacinto Paulinho; 73 Manuel Claudino; 74 Vasco Belizário; 75 Vitor Salvador

CAMPINENSE/ CARASONA

77 António Brás; 78 Carlos Vitorino; 79 Carlos Raimundo; 80 José Madeira; 81 Manuel Correia; 82 Manuel Gonçalves.

MANUFACTURAS OLÍMPICO

84 António Castro; 85 Fernando Pereira; 86 Joaquim Silva; 87 José Felpete; 88 José Monteiro; 89 José Pereira; 90 Laurentino Silva.

Vicente Campinas e Modesto Navarro na "Alfaómega"

Vicente Campinas, com «Homens e Cães», e Modesto Navarro, com «Fronteiras de Abril», são dois escritores (ambos já com uma vasta bibliografia) que marcam o lançamento de «Alfaómega», uma nova chancela que agora irrompe no encarpelado (porque economicamente reprimido) universo editorial (progressista) português.

De «Homens e Cães», e do seu autor, nascido no Algarve, escreve Urbano Tavares Rodrigues, em perfácio: «O talento de Vicente Campinas é essencialmente mimético. Basta ler a cena cruamente objectiva do despique entre os gândulos da rua e o velho pescador escarnecido pelos saltos e pelos ditos pulhas dos adolescentes. Um mini-Inferno, em Faro, aqui tão perto — e tão longe da dignidade de viver».

Quanto a Modesto Navarro, nos contos e outros textos que integram «Fronteiras de Abril», pretende mostrar, segundo se lê na badana, como no mundo fechado e oprimido do Nordeste Transmontano (de onde é natural) foram aparecendo aspectos fundamentais das mudanças

operadas com a queda do fascismo.

E para atingir esse objectivo, o autor de «O Soldado que Nunca, Nunca Foi Condecorado» (a sua obra mais conseguida em nossa opinião) parte da narrativa de situações de paralisia económica e social, transmitidas nas primeiras páginas, para um crescendo de vida: a queda das estruturas arcaicas, a emigração e a revolta que, sobretudo a partir da década de sessenta, foram nascendo entre as vastas camadas da população. Num livro que é, essencialmente, um laborioso «memorial» do homem nordestino, tendo como marco a fronteira que separou o antes e o pós-25 de Abril. Avançando depois sobre outras fronteiras que por ele vêm sendo vencidas, numa luta contra as condições de vida naquela região (das mais madrastras) de Portugal. Sendo tal como o livro de Vicente Campinas a prova documental de que a Revolução de Abril está viva, em cada gesto, em cada palavra da gente lusitana, seja nas terras agrestes do Nordeste Transmontano seja nas frias areias do litoral algarvio.

MANUEL GERALDO

ROTEIRO CULTURAL

José Afonso faz hoje meio século de vida com o canto na voz e palavras que aqueceram muitos durante longos anos de resistência. E fá-los continuando a aparecer onde é chamado, nas colectividades locais, numa intervenção de que não abdica. São os 50 anos da melhor música portuguesa que não terão câmaras e luzes na RTP, nem microfones na Rádio. Sócio da cooperativa de animação cultural «Era Nova», o maior cantor português, vai emprestando a sua voz aqui e acolá, hoje numa faculdade, amanhã em terras da Beira, a seguir em colectividades do Algarve. Vai onde é chamado. Mas a RTP e a RDP que o poderiam levar em instantes a todo o País, não sabem que existe. Meio século de vida que vale a pena, com os seus tamanquinhos pertinazes, ao serviço dos outros. Saúde e canto, Zeca.

O V Festival de Música da Costa do Estoril prossegue hoje com uma pequena alteração. Estava anunciado o «Trio Arcus», que, perante a impossibilidade de se apresentar, será substituído por um trio formado por Bruno Pizzamigilo (oboe) Ana Bela Chaves (viola) e Olga Prats (piano). Do programa, a ser executado no Pavilhão dos

Congressos do Estoril, constam, obras de Lécierc, Telemann, Bach, Milhaud e Donizetti.

No Algarve, para as suas férias musicais pode amanhã deslocar-se à Sé Catedral de Faro, e no silêncio e frescura do templo assistir a um recital de órgão e trombone. Emidio Coutinho (trombone) e Antoine Sibertin Blanc (órgão) executam obras de Manuel R. Coelho, António Vivaldi, Haendel e Georg Tellemann.

Mais ao centro, em Coimbra, está a decorrer um curso internacional de viola, flauta e piano. Curso intensivo que termina no próximo dia sete é frequentado por cerca de meia centena de alunos, na grande maioria estrangeiros. Apresentam-se ao público em Coimbra, amanhã, e depois em Figueira da Foz no dia seis.

Se não consegue libertar-se já do ópio televisivo, aproveite ao menos o que há de qualidade (e é tão raro!) a mini tela. Hoje, pelas 21 horas, Oscar Lopes, um dos críticos literários com uma das obras mais sérias atrás de si, apresenta nas «Letras Maiúsculas» contistas esquecidos. Cabe a recordação a Brito Camacho, quase exclusivamente conhecido por político (pernicioso nos destinos e dissidências da I República) polemista e jornalista fundador de «A Lucta».

Até dia 29 de Novembro



Saúde e canto para os 50 anos, feitos hoje, de Zeca Afonso

continua em aberto o prazo para a entrega de obras inéditas, em ensaio, artes plásticas e fotografias, sobre a obra anunciadora do neo-realismo português (pese em romance publicado em 1938 por Afonso Ribeiro), «Os Gaibéus» de Alves Redol de que estão a ser comemorados os 40 anos da sua publicação. Os trabalhos devem ser enviados à Comissão «Legado Alves Redol», com assento na Associação Portuguesa de Escritores, Rua do Loreto, 13-2.º Lisboa. Os prémios anunciados — Ensaio 30 contos; Artes Plásticas, 40.000\$00, fotografia, para os três melhores trabalhos, 15.000\$00, 7.500\$00 e 5.000\$00.

Os prémios serão atribuídos em Dezembro de 1979 e o júri é constituído por Eduardo Gageiro (fotógrafo); António da Paixão (técnico gráfico) e Faure da Rosa (escritor).

Uma sugestão do Roteiro: Lisboa ou a passar férias na capital, pode fazer um intervalo nas suas férias de praia e dar uma vista de olhos (não se arrependerá certamente) ao Museu Arqueológico, no Convento do Carmo, no Largo do mesmo nome. O telefone é 30473 e o Museu está aberto todos os dias (excepto à segunda-feira) das 11 às 18 horas. Instalado nas ruínas do Convento do Carmo (século XV) onde, segundo Aquilino reza, que Camões ia discutir verso a verso «Os Lusíadas» com o seu censor, pode encontrar arqueologia pré-histórica, pré-colombiana (vasos, estatuas, múmia), romana (marcos miliários), visigótica e medieval. E ainda uma estrutura medieval (túmulo de D. Fernando I), restos arquitectónicos epigráfica (romana, árabe, hebraica, medieval), cerâmica e numismática. É a nossa sugestão de hoje.

Em BUARCOS o **Diário de Lisboa** vende-se na PAPELARIA SATÉLITE

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS		(Por UNIDADE)	
E MOEDAS ESTRANGEIRAS		COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49\$10	53\$10	
ALEMANHA OCID. (marco)	26\$45	27\$55	
AÚSTRIA (xelim)	3\$55	3\$75	
BELGICA (franco)	1\$586	1\$686	
BRASIL (cruzeiro)	1\$20	1\$80	
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	40\$95	42\$95	
(notas de 5 a 1000)	41\$45	43\$45	
DINAMARCA (coroa)	9\$10	9\$50	
ESPAÑA (peseta)	\$711	\$811	
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	47\$95	48\$95	
(notas de 5 a 1000)	48\$45	50\$45	
FINLÂNDIA (marco)	12\$55	13\$15	
FRANÇA (franco)	11\$35	11\$95	
HOLANDA (florin)	23\$95	24\$95	
INGLATERRA (libra)	10\$925	11\$925	
ITALIA (lira)	\$054	\$064	
JAPÃO (iene)	\$203	\$233	
NORUEGA (coroa)	\$960	10\$10	
SUECIA (coroa)	11\$50	12\$10	
SUIÇA (franco)	29\$15	30\$25	
VENEZUELA (bolivar)	\$990	10\$90	

Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 2 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado nas regiões do Litoral a norte do Tejo onde chovia ou chuviscava e pouco nublado nas restantes regiões onde havia neblina em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

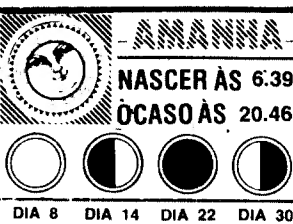
V. DO CASTELO	19°
BRAGANÇA	19°
VILA REAL	18°
PORTO	18°
P. DOURADAS	14°
COIMBRA	—
CABO CARVOEIRO	19°
PORTALEGRE	18°
LISBOA	20°
ÉVORA	21°
SINES	19°
BEJA	20°
SAGRES	20°
FARO	23°
PONTA DELGADA	—
FUNCHAL	22°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
9.22 3,2 m	22.45 1,7 m
21.55 3,2 m	15.21 1,7 m
Dia 3	
10.39 3,3 m	3.59 1,6 m
23.14 3,2 m	16.37 1,6 m
Dia 4	
11.49 3,4 m	5.07 1,5 m
	17.34 1,4 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado especialmente no Litoral a norte do Tejo onde poderão ocorrer períodos de chuva fraca ou chuveiro; vento fraco ou moderado do quadrante Norte; neblinas locais a Sul do Tejo; melhoria das condições meteorológicas a partir de amanhã.



rádio

1.º Programa

17.00 «Trajectória» (Programa da juventude); 18.44 Concurso de narração para crianças, organizado pela UER com a colaboração da RDP; 19.00 Música portuguesa; 19.30 «Jornal da noite»; 20.00 Música variada; 21.00 4.º episódio do folhetim «Lisboa em Camisa», de Gervásio Lobato; 21.15 Desfile musical; 22.00 Rádio serviço; 23.00 «Programa da noite»; 24.00 «Último jornal»

2.º Programa

17.10 Música de vanguarda. — «Visage», de Luciano Berio. Fita magnética baseada na voz de Cathy Berberian. — «Acústica» 1.ª parte de Mauricio Kagel. Gravação realizada pelo autor nos Estúdios da Rádio de Colónia; 18.00 Noticiário cultural; 18.10 Sinfonia OP. 16 «Harold em Itália», de Berlioz. Solista em viola de arco; 19.00 «O Canto e os seus intérpretes», por Maria Helena de Freitas; 20.00 Ensaio geral; 21.00 Sonata para piano n.º 11, em si bemol maior, OP.22, de Beethoven; 21.30 Aspectos da música de...; 22.00 Concertos no Teatro S. Luis. Colaboração dos Metais de Lisboa. — Partida a 4, de M. Praetorius. — Tarantela (adaptação Alan Civil), de Mendelssohn. — Es. Ist. En Ros'Entsprungen, de Brahms. — Battla Suite, de S. Sheldt; 22.21 Concertino, de Radamés Gnattali; 22.40 Música de todos os quadrantes; 23.00 Intercâmbio Musical — Música moderna espanhola. (Gravações cedidas pela Rádio Nacional de Espanha). — «Illun», de Antón Larrauri (com texto de Eusebio Quiruga); 23.36 Música sinfónica de Tchaikovsky. — Suite para orquestra n.º 2, em dó maior, op. 53. — Abertura solene «1812» op. 49; 00.28 Motetes de Orlando Lassus, pelo Coro da Catedral de Regensburg e Conjunto Instrumental das Produções «Archiv».

RÁDIO Comercial (290 m)

17.03 Contacto; 17.40 «Contacto com a música»; 18.45 «O Mundo da Fórmula 1»; 19.45 «Teatro Trágico» (com Parodiante de Lisboa); 20.00 Quando o telefone toca; 20.33 Cartaz; 21.00 Mensagens bíblicas; 21.20 Diálogo; 21.33 Quando o telefone toca; 22.33 Rubrica Musical; 23.00 Projectão

EMISSION ESTEREOFÓNICA (97,4 MHz)

15.03 ROCK EM STOCK; 18.03 HORA DE PONTA; 19.00 EM ORBITA; 21.03 FÓRUM.

RÁDIO RENASCENÇA

18.08 Apelos; 18.15 Igreja em notícia — Palavra do dia; Transmissão do Terço da Basílica dos Mártires; 19.00 Programa da liga dos amigos de RR; 20.00 Objectivo; 20.54 Apelos; 21.05 Espaço musical; 21.30 Ao Encontro da Grande Música; 22.00 Quando o telefone toca; 22.30 Temas Vivos; 23.35 Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 12 399

HORIZONTAIS:

- No tempo em que. Oferece. Artigo definido.
- Fecha as asas para descer mais depressa. Tornar pior.
- Sentidas Condições. Cabo da costa de Portugal.
- Consumiremos.
- Autoriza. Sufixo que designa estado.
- Apologia. Agarrei. Título honorífico na Índia.
- Caminhar. Rio da Suíça.
- Formara as abas a.
- Arquipélago da Polinésia. Composição poética.
- Acertarias.
- Pegas. Dera mios.

VERTICAIS:

- Quantum satis. Azar (pop.).
- Interjeição de dor. Justapor. Fruto da azeitona.
- Autores. Senhora. Vila e concelho do distrito de Portalegre.
- Contração da preposição em e o pronome demonstrativo isto. Sacode.
- Decote. Camareiras.
- Abreviatura que se usa em música. Nivelar.
- Semelhante.
- Adormece. Artigo definido. Nesse lugar.
- Jarro (planta). Espécie de cesto de vime. (Prov.).
- Esmocar.
- Anel. Estrépito de desmoronamento. Navio.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 8459

HORIZONTAIS:

- Calote (pop.). Idolatrada (fig.).
- Veremos.
- Cave. Amuralha.
- Guarnição de asas. Segue.
- Espalharias (fig.).
- Ósmio (s.q.). Tiras a cortiça.
- Cadenciados. Aqui.
- Dólmens. Preposição.
- Autores. Acrescentando uma vogal é vaso pouco fundo e de boca larga. Estômago (fig.).
- Fizeram doação de. Pátria.
- Percorreremos.

VERTICAIS:

- Antiga região da Ásia Menor, a O. da Arménia.
- Antepassados. Apelido. Nome de mulher.
- Naipes das cartas de jogar. Oferece. Osmio (s.q.).
- Sadia. Listas de iguarias de uma refeição.
- Mortificara (fig.).
- Oferece. Escorar.
- Agora. Campeões. Pronome pessoal.
- Examinas.
- Causais amuo a. Endurecimento da pele causado por atrito continuado.
- Magoa. Naipes das cartas de jogar.
- Guarnece de asas. Paixão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 398

HORIZONTAIS:

- CAO. Nas. QUE.
- Aparato. Nu.
- Sas. Oil. Eta
- Im. Além.
- Assomarei.
- Roma. Mal.
- Licor. Meada.
- Ara. Doe. Nós.
- Dil. Lie. Er.
- Raro. Cás. As.
- Asoto. Salmio.

VERTICAIS:

- Cassa. LADRA.
- Apá. Sairias.
- Oásis. Cairo.
- Moro. To.
- NAO. MORDE.
- Atram. Cio.
- Sol. Ramelas.
- Ae. Sa.
- Quelmane.
- Unte. Adoram.
- Amolas. So.

Provérbio: CAO QUE LADRA NÃO MORDE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8458

HORIZONTAIS:

- Partidas. Ar.
- Opiar. Ave.
- Romper. II.
- Troas. Gomos.
- Ut. Aaro.
- Gas. Apitara.
- Arrematados.
- Lear. Gari.
- Ms. La. Po.
- Co. Parreco.
- Assara. Coro.

VERTICAIS:

- Portugal. Cá.
- Aportaremos.
- Rimo. Sras.
- Tapas. Er. Pá.
- Ires. Am. Lar.
- Apagara.
- Au. Gaita.
- Cortar. Ec.
- Moadi. Co.
- Avio. Ro. Por.
- Reis. Asco.

Lisboa

PERMANENTE
(Hoje)

ARNALI, Rua Escolas Gerais, 88-A (Telef. 863940); **DILENA**, Rua Aliança Operária, 49-AB (Telef. 636620); **SANEX**, Av. da Igreja, 31-C (Telef. 897505); **PROVIDENCIA**, Rua D. Filipa Vilhena, 9-C (Telef. 770324); **BENFICA**, Est. Benfica, 678-E (Telef. 702532); **ALMEIDA**, Rua Silva Carvalho, 136 (Telef. 681726); **ACOREANA**, Lg. Conde Barão, 2 (Telef. 661330); **CENTRO DA LAPA**, Rua Navegantes, 10 (Telef. 661734); **BRANCO**, Av. Duque de Loulé, 61-65 (Telef. 545048); **CARRONDO**, Rua Padre Sena Freitas, 10-A (Telef. 842518); **MARLUZ**, Cç. da Picheleira, 140-BC (Telef. 880703); **MIRAMAR**, Rua Ernesto da Silva, 83 (Telef. 2112048); **LEITÃO**, Rua Guil. Gomes Fernandes, 62 (Telef. 910051); **CÉSAR FERNANDES**, Az. dos Bezouros, Lote R-8 (Telef. 991328).

REFORÇO

ESPERANÇA, Rua Carlos Mardel, 101-B (Telef. 882668); **BAIRRAO**, Rua Prior do Crato, 27 (Telef. 661321); **GUERRA**, Rua Andrade, 32-36 (Telef. 845513); **MORAO**, Rua da Assunção, 17-19 (Telef. 860700); **ZIRA**, Pr. das Casas Novas, L. 66 (Telef. 311216); **BELEM**, Rua Tristão Vaz, 10-A (Telef. 612248); **GASPARINHO**, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (Telef. 890465); **ALAMEDA**, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Telef. 790942); **J. RIBEIRO**, Est. da Luz, 199-A (Telef. 780969); **MADRE DE DEUS**, Rua da Margem, 15-B (Telef. 382470); **SAGRES**, Av. Luis Bivar, 69-71 (Telef. 547213); **BRITO**, Rua do Colégio, Lote 32-B (Telef. 993351); **VAZ MARTINS**, Rua António Ferro, 6-A (Telef. 970660); **NOVA**, Rua Açores, 11-A (Telef. 910305); **MA-TOS**, Tv. Prioras (Viv. Morgadinho), (Telef. 2519939).

Outra Banda

ALMADA, Silva Júnior, Av. Frederico Ulrich, 9-2.º Piso E (Telef. 2768030); **COVA DA PIEDADE**, Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Telef. 2494182); **LARANJEIRO**, Moderna, R. Dr. António Elvas, 84 (Telef. 2490305); **COSTA CAPARICA**, Carlos, Av. do Mar, 34-A (Telef. 2490305); **SESIMBRA**, Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (Telef. 2233028); **BARREIRO**, Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (Telef. 2073035); **AMORA**, Julieta Campos, R. Ribastejo, 2 Cruz de Pau (Telef. 2211131); **SEIXAL**, Godinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580); **MONTIJO**, Giraldez, R. Almirante Reis, 45 (Telef. 2310008); **MOITA**, Giraldez, R. Almirante Reis, 45 (Telef. 2310008); **VEDROS**, Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 204250); **ALCOCHETE**, Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137).

Linha de Cascais

ALCABIDECHÉ, Carvalho, Até às 21 horas; **PORTO SALVO**, Ferreira Bastos, Até às 21 horas; **CARCAVELOS**, Central, Até às 22 horas; **CARCAVELOS**, Vilar, Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA**, Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (Telef. 260085); Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS**, Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco (Telef. 2435147); Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS**, Mourão, Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS**, Leal, Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE**, Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Telef. 2471785); Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE**, Junqueira Mendes, Até às 21 horas; **AMOREIRA**, Amoreira, (Telef. 262313-267314); **MONTE ESTORIL**, Ostende, R. de Espinho, 1 (Telef. 260391); Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Misericórdia**, R. Regimento, 19, 41 (Telef. 280141); Até às 21 horas; **Cascais**, R. Conde Monte Real - B.º Caixas (Telef. 282407). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA, Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210) Permanente; **Melo**, P. D. João I, 9-B (Telef. 932756); Até às 22 horas; **DAMAIA**, D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461); **QUELUZ**, André, Av. Elias Garcia, 151 (Telef. 950043); **CAMARATE**, Nova, R. Cid. Lisboa, 94 (Telef. 2518726); **CACÉM**, Araújo e Sá, Est. de Paço de Arcos, Lote 1-B (Telef. 2940781); **MEM MARTINS**, Quimila, Est. Mem Martins, 285 (Telef. 2910012) Permanente; **AGUALVA-CACÉM**, Mira Sintra, P.N.-Torre, 310 - Até às 20.30 horas; **MERCÊS**, Claro Russo, Até às 21 horas; **RIO DE MOURO**, Av. Oscar Mont.º Torres, 8 (Telef. 2960194); Até às 23 horas; **SINTRA**, Gomes da Silva (Portela), Permanente; **COLARES**, Abreja, (Telef. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

NAU VITÓRIA - Rua Nau Vitória, 723. Tel. 490427; **ORDEM DA TRINDADE** - Rua Heróis e Mártires de Angola, Tel. 27420; **CONFIANÇA** - Rua de Santa Catarina, 960. Tel. 22884; **ANTAS** - Av. Fernão de Magalhães, 1076. Tel. 48158; **ANTIGA PORTA DO OLIVAL** - Campo Mártires da Pátria, 122. Tel. 24262; **FERREIRA** - Praça D. Afonso V, 55-B. Tel. 681975; **LOUSADA** - Largo do Campo Lindo, 62. Tel. 480353.

(De dia e toda a noite)

ALVES DA SILVA - Av. da Boavista, 1016. Tel. 60342; **AZEVEDO** - Rua de Azevedo, 136. Tel. 52344; **GOMES FERREIRA** - Rua Faria Guimarães, 449. Tel. 481907; **FALCAO** - Rua de Santo Ildefonso, 61. Tel. 21566.

Coimbra

MONTES CLAROS - R. Dr. António J. Almeida, 69. Tel. 25904; **CRUZ VIEGAS** - R. do Brasil, 154. Tel. 74821.

abcCINE

803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A (18 anos)
14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45 h
INTERIORS/INTIMIDADE
Filme de Woody Allen
SALA B (13 anos)
As 15, 17, 19 e 21.30
OS 39 DEGRAUS
23.45
BANANAS

ALVALADE

897480

Av. de Roma
Hoje e amanhã
às 15.15, 18.15 e 21.30
Para Todos (6 a.)
O INVENIVEL HOMEM-ARANHA
c/ Nicholas Hammond
3.ª semana

APOLO

763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h
O CEU PODE ESPERAR
Não acons. men. 13 anos
Hoje e todos os dias às 23.30
- Não acons. men. 13 anos
A HISTÓRIA DE FERNÃO CAPELO GAIVOTA

AVIS

547163

Av. Duque D'Ávila, 45
As 15.30, 18.30 e 21.30
anos
Um filme para si que é jovem e para si que é adulto!
UM JOVEM E UM SENHOR
com Ornella Muti - Sérgio Fantoni

BERNA

776098

Av. Marquês de Tomar
WALT DISNEY Productions apresenta
SE O MEU CARRO FALASSE
com Dean Jones/Michèle Lee David Tomlinson
Para Todos /// Technicolor
As 14, 16.30, 19 e 21.30

CALEIDOSCÓPIO

795093

Campo Grande
As 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
um filme de Randal Kleiser - colorido
GREASE
(Brilhantina)

CASTIL

580194

Rua Castilho
As 15.30, 18.30 e 21.30 h n. acons. m/18 anos
(FILME APOSI INICIO DAS SESSÕES)
Um dos maiores filmes de sempre!
A VIAGEM DOS MALDITOS
(Voyage of the Damned)
c/Faye Dunaway/Max von Sydow/Orson Welles

CINE 222

Tel. 579460

Av. Praia da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
As 14.15, 16.30, 19, 21.30
- N. ac. men. 13 a
UMA RAZÃO PARA VIVER
23.45
O TOCK DA MEDUSA
Diariamente às 11 h.
Para todos
TRÊS AVELAS PARA CINDERELA

CINEBOLSO

573407

Rua Actor Taborda, 27-B
As 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 Int. m/18 anos
-Naquela herdade havia novos métodos de reforma agrária...
RATINHA AO SOL
24.00
AUDREY ROSE
não acons. men. 13 anos
com Marser Mason-Anthonn Hotkuis

CINE CAMÕES

324194

Rua de Loreto, 15
Sessões às 14, 16.30 e 21.30 h N. ac. a m. 13 a
CHAMAM-ME DÓLARES
Terence Hill, Jackie Cheas e Valerie Peny

CITY CINE

549999

Rua Tomás Ribeiro, 34
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30 n. ac. m/13 anos
MORTE EM VENEZA
um filme de Luchino Visconti
c/Dirk Bogarde e Silvana Mangano
23.45
O HOMEM DAS PISTOLAS DE OURO
de Edward Dmytrych

CONDES

322523

Av. da Liberdade, 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30
As 21.30
O PEQUENO BANHISTA
Para todos
c/Louis de Funés

DOIS MIL

2100055

Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés
15.30, 21.30
ESCOLA DE NAMORADOS
não acons. men. 18 anos

D. JOÃO V

971794

Praça Centro Comercial - Damaia
21.15
não acons. men. 13 anos
A GRANDE DECISÃO

EDEN

320768

P. dos Restauradores, 21
Charles Bronson/Lee Remick/Donald Pleasence em
TELEPHONE
Um filme de Don Siegel, Metrocolor
Não acons. a men. de 13 anos

ESTUDIO

555134

Av. Afonso Henriques, 35
21.30 4.ª semana
Int. men. 18 anos
um filme de Stanley Kubrick
as aventuras de um jovem cujas principais inclinações são a violência e Beethoven!
LARANJA MECÂNICA

ESTUDIO 444

779095

Av. Defensores de Chaves, 63
15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. m. 18 anos
Uma fortuna para o finalista entre
LOUCOS SOBRE RODAS
com Joe Don Baker, Susan Sarandon
depois de Lemans a pista mais dura do mundo!

EUROPA

661016

R. Almeida e Sousa, 35
2 sessões: 21.15, e 21.30
não acons. men. 14 anos
REPUDIADA
Amadeo Nazzari, Ivone Sanson
18.15 em QUINTA-FEIRA À TARDE
não acons. men. 13 anos
A ÚLTIMA NEVE DA PRIMAVERA
com Agostina Belli - Renato Ceste

IMPERIO

555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
21.00
não acons. men. 13 anos
Alain Delon e Véra Lisi em
A TULIPA NEGRA
amor e aventuras! Movimento e acção!
UM FILME DE Christian Jacque
15.15/18.30 últimas de
LARANJA MECÂNICA
3.ª semana

LONDRES

801313

Av. de Roma, 7-A
14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Int. men. 13 anos
8.ª semana, um filme sublime do grande realizador Robert Altman
UM CASAMENTO

MONUMENTAL

555131

P. Duque de Saldanha 3.ª semana
As 15.15, 18.15 e 21.30 h.
Não acons. men. 13 anos
CONTINUAM A CHAMAR-ME TRINITA
c/ Bud Spencer e Terence Hill

MONTECARLO

Tel. 681117

A. Pedro Alvares Cabral, 37
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O CÓDIGO DA MÁFIA
Um filme de Paul Wendkos
c/ Joseph Bologna, Brenda Vaccaro e Raf Valone
2.ª semana

MUNDIAL

538743

R. Martens Ferrão, 12-A
15.15 18.30 e 21.30 h
O NOSSO AMOR DE ONTEM
2 "Oscars" da Academia
Barbra Streisand, Robert Redford
Não acons. men. 13 anos
5.ª semana

NIMAS

574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14.30 16.45 19 e 21.30 h
Com Art. Carney e Lily Towdin
A ÚLTIMA INVESTIGAÇÃO
um filme de Robert Altman
Interdito a menores de 13 anos

NOVOCINE

840678

Av. General Roçadas, 7
15.15 e 21.30
Int. men. 18 anos
uma mulher muito especial
LAURA
com Annie Belle e Emmanuelle Arsan
contém cenas eventualmente chocantes

ODEON

326283 4

R. Condes, 12 a 20
15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 18 anos
DISPOSTA A TUDO
Muitos dos problemas dos casais de hoje
2.ª semana

PATHE

821933

R. Francisco Sanches, 122
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
O MONTE DOS VENDAVAIS
c/ Laurence Olivier e David Niven

POLITEAMA

326305

R. Portas de St.º Antão
Estreia, 14.15, 16.30, 19.00,
não acons. men. 18 anos
CONTINUA AMETER O TEU DIABO NO MEU INFERNO
com: António Cantalora e Rose Marie

QUARTETO

771378

R. Flores do Lima, 16
SALA 1 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 (Int. m/18 anos)
A MULHER, O CORPO E O ESPÍRITO
Real: Gilles Carle
SALA 2 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 Int. m/13 anos
JONAS
Realiz. Alain Tanner

RESTELO

610375

Av. Torre de Belém
As 15.30 e 21.30 h.
Interdito men. 13 anos
Alain Delon no seu melhor filme de acção
A MORTE DUM CANALHA
C/Stephane Audran, Mireille Darc e M. Rone
Em 5.ª semana

ROMA

887778

Av. de Roma, Lote JRB
As 15.30, 18.30 e 21.30
Para todos m/6 anos
Louis de Funés em
O PEQUENO BANHISTA
Um festival de gargalhada!

ROXY

548560

Av. Almirante Reis, 20
Charles Bronson/Lee Remick/Donald Pleasence em
TELEPHONE
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Um filme de Don Siegel, Metrocolor
Não acons. a men. de 13 anos

SÃO JORGE

579144-579344

Av. da Liberdade, 175
As 15.15, 18.30 e 21.30
Interdito a men. 13 anos No ciclo "Grandes Realizadores"
NOSTALGIA DO AMOR/PRIMO AMORE
Um filme de Dino Risi
com Ugo Tognazzi

SATÉLITE

562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
As 15, 17, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
MELODIA PARA UM ASSASSINO
c/ Harvey Keitel e Tisa Farrow
2.ª semana

STAR

804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Int. men. 13 anos
15, 18 e 21.30
OS NOVOS MONSTROS
com Vittorio Gassman, Ornella Muti, Alberto Sordi e Ugo Tognazzi

TERMINAL

371573

Estação do Rossio
Sessões: 12.00, 15.00, 18.15, 21.30 n. ac. m/13 a.
A NOITE DOS GENERAIS
A noite que esconde o segredo dos homens
Peter O'Toole, Omar Sharif, Tom Courtenay
Atenção: O filme começa a projectar logo após o início da sessão

TIVOLI

570595

Av. da Liberdade, 188
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
A BATALHA DE MIDWAY
com Charlton Heston/Henry Fonda/James Coburn/Glenn Ford
Não acons. a men. de 13 anos Technicolor
Atenção: este filme será apresentado na espantosa multi-dimensão de SENSUR-ROUND

VOX

880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 679
15.18.15 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O MASSACRE DOS BOLIDES
c/Ron Howard e Nancy Morgan

ZODÍACO

Tel. 570551

Rua Conde de Redondo, 5
As 14.15, 17.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a
A TORRE DO INFERNO
c/ Steve McQueen, Faye Dunaway e Paul Newman

lubrificantes

GALP

a máquina é exigente

PEANUTS



Inflação, recessão, desemprego — herança pesada para Lurdes Pintasilgo

A inflação mais elevada da zona da OCDE nos últimos meses e a assinatura de novo acordo com o Fundo Monetário Internacional são os principais problemas que se vão deparar imediatamente ao Governo de Lurdes Pintasilgo.

Os preços no consumidor cresceram em Portugal 24,2 por cento entre Junho de 1978 e Junho de 1979. Em Abril e Maio, este crescimento foi, respectivamente, de 3,1 e 3,2 por cento.

A inflação, como os números realçam, assume já proporções

importantes, contribuindo para a crescente queda dos salários reais e, consequentemente, para a retracção do consumo interno, dificultando o escoamento da produção das empresas.

Este é um problema tanto mais importante quando se verifica que, não obstante a subida dos preços do petróleo nos mercados internacionais, Portugal ainda não alterou os preços da venda dos combustíveis, nem adoptou medidas que se possam considerar drásticas para reduzir o seu consumo.

Tais medidas têm efeitos imediatos na inflação e na produção industrial, agravando os factores de pressão já existentes e tendentes a estabilizar um clima recessivo na indústria.

A OCDE previu que a taxa de crescimento do produto industrial português deve descer, em 1979, para três por cento, contra seis em 1978 e 13 em 1977.

A indústria transformadora já sofrera em 1978 um decréscimo acentuado no ritmo de expansão (3,3 por cento) — afirma o último relatório do Banco de Portugal.

Este crescimento, apesar de baixo relativamente a anos anteriores, foi fundamentalmente sustentado pelas indústrias de bens alimentares e bebidas, cuja produção cresceu 8,6 por cento. Em contrapartida, a utilização da capacidade produtiva baixou nos últimos meses de 1978, não tendo recuperado significativamente no primeiro semestre de 1979, apesar do crescimento das exportações — segundo relatórios divulgados pelo Ministério da Indústria.

A redução da procura interna, devido à queda do consumo privado, tem desempenhado um importante papel na evolução da economia, ao libertar produtos para exportar.

Em 1978, o produto gerado pelas indústrias têxtil, de vestuário, calçado, madeira e mobiliário foi idêntico ao de 1977, não obstante o grande dinamismo revelado pelas exportações.

No primeiro trimestre de 1979 o produto industrial estagnou, apresentando uma ténue recuperação no segundo trimestre, como efeito de procura externa. No entanto, a produção de bens de capital decresceu.

Esta evolução da produção industrial tem-se reflectido negativamente no emprego. Em 1978, o número de desempregados atingia os 350.000 (8,4 por cento da população activa). Tais valores, constantes do relatório do Banco de Portugal, são calculados com base no inquérito permanente ao emprego do INE, cujas insuficiências os economistas reconhecem unanimemente. O desemprego e a queda da capacidade de compra das classes de rendimentos mais baixos são outros tantos problemas que terão de ser frontalmente encarados pelo Governo de Maria de Lurdes Pintasilgo.

Todos estes problemas terão de ser equacionados com vista à assinatura de um novo acordo com o Fundo Monetário Internacional, cujas negociações já se encontram em fase bastante adiantada, segundo recentes declarações públicas do Ministro das Finanças Jacinto Nunes, cabendo ao próximo Governo a sua conclusão.

No entanto, antes da assinatura, o Governo poderá ser posto perante a contingência de elevar os preços de bens essenciais das empresas públicas e de redefinir a política de crédito que, segundo alguns meios industriais, está a asfixiar um grande número de empresas.

Um quilo de pêssegos comprados na rua pode pesar apenas 800 gramas

Um quilo de fruta pode não pesar, de facto, mil gramas. Isso ocorre com frequência na rua, quando o incauto cliente compra pêssegos, uvas, laranjas, morangos e outras espécies frutícolas a vendedores ambulantes. As excepções, bem poucas, confirmam a regra. Comprar fruta na rua é um risco. É bem sério.

Aconteceu agora a um leitor nosso adquirir pêssegos por esse meio. O resultado saiu-lhe bem caro: pediu um quilo de pêssegos e constatou, em casa, que apenas lhe venderam 800 gramas daquela fruta. Balança propostadamente mal aferida e efeitos de prestidigitação chegaram ao vendedor para enganar o cliente em 200 gramas.

Note-se que normalmente acontece, nestas circunstâncias, que o vendedor não deixa a cliente escolher a fruta (foi o caso), pelo que há o risco de dois (foi também o que ocorreu) ou três exemplos não poderem ser aproveitados, em especial por apresentarem más condições de conservação. Depois, quando afinal, se compra a fruta a um preço pouco mais barato que aquele que está afixado nos mercados e casas da especialidade é que o cliente verifica em toda a extensão o grande logro em que caiu.

A leitora do «DL» que chegou a casa com menos 200 gramas de pêssegos, pagando as 800 (de um fictício quilo) a preço de ouro, lembrou-nos também o facto do cartucho ter 50 gramas de peso. Como atrevimento, por parte do vendedor, foi obra. Fruta comprada na rua, alto lá: há que ver quem a vende!

OPEP decide novos aumentos?

A OPEP parece estar prestes a aumentar novamente os preços do petróleo, porque grande parte dos países membros da Organização estão preocupados pela queda do dólar e sentem-se descontentes com os preços estabelecidos em Junho passado.

Segundo os observadores, qualquer aumento aprovado deverá ser necessariamente pequeno (comparado com os

42% recentemente decididos) embora possa vir a afectar os preços dos combustíveis no consumidor.

A próxima reunião da OPEP está prevista para o mês de Dezembro, em Caracas, mas os países membros da Organização, ao que se sabe, estão a preparar uma reunião extraordinária para discutir os novos preços, reunião essa que poderá ter lugar no próximo mês.

TEM FALTA DE ESPAÇO EM SUA CASA?

APRESENTE-NOS UMA SIMPLES IDEIA OU DESENHO, POIS NÓS EXECUTAMOS MÓVEIS DE TODOS OS MODELOS OU MEDIDAS

REQUINTE — MÓVEIS E ESTOFOS

(FABRICANTES)

Av. Almirante Reis, 110 — Telefone 82 28 91
(Defronte da Cervejaria Portuguesa)

O roubado também foi preso

Roubado e ladrão acabaram por ficar ambos presos depois de uma movimentada cena recheada de episódios curiosos.

Há uns dias, o empregado de seguros Moreira, de 26 anos, conseguiu vir à tona com o agente comercial Sebastião de cinquenta e seis anos, girando a conversa à volta da compra e venda de moeda estrangeira, estando o primeiro interessado em comprar e o segundo em vender.

Foi ontem o dia marcado para a transacção e pelas treze horas encontraram-se na rua de S. Sebastião da Pedreira. Com receio das autoridades, o Moreira escolheu uma escada para a troca e ali, usando de violência, arranca a mala da mão do Sebastião fugindo em seguida perseguido pelo outro aos gritos da praxe «agarra que é ladrão».

O fugitivo escolhe uma garagem e nesta um automóvel sob o qual se esconde, depois de se desfazer dum revólver (aliás de alarme). Veio a Polícia e ficou preso, mas a mala apenas continha dois mil e quinhentos escudos e não o correspondente a 700 contos em dinheiro estrangeiro, que estava combinado. O restante encontrava-se ainda na algebeira do Sebastião que não confiara, e muito bem, na mala.

A caminho da esquadra o Sebastião passou para um amigo um pacote contendo: seis mil dólares US, dez mil marcos e cinquenta mil cruzeiros, mas acabaria por confessar, razão por que, um por roubo e outro por negócio ilícito de divisas, foram os dois detidos e vão hoje presentes ao Juízo de Instrução Criminal.

Greve na Bolívia

A principal central sindical da Bolívia pediu para hoje uma greve geral de protesto contra alegadas fraudes na eleição presidencial de Julho.

A central sindical disse que a greve de um dia visava pressionar o Parlamento a proclamar presidente o progressista Her-

Esquerda radical tenta coligação eleitoral

Continuação da pág. 1.

MES e da UDP de tentarem construir uma plataforma eleitoral de unidade popular se relaciona com a atitude do deputado Acácio Barreiros.

Amanhã na Casa da Imprensa, Eduardo Ferro Rodrigues, Nuno Teotónio Pereira (MES) e João Espada (UDP) entre outros, apresentarão uma declaração política sobre as eleições intercalares e a viabilização duma candidatura que sirva a unidade popular. Os militantes

do MES pertencem à tendência que saiu derrotada do IV Congresso daquele partido cujas conclusões apontam para uma recomposição das forças da esquerda radical em torno de um programa de cooperação com as forças do socialismo democrático. Os militantes da UDP que se juntaram a esta iniciativa são dissidentes do PCP (R). Entretanto o MES convocou desde já uma conferência de imprensa para a próxima terça-feira em que serão explicadas as alterações da linha política saídas do IV Congresso. Pensa-se que esse encontro com os jornalistas permitirá ao MES clarificar a sua posição face ao comportamento de alguns militantes seus.

A esquerda radical será assim cenário de um debate que não está isento de novas fracturas, ou seja, o contrário de que o MES desejaria. O nascimento de uma coligação eleitoral não será fácil, daí o interesse das movimentações anunciadas e que levaram já à demissão de Acácio Barreiros da Comissão Permanente da UDP. Consta igualmente que o PCP (R), que é tido como força dominante da superestrutura da UDP, não desejaria incluir o nome de Acácio Barreiros como cabeça de lista nas candidaturas a apresentar em breve.

«A Voz do Povo» cujo director

é João Espada seria, no caso de uma candidatura de unidade popular, o órgão por excelência dessa coligação de partidos e organizações políticas.

Hospitais funcionam

Continuação da pág. 1.

não pode legalmente convocar e cujas intenções de desestabilização política são mais evidentes», recorda, que o «motivo invocado para esta paralisação de trabalho prende-se com a exigência de promulgação de um «Estatuto do Médico» que a Direcção da Ordem dos Médicos negociou com o Governo exonerado e do qual nunca se deu conhecimento à classe.» «Na situação política actual — refere ainda o comunicado — com o Governo Mota Pinto exonerado e com um Governo apenas empossado, tornam-se mais claras as razões desta pretensa «greve»: a desestabilização política e o frete ao PPD e ao CDS, interessados em inviabilizar a saída constitucional da crise.»

QUADROS A ÓLEO

ASSIM COMO LUSTRES, CANDEEIROS, ESTATUETAS, BIBELOTS E PEÇAS DECORATIVAS, ENCONTRARÁ ENORME VARIEDADE:

GALERIA ACTUAL — Móveis e Decorações

AVENIDA DA REPÚBLICA, 12 (Perto do Saldanha)

SÉNECA

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

- 1.º PRÉMIO — 8 678 — 30000 CONTOS
- 2.º PRÉMIO — 35 774 — 6000 CONTOS
- 3.º PRÉMIO — 33 479 — 3000 CONTOS

Consulte a lista oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA PORTO COIMBRA BRAGA SETÚBAL FARO.